Caderno de Squibs

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM

V. 8 - N. 1 - 2022

Caderno de

Squibs

Caderno de Squibs

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM
V. 8 | N. 1 | 2022

ORGANIZADORES

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Universidade de Brasília

Helena da Silva Guerra Vicente
Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Morais Ferreira
Universidade de Brasília

Arion de Souza Cruz
Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron
Universidade de Brasília

CONSELHO EDITORIAL

Helena da Silva Guerra Vicente
Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron
Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Morais Ferreira
Universidade de Brasília

Bruna Elisa da Costa Moreira
Universidade de Brasília

Cristiany Fernandes da Silva
Universidade de Brasília

APOIO
Laboratório de Estudos Formais da Gramática – LEFOG
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Universidade de Brasília

CONSELHO CIENTÍFICO

Aroldo Leal de Andrade
Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Rosa Ana Augusto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Indaiá de Santana Bassani
Universidade Federal de São Paulo

Simone Lúcia Guesser
Universidade Federal de Roraima

Ana Paula Quadros Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Telma Moreira Vianna Magalhães
Universidade Federal de Alagoas

José Ferrari Neto
Universidade Federal da Paraíba

Roberta Pires de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

Gabriel de Avila Othero
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sandra Quarezemin
Universidade Federal de Santa Catarina

Núbia Saraiva Ferreira Rech
Universidade Federal de Santa Catarina

Marcelo Amorim Sibaldo
Universidade Federal de Pernambuco

Claudia Roberta Tavares Silva
Universidade Federal de Pernambuco

André Luis Antonelli
Universidade Estadual de Maringá

Fábio Bonfim Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais

Andrew Nevins
Universidade Federal do Rio de Janeiro
University College London

Andrea Knöpfle

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Universidade de Brasília

Alessandro Boechat de Medeiros
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bruna Elisa da Costa Moreira
Universidade de Brasília

Jairo Morais Nunes
Universidade de São Paulo

Déborah de Mendonça Oliveira
Universidade Católica de Brasília

Lilian Coelho Pires
Univ. do Estado de Santa Catarina

Poliana Camargo Rabelo

Alexandre Costa-Leite
Universidade de Brasília

Ana Paula Scher
Universidade de São Paulo

Maria Cristina Figueiredo Silva
Universidade Federal do Paraná

Keli Cristiane Eugênio Souto
Universidade Estadual de Montes Claros

Zenaide Dias Teixeira
Universidade Estadual de Goiás

Thiago Costa Chacon
Universidade de Brasília

Aveliny Mantovan Lima
Universidade de Brasília

Ezekiel J. Panitz
Universidade de São Paulo

Leonor Simioni
Universidade Federal do Pampa

Patricia de Araujo Rodrigues
Universidade Federal do Paraná

Helena da Silva Guerra Vicente
Universidade de Brasília

Rerisson Cavalcante de Araújo
Universidade Federal da Bahia

Carlos Felipe da Conceição Pinto
Universidade Federal da Bahia

Lara Frutos González
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília

Teresa Cristina Wachowicz
Universidade Federal do Paraná

Virgínia Andrea Garrido Meirelles
Universidade de Brasília

Esmeralda Vailati Negrão
Universidade de São Paulo

Maria Eugenia Lammoglia Duarte
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Eduardo Kenedy
Universidade Federal Fluminense

Renato Miguel Basso
Universidade Federal de São Carlos

Aquiles Tescari Neto
Universidade Estadual de Campinas

Suzana Fong
Massachusetts Institute of Technology

Jéssica Viana Mendes
University of Maryland

Ana Regina Vaz Calindro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lílian Teixeira de Sousa
Universidade Federal da Bahia

Janayna Maria da Rocha Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais

Karina Gomes Bertolino
Universidade de São Paulo

Adeilson Pinheiro Sedrins
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Maria José Gnatta Dalcuche Foltran
Universidade Federal do Paraná

Roberlei Alves Bertucci
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Marcos Barbosa Carreira
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Eneida de Goes Leal
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes
Universidade Estadual de Campinas

Luisandro Mendes de Souza
Universidade Federal do Paraná

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

LEITURA E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS
Elisabete Luciana Morais Ferreira
Arion de Souza Cruz
Paula Guedes Baron

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Rodrigo Araújo

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG).
Vol.8, N.1 (Jun. 2022). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.
Semestral. 2015.

ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)

CDD 410
CDU 81

SUMÁRIO

8 NOTA INICIAL

10 APRESENTAÇÃO

SQUIB CONVIDADO

15 TESTANDO EXPRESSÕES COM CONTEÚDOS MISTOS
Luisandro Mendes de Souza

SQUIBS

31 NULL BARE SINGULAR SUBJECTS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: TOPIC DROP, NOT ARGUMENT ELLIPSIS
Ezekiel Panitz

41 AFASIAS E CLASSIFICAÇÃO: JARGONOFASIA COMO DESORDEM SEMÂNTICO-SINTÁTICA
Verônica Franciele Seidel

48 A NOTE ON BRAZILIAN PORTUGUESE NON-SENTENTIAL WH-EXCLAMATIVES
Matheus Leopoldino da Cruz | Paulo Medeiros Junior

63 A CODIFICAÇÃO DE EMOÇÕES NA LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DE ABORDAGENS SEMÂNTICAS
Thuany Teixeira de Figueiredo

ARTIGOS

79 DOIS TIPOS DE RELATIVAS APOSITIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
Fabiola Boareto Ramos

94 FLAVORS OF INTENSITY AND EMPHASIS: THE CASE OF *MUITO* IN BRAZILIAN PORTUGUESE
Luciana Sanchez-Mendes

110 THE SEMANTICS OF (NOT SO) BARE NOMINALS IN RIOPLATENSE SPANISH
Carolina Oggiani

NOTA INICIAL

SOBRE O TERMO *SQUIB* EM LINGUÍSTICA POR MARCUS LUNGUINHO

O termo *squib*, tal qual se conhece em Linguística, é uma criação atribuída ao linguista John Robert Ross e se refere a um gênero textual que ficou popular a partir dos anos 1960 com a revista *Linguistic Inquiry*, que teve Ross como um dos primeiros responsáveis pela seção destinada justamente à publicação desse tipo de textos, denominada *Squibs and Discussion*.[1]

Como um gênero textual, o *squib* apresenta características específicas tanto de forma quanto de conteúdo. No que se refere à forma, um *squib* é um texto curto, cuja extensão é medida em termos de páginas ou de número de palavras a depender do periódico. Por exemplo, na revista *Linguistic Inquiry*, o manuscrito de um *squib* não pode ultrapassar doze páginas escritas em espaço duplo.[2] Já na revista brasileira D.E.L.T.A. (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), o manuscrito de um *squib* deve ter extensão máxima de 6000 palavras.[3]

No que se refere ao conteúdo, um *squib* é um texto que aborda questões pontuais, tanto de natureza teórica quanto empírica. Do ponto de vista teórico, um *squib* pode trazer uma reflexão crítica sobre aspectos internos de uma teoria, tais como inconsistências internas, pressupostos que não estão apresentados de maneira explícita ou que precisam ser incorporados de modo a que essa teoria possa fazer as previsões corretas e/ou desejáveis. Já do ponto de vista empírico, um *squib* pode apresentar um conjunto de dados que servem para confirmar as previsões de uma teoria ou que se configuram como problemas para essa teoria. Os problemas apontados no *squib* podem ou não ser resolvidos. Além dessas questões teóricas e empíricas, um *squib* também pode servir para trazer à luz para a comunidade científica uma literatura pouco conhecida ou esquecida, em que questões importantes ou dados relevantes são discutidos. Em resumo, a função de um *squib* é fomentar a pesquisa ou apresentar observações teóricas que são de interesse para a pesquisa.[4]

1 Segundo o que se apresenta em: https://www.ucl.ac.uk/pals/research/linguistics/li-squibs. Nessa página, o leitor pode ainda ter acesso a um depoimento do próprio Ross acerca da etimologia da palavra *squib*.

2 De acordo com as orientações que se encontram em: http://www.mitpressjournals.org/page/sub/ling.

3 Conforme se lê nas orientações constantes em: http://www.scielo.br/revistas/delta/iinstruc.htm.

4 As informações deste parágrafo são, em grande parte, baseadas em: http://www.ledonline.it/snippets/.

APRESENTAÇÃO

Trazemos à comunidade acadêmica mais uma edição do **Caderno de *Squibs*: Temas em estudos formais da linguagem**, publicação coordenada pelo Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG/UnB), cujo objetivo é ser um veículo de divulgação de pesquisas linguísticas, feitas por docentes e discentes que utilizam como quadro teórico a Linguística Formal. Apesar de estar sendo lançado em maio de 2023, trata-se de um número retroativo ao primeiro semestre de 2022 e, para fins de citação, é essa última informação que deve prevalecer.

Neste novo número, apresentamos ao público oito textos: um *squib* convidado, três *squibs* e quatro artigos, nessa ordem.

No *squib* convidado, **Testando expressões com conteúdos mistos**, Luisando Mendes de Souza estuda construções do tipo *pra* + X (*pra burro*, *pra caralho*, *pra dedéu*), com o objetivo de descrever suas características semânticas. Com base nos trabalhos de McCready (2010) e de Gutzman (2013), o autor mostra que essas expressões estão associadas a conteúdos mistos, carregando tanto significado veri-condicional como significado uso-condicional. Do ponto de vista veri-condicional, essas construções são expressões de modificação de grau, as quais denotam uma região na escala acima da região denotada pelo modificador *muito*. Do ponto de vista do uso-condicional, elas expressam um tipo de envolvimento emocional do falante. Apresentadas essas duas dimensões de significado das expressões *pra* + Y, o autor as submete a testes de identificação de conteúdo expressivo, com o objetivo de avaliar a pertinência ou não desses testes quando aplicados a expressões de conteúdos mistos.

Os três *squibs* que compõem este número são os seguintes.

Em **Null bare singular subjects in Brazilian Portuguese: topic drop, not argument ellipsis**, Ezekiel Panitz estuda um fenômeno ainda não discutido na literatura sobre a sintaxe do português brasileiro: a possibilidade de *argument drop* de nomes nus sujeitos. Ao estudar a natureza do apagamento de nomes nus sujeitos, o autor conclui que se trata de um caso de *topic drop*, da mesma forma que se tem analisado o sujeito nulo em orações matrizes do português brasileiro. A evidência para essa análise é o comportamento distribucional idêntico do sujeito nulo matriz e de casos de *argument drop* de nomes nus sujeitos: nenhum deles é gramatical em orações nas quais há movimento-wh para a periferia da oração que imediatamente contém o sujeito nulo.

No *squib* **Afasias e classificação: jargonofasia como desordem sintático-semântica**, Verônica Franciele Seidel discute a classificação geral das afasias a partir de uma reflexão sobre a jargonofasia — afasia caracterizada como fala fluente e ininteligível ou como uma sequência de sons sem sentido algum. Segundo a classificação pioneira de Jakobson (1954), a jargonofasia é tradicionalmente tratada como uma afasia que afeta apenas a dimensão semântica (seleção), mantendo inalterada a dimensão sintática (combinação). A autora levanta a possibilidade de essa afasia afetar tanto o conhecimento gramatical de seleção como o de inserção. Sua hipótese é a de que a Teoria Gerativa pode contribuir com o estudo dessa afasia porque essa teoria tem como um dos seus objetivos compreender

as regras de seleção e as de combinação de elementos linguísticos, justamente os dois aspectos da linguagem que são prejudicados em sujeitos afásicos do tipo jargonofásicos.

Em **A note on Brazilian Portuguese non-sentential wh-exclamatives**, Matheus Leopoldino da Cruz e Paulo Medeiros Junior estudam exclamativas curtas ou não sentenciais do português brasileiro. Para os autores, essas estruturas não são um CP (contrariamente ao que propõe Sibaldo (2015)), mas sim um AP que é dominado por um DegP (cf. ZANUTTINI; PORTNER, 2003; CASTROVIEJO, 2007; RETT, 2011). A partir da interação de aumentativos e diminutivos no português, os autores propõem que, nessa língua, o AP seja dominado por duas projeções de aumentativo ($Deg_{MAX}P$) e uma projeção de diminutivo ($Deg_{MIN}P$) organizadas da seguinte forma: $Deg_{MAX}P_2$ – $Deg_{MIN}P$ – $Deg_{MAX}P_1$ – AP. Observando o papel do aumentativo e do diminutivo no licenciamento de exclamativas curtas do português brasileiro, os autores mostram que apenas a morfologia de aumentativo que se encontra em $Deg_{MAX}P_2$ tem o papel de ativar a força ilocucionária exclamativa, licenciando, assim, as exclamativas curtas.

Os quatro artigos que compõem o volume são os seguintes.

Em **A codificação de emoções na linguagem: uma análise de abordagens semânticas**, Thuany Teixeira de Figueiredo aborda como as emoções são codificadas na linguagem. Para tanto, ela seleciona os verbos psicológicos *enraivecer* e *envergonhar*, representativos de duas categorias de emoções: a emoção básica raiva e a emoção social vergonha, e os estuda à luz da Semântica de Eventos de Parsons (1990) e dos trabalhos sobre verbos psicológicos de Cançado (1995, 1996, 2012). A autora conclui que esses verbos apresentam diferenças e semelhanças. Eles diferem em relação: à emoção à qual estão associados, à sua estrutura temática e à sua estrutura de decomposição em predicados primitivos. Eles se assemelham no tocante: à eventualidade que denotam (são *accomplishments*) e à sua associação a processo causativo, ou seja, um processo no qual uma causa ou um agente desencadeia um estado emocional.

No artigo **Dois tipos de relativas apositivas do português brasileiro**, Fabiola Boareto, contrariamente à visão tradicional, argumenta em favor de existirem duas espécies de relativas apositivas: relativas apositivas identificativas e relativas apositivas atributivas. Com base no teste de redução da relativa, a autora conclui que: quando uma oração relativa apositiva se reduz em substantivo, ela é um tipo de oração relativa apositiva identificativa; quando essa oração se reduz em adjetivo, ela é um tipo de oração relativa apositiva atributiva

Fechando este número, seguem dois artigos que são fruto de trabalhos apresentados no *XIII Workshop on Formal Linguistics*, realizado na Universidade de Brasília entre os dias 14 e 17 de 2021.

No artigo **Flavors of intensity and emphasis: the case of *muito* in Brazilian Portuguese**, Luciana Sanchez-Mendes estuda o uso enfático do modificador *muito* em português brasileiro. A análise da autora para esse uso de *muito*, baseada em uma Semântica Escalar

(cf. KENNEDY, 1999; KENNEDY; MCNALLY, 2005), é a de que *muito* apresenta uma única entrada lexical tanto em seu uso como intensificador como em seu uso como marcador de ênfase. Nessa análise, *muito* ativa uma operação de mudança de tipo do nome modificado, o qual passa de <e,t> para <d,<e,t>>. Com essa mudança de tipo, produz-se um nome de grau associado a uma escala de precisão (no sentido de Morzycki (2011)). Com essa caracterização, a combinação *muito* + N apresenta o significado descritivo de que o nome modificado é interpretado em sua máxima precisão. Além desse significado descritivo, o sintagma *muito* + N apresenta um significado expressivo (cf. GUTZMANN, 2019) que associa essa expressão a um efeito emocional.

Em **The semantics of (not so) bare nominals in Rioplatense Spanish**, Carolina Oggiani discute três grupos de nomes nus em posição argumental do espanhol rioplatense ainda pouco explorados na literatura: a) nomes nus complementos de preposições locativas (e direcionais), b) nomes nus associados a domínios institucionais e c) nomes nus selecionados por verbos de apresentação e de criação. Apesar de esses três grupos de nomes não apresentarem um determinante definido, sua estrutura funcional é diferente, sendo essa diferença estrutural responsável pelo comportamento sintático e semântico desses nominais. De acordo como a análise da autora, o primeiro grupo de nomes nus estudados tem a estrutura $[_{DP}$ D $[_{NP}$ N]] e apresenta a interpretação de definidos fracos (no sentido de Aguilar-Guevara (2014) e de Swart (2015)); o segundo grupo de nominais tem a estrutura $[_{DP}$ D $[_{NumP}$ Num $[_{NP}$ N]]] e está associado à interpretação de definido forte (LONGOBARDI, 1997); por fim, o terceiro grupo tem a estrutura $[_{NumP}$ Num $[_{NP}$ N]] e se associa à leitura de indefinido fraco, sendo um caso de pseudo-incorporação (DAYAL, 2011).

Concluímos esta Apresentação registrando os nossos agradecimentos aos autores dos textos selecionados, aos pareceristas que atuaram nesta edição, aos colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) e a todos aqueles que, de algum modo, estiveram envolvidos no processo de preparação deste periódico. Gostaríamos de registrar também um agradecimento especial ao professor Luisandro Mendes de Souza, que pronta e gentilmente aceitou o nosso convite para abrir este número do **Caderno de *Squibs***. A contribuição de todos foi fundamental para a publicação de mais esta edição.

Desejamos que todos apreciem a leitura!
Marcus Vinicius Lunguinho

SQUIB
CONVIDADO

TESTANDO EXPRESSÕES COM CONTEÚDOS MISTOS

Luisandro Mendes de Souza*

RESUMO

O objetivo principal é discutir o estatuto semântico das expressões de modificação gradual encabeçadas pela preposição *pra*, como *pra burro, pra cachorro, pra caralho, pra cacete* etc. a partir de uma visão multidimensional do significado linguístico. Temos sugerido que elas são expressões mistas, no sentido de Gutzmann (2013) e McCready (2010), que carregam semanticamente conteúdo veri-condicional e uso condicional. Defendemos que *pra X* denota uma região na escala acima daquela recoberta por *muito*, e que no plano uso-condicional expressa "envolvimento emocional do falante". Contudo, essa última caracterização ainda é um tanto intuitiva. Nossa meta específica é refletir com mais cuidado sobre os testes para identificação de conteúdos expressivos e avaliar suas possibilidades e limites no caso de expressões mistas.

Palavras-chave: semântica, dimensão expressiva, intensificadores, expressivos mistos

ABSTRACT

The aim is to discuss the semantic status of expressions of degree modification headed by the preposition *pra* (to), as in *pra burro, pra cachorro, pra caralho, pra cacete* (literally: to donkey, to dog, to dick, to stick) etc. We have been suggesting that they are mixed expressions (GUTZMANN, 2013; MCCREADY, 2010), which carry truth-conditional and use-conditional semantic content. We argue that *pra x* denotes a region in the scale above that one covered by *muito* (many/much/very), and that in the expressive dimension expresses "speaker emotional involvement". However, the last characterization is still rather intuitive. Our second goal is to discuss more carefully about the tests to the identification of expressive content and to evaluate its possibilities and limits in the case of mixed expressives.

Keywords: semantics, expressive dimension, degree modifiers, mixed expressives

* Universidade Federal do Paraná, UFPR. Programa de Pós-graduação em Letras. *E-mail*: luisandro@ufpr.br.
Agradecemos ao convite para publicação do texto, bem como aos pareceristas anônimos e a Renato Miguel Basso pelos comentários, criticismo e pela leitura atenta.

1 AS VÁRIAS DIMENSÕES DO SIGNIFICADO

O projeto fregueano de investigação do significado se concentrou, desde o berço, no significado veri-condicional. Contudo, fenômenos como o das pressuposições sempre estiveram ali no canto, ilustrando aspectos do significado que escapam a um tratamento tão estrito. A pressuposição não estava sozinha. O próprio G. Frege, no texto *Lógica* (1897 citado por GUTZMANN, 2013), comentava aspectos do significado que não contribuíam para as condições de verdade da sentença. Para ilustrar, assumamos que a diferença entre (1a) e (1b) é apenas de registro, isto é, as duas sentenças são sinônimas (verdadeiras na mesma situação), mas (1b) expressa também que o falante tem pouco apreço pelo cachorro do vizinho.

(1) a. O cachorro do vizinho latiu a noite inteira.
b. O vira-lata do vizinho latiu a noite inteira.

Veja que há algo interessante no caso de expressões como *vira-lata*. O termo designa referencialmente o mesmo conjunto de indivíduos que *cachorro*[1], mas também traz um componente de avaliação subjetiva que não é uma inferência pragmática. Isso quer dizer que há um componente de significado em *vira-lata* que não é pragmático, justamente por não ser cancelável:

(2) #O vira-lata do vizinho latiu a noite inteira, mas ele é um belo cão de raça.

Similarmente, P. H. Grice, no clássico *Lógica e conversação* (1982), distinguia ainda outro fenômeno, que chamou de implicatura convencional. No exemplo, o filósofo chama a atenção para um componente de significado que não contribui para as condições de verdade, embora também seja inseparável do significado lexical da expressão. Em (3), *portanto* estabelece uma relação de consequência entre as duas proposições "ele é um bravo" e "ele é um inglês". Assumindo que é verdade que o indivíduo referido por *ele* seja de fato inglês e bravo (no sentido de "corajoso"), a proposição em (3) continua verdadeira, mesmo que admitamos que a relação de consequência seja falsa.

(3) Ele é um inglês, ele é, portanto, um bravo.
Condições de verdade: ele é um inglês & ele é um bravo.
Implicatura convencional: Ele ser bravo é consequência de ele ser inglês.

O que fazemos, então, com a intuição de que há um componente de significado não veri-condicional? Ele seria pragmático, portanto, como sugeriu Grice? Esse fenômeno, embora não seja propriamente uma inferência, por ser convencional, foi tratado como pragmático por um bom tempo, provavelmente por ter sido chamado de "implicatura". O filósofo K. Bach (1999) argumentou decisivamente contra essa análise, mostrando que estamos diante

1 Pelo menos em tese. Imagine que o vizinho não considere seu cachorro um vira-lata. Então, esses dois termos não recobrem totalmente o mesmo conjunto de indivíduos. Nesse sentido, todos os vira-latas são cachorros, mas nem todo cachorro é um vira-lata.

de um conteúdo semântico, embora não veri-condicional. Veja que estamos diante de um aparente impasse: se esse conteúdo é semântico, mas não contribui com as condições de verdade, o que fazemos com ele? A solução foi admitir que temos outra dimensão de significado. Note que essa solução não é não heterodoxa, já que os pressupostos podem ser considerados conteúdos semânticos, embora não façam parte da proposição.

Esse retrato nos dá três espécies de significados semânticos (deixando de lado disputas sobre o estatuto das pressuposições): conteúdo descritivo (ou veri-condicional), pressuposições e 'implicaturas convencionais', que Gutzmann (2013; e em outros lugares) sugere que seja melhor rotulado como 'uso-condicional'.[2] Mas esse retrato ainda não esgota todas as espécies de significados, já que (1) nos coloca o desafio de entender como o significado expressivo se encaixaria numa abordagem referencial.

Exemplificando, (4) traz pelo menos três camadas de significado[3]:

(4) O vira-lata do vizinho latiu a noite inteira.
Pressuposição: existe um cachorro do vizinho.
Condições de verdade: Existe um e apenas um cachorro & ele é do vizinho & ele latiu a noite inteira.
Dimensão expressiva: o falante tem uma atitude negativa em relação ao cachorro do vizinho.

O significado expressivo sempre foi reconhecido (cf. GUTZMNAN, 2019), mas não tínhamos ainda ferramentas adequadas para lidar com ele. A partir dos anos 1990, elas começam a ser desenvolvidas, especialmente a partir de textos como Kaplan (1999) e Kratzer (1999). Mas a contribuição decisiva vai ser feita por Potts (2005). Embora ele ainda chame o fenômeno de "implicatura convencional", argumenta que estamos diante de um aspecto do significado que é semântico e suscetível de um tratamento formal.[4] Nos termos de Gutzmann (2015), estamos diante de uma forma de olhar para o significado linguístico que vai ter como escopo as seguintes questões: a) como o conteúdo uso-condicional de uma expressão é determinado composicionalmente?; e b) como expressões uso-condicionais interagem composicionalmente com expressões veri-condicionais?

É a partir dessa perspectiva que queremos discutir o conteúdo expressivo de locuções intensificadoras como *pra cacete, pra caralho* e similares. Afinal, por serem formadas por expressões tabus, podemos supor que também envolvem carga expressiva. Antes, porém, de falarmos delas, vamos discutir um pouco mais sobre o lugar dessa faceta do significado dentro do campo da semântica.

2 A partir de Recanati (2004).

3 Note que estamos falando apenas do significado que estamos considerando como semântico. Se adicionarmos fatores pragmáticos, como intenções e implicaturas, podemos imaginar ainda uma quarta camada.

4 Claro, por ser "formalizável" não significa que um dado aspecto do significado seja semântico. O que a abordagem de Potts (2005) nos oferece é um tratamento composicional, num sistema formal, de aspectos não veri-condicionais do significado linguístico.

2 A DIMENSÃO EXPRESSIVA

Do panorama desenhado na introdução acima, podemos classificar o conteúdo semântico em pelo menos quatro variedades:

a) veri-condicional (descritivo ou imediato)
b) pressuposições
c) não descritivo e uso-condicional expressivo
d) mistos
    i) descritivo e uso condicional
    ii) descritivo e uso condicional expressivo

Essa caracterização objetiva deixar mais claro qual é o lugar ocupado pelo significado expressivo no bojo dos temas semânticos. Destacamos a divisão do significado não descritivo, já que exemplos como (3) envolvem uma segunda dimensão de significado semântico que não é expressivo. Além disso, essa classe de significados ainda aparece em pelo menos duas variedades. Implicaturas convencionais típicas envolvem expressões que contribuem simultaneamente nas duas dimensões, enquanto os chamados suplementares trazem conteúdos que apenas contribuem na dimensão não descritiva do significado. Ilustremos.

Comecemos pela classe (a). Uma sentença como *a neve é branca* traz apenas conteúdo descritivo. Essa sentença é verdadeira se e somente se a neve é branca. No caso de (b), uma sentença com uma pressuposição, como *o rei da França é calvo*, além do conteúdo descritivo ("há um e apenas um rei da França e ele é calvo"), também traz o pressuposto de que existe um rei da França. Por sua vez, exemplo típico de expressão linguística apenas com conteúdo expressivo, classe (c), e sem conteúdo descritivo algum são as interjeições. *Ai!* pode ser analisada como usada com felicidade naquelas situações em que o falante experienciou algum tipo de dor física inesperada. Na perspectiva de uma semântica multidimensional, não faz sentido perguntar como o mundo tem que ser para que esse enunciado seja verdadeiro, mas devemos nos perguntar como a situação deve ser para que a expressão seja usada com felicidade. Logo, *ai!* não tem condições de verdade, mas condições de uso adequado.

Expressões da classe de (di) são as implicaturas convencionais tradicionais, como vislumbradas por Grice, como vimos acima em (3). Por fim, a classe (dii) congrega as expressões que nos interessam. Nessa classe, estamos diante de um elemento que além de trazer conteúdo descritivo também traz conteúdo uso condicional expressivo. Vimos acima que no caso de *vira-lata,* a expressão tem dois tipos de conteúdo, o descritivo (sendo referencialmente idêntico a *cachorro*) e um expressivo, "o falante tem desapreço pelo cachorro".

Tudo indica que estamos diante de duas classes diferentes de significados. Bach (1999), como vimos, argumenta convincentemente que não podemos tratar o conteúdo de conjunções como *mas* e *portanto* como pragmático, ao mesmo tempo em que tratá-los como parte do

'dito griceano' (das condições de verdade) também seria inadequado, justamente porque a falsidade da consequência não torna (5) falsa. Se (5') é a análise correta, nossa intuição deveria ser de que a sentença é falsa.

(5) Ele é um inglês, portanto, ele é um bravo.

(5') Ele é inglês & ele é um bravo & ele ser bravo é uma consequência de ele ser inglês.

A sua solução é propor dois níveis de conteúdo semântico. A particularidade do conteúdo uso condicional é que ele não é orientado para o falante, enquanto o conteúdo uso condicional expressivo é. O que une as duas expressões é a sua dependência das condições de uso.

Poderíamos fazer aqui um exercício e imaginar um exemplo em que tivéssemos essas diferentes variedades de significados presentes em uma única sentença. Imagine que estejamos falando de um atacante de um time de futebol que é mais alto que a média. Jogadores dessa posição não costumam ser muito altos, e se passam de 1,80 já tendem a ser desengonçados e só se destacam se são muito habilidosos.

(6) O lazarento do atacante é alto pra caramba, mas é veloz e ágil.
Pressuposto: existência de um atacante (por conta da presença do artigo definido *o*).
Conteúdo descritivo: existe um e apenas um atacante & ele é significativamente alto & ele é veloz & ele é ágil.
Conteúdo descritivo secundário: o falante não esperava que por ser significativamente alto, ele seja veloz e ágil (por conta da conjunção *mas*).
Conteúdo expressivo expletivo: o falante despreza o atacante (por conta de *larazento*).
Conteúdo expressivo misto: o falante está impressionado com a altura do atacante (por conta de *pra caramba*).

Chamamos a expressão *lazarento* de item expressivo expletivo porque sua retirada de (6) não causa prejuízo para as condições de verdade de (6). Já com *pra caramba,* a intensificação do adjetivo *alto* sumiria se retirássemos o modificador da sentença e ele traz a excitação do falante; por isso, *pra caramba* é misto.

Temos aqui uma questão em relação ao objeto de análise. Como estamos falando de 'contextos de uso' e 'uso feliz', podemos supor estar diante de um fenômeno com tintas pragmáticas. A semântica formal 'ortodoxa' (por assim dizer) nunca se furtou a discutir fenômenos que requerem a menção a elementos contextuais, um componente indispensável na discussão da semântica do tempo verbal (que usa a noção de momento de fala), da indexicalidade (que precisa lançar mão das noções de pessoa e espaço) e de vários outros casos. Ou seja, embora o semanticista usualmente fale em 'sentenças', abstratamente, ao olhar para condições de verdade, muitas vezes, ele não está ignorando a língua em uso. Para Potts (2007), os expressivos são como 'atos de fala', justamente por seu caráter se manifestar na própria enunciação.[5]

5 Convém lembrar a hipótese de John Austin, de que a distinção entre constativos (sentenças avaliadas

Tentando esclarecer um pouco mais o que estamos entendendo por conteúdo expressivo, essa dimensão é definida por Potts (2007) como um tipo de conteúdo que expressa envolvimento emocional do falante e que não contribui para o conteúdo veri-condicional (com o que Potts também chamou de conteúdo "imediato", *at-issue*). Fundamentalmente, o conteúdo expressivo pode ser compreendido como uma espécie de conteúdo semântico. É isso que a literatura tem chamado de projeto kaplaniano (cf. GUTZMANN, 2013).

> Quase invariavelmente, expressivos do falante indicam que ele está em um estado emocional de excitação. Eles nos dizem que ele está bravo ou exaltado, frustrado ou relaxado, empoderado ou subjugado. Às vezes a emoção é direcionada a um indivíduo específico, como nos honoríficos. Às vezes é direcionada a algum traço específico do estado de coisas. E às vezes é apenas uma emoção geral sem alvo específico. (POTTS, 2007, p. 173, tradução nossa).[6]

O conjunto de construções que interessaram a Potts (2005; 2007) envolvia expressões que contribuíam apenas na dimensão expressiva, como o que chamou de 'suplementos'[7] (e.g.: orações apositivas e advérbios orientados para o falante, como *felizmente*) e o que chamaremos de 'expressivos típicos', como os epítetos e interjeições, e os honoríficos (em línguas como o japonês).

A dimensão expressiva também exibe uma fauna variada de construções e expressões gramaticais. Segundo a classificação de Gutzmann (2013), temos pelo menos quatro classes:

i) epítetos e adjetivos avaliativos: *desgraçado, lazarento, droga, merda* etc.

(7) a. O desgraçado do João não me devolveu o livro.
b. Esqueci a droga da chave.

ii) expletivos: interjeições

(8) a. Droga! Esqueci a chave.
b. Ai!

iii) *shunting*: sentenças exclamativas

(9) Que legal é esse filme!

apenas em termos de condições de verdade) e performativos (sentenças avaliadas em termos de condições de felicidade) fosse difícil de ser mantida.

6 No original: Almost invariably, a speaker's expressives indicate that she is in a heightened emotional state. They can tell us that she is angry or elated, frustrated or at ease, powerful or subordinated. Sometimes the emotion is directed at a specific individual, as with honorification. Sometimes it is directed at some specific feature of the current state of affairs. And sometimes it is just general, undirected emotion.

7 Termo descritivo que atribui a Huddleston e Pullum (2002).

iv) expressivos mistos: termos racistas e ofensivos/depreciativos

(10) a. Hitler is a Kraut.
b. O João é uma bichona.
c. O vizinho adotou um vira-lata.

As expressões dos exemplos (7-8) compartilham a propriedade de não contribuírem para as condições de verdade. A diferença é que epítetos e adjetivos avaliativos operam sobre constituintes oracionais, enquanto as interjeições não. Na classe (iii), o *que* exclamativo leva ('*shunt*') a proposição "esse filme é legal" para a dimensão expressiva. Em tese, esse tipo de construção não tem conteúdo descritivo. No caso de (iv), temos expressões que contribuem nas duas dimensões: *kraut* denota o conjunto dos alemães, e expressa que o falante despreza o sujeito da sentença e o conjunto do qual ele faz parte; dando um exemplo do vernáculo, *bichona* é um termo ofensivo, que além de predicar do sujeito que ele é homossexual, expressa que o falante despreza essa classe de indivíduos; algo similar vemos com *vira-lata*, que embora designe "cachorro", ou uma espécie particular de cachorros sem raça definida, também pode ser usado para expressar desprezo.

Após essa breve apresentação sobre o conteúdo expressivo, passemos à discussão dos dados que nos interessam.

3. *PRA X* TEM CONTEÚDO EXPRESSIVO?

Existe uma hipótese segundo a qual as línguas não criam sinônimos indiscriminadamente.[8] Portanto, podemos assumir, justificadamente, que as locuções formadas por *pra x* não são meros sinônimos de *muito,* ou variantes coloquiais[9]. Isso pode ser demonstrado pelos padrões de acarretamento. (11b) acarreta (11a), mas (11a) não acarreta (11b). Note que podemos fazer uma afirmação com *muito,* negando o grau alto de *pra caramba,* como em (11c)*;* mas não podemos afirmar o alto grau que *pra caramba* veicula, e negar *muito,* como em (11d).

(11) a. Esse filme é muito legal.
b. Esse filme é legal pra caramba.
c. Esse filme é muito legal, mas não é legal pra caramba.
d. #Esse filme é legal pra caramba, mas não é muito legal.

8 Cf. Kiparsky (1982). O princípio 'evite sinonímia' explica o mecanismo de bloqueio morfológico que evita que os falantes construam novas palavras quando o léxico da língua já dispõe de um termo que seja descritivamente idêntico ao que venha a ser criado. Assim, não se cria 'dirigidor' (aquele que dirige) porque no nosso léxico já temos os termos 'motorista' e 'condutor'. Nos casos em que temos duas palavras construídas com sufixos similares, como *-dor* e *-nte*, que formam substantivos que designam agente a partir de verbos, o significado é especializado. *Falador* é aquele que fala demais, indiscreto, e *falante* designa 'falante de uma língua', 'quem fala muito ou gosta muito de falar'.

9 Guimarães (2007) fala em 'doublês de muito'; e Borba (2003, p. 69): "No registro coloquial, a intensificação que comumente se expressa pelos advérbios *muito, bastante* se faz por construções como *pra burro/chuchu/caramba/caralho*".

Essa diferença entre *muito* e *pra caramba* pode ser formulada nos seguintes termos: a) *muito legal* pressupõe que os indivíduos a quem esse predicado se aplica são (pelo menos) legais; b) *legal pra caramba* pressupõe que os indivíduos a que esse predicado se aplica são muito legais. Assim, ambas as expressões denotam uma relação entre dois graus, o grau exibido pelo argumento do predicado e um grau padrão negociado contextualmente de ser legal. As diferenças veri-condicionais podem ser parafraseadas nos seguintes termos:

(12) a. ⟦(11a)⟧ = 1 se e somente se "o grau de legal do filme excede o grau padrão dos filmes legais no contexto".
Pressuposto: o filme é legal.
b. ⟦(11b)⟧ = 1 se e somente se "o grau de legal do filme excede significativamente o grau padrão dos filmes legais no contexto".
Pressuposto: o filme é muito legal.

Não vamos aprofundar aqui a discussão dessas diferenças, já que nosso propósito é refletir sobre a dimensão expressiva em particular.

Como várias locuções são formadas por palavras com conotação negativa (incluindo termos tabuísticos), acreditamos que estamos diante de expressões com provável conteúdo expressivo. Note que, como os falantes normalmente intuem, na locução *pra caralho,* o termo *caralho* deixa de ser uma interjeição de descontentamento, uso que temos em (13a), e passa a significar apenas algum tipo de envolvimento emocional do falante com o grau que o argumento exibe do predicado. Se a locução fosse ofensiva, (13b) deveria ser anômala. Ao contrário, o falante não está insatisfeito que o filme seja legal, mas está envolvido emocionalmente com o quão legal o filme é.

(13) a. Caralho! Perdi a chave de casa!
b. Esse filme é legal pra caralho!

Abaixo, na tabela 1, temos um levantamento das principais expressões que formam a locução *pra x* e a comparação entre o que poderíamos considerar a sua denotação e a sua conotação (ou sua carga expressiva), desconsiderando as versões atenuadas (eufemismos) de *pra caralho*, como *pacas, paca, pacarai, pra cacilda* etc. e *pra dedéu*, que têm origem obscura. É importante lembrar que *caramba* e *caraca* são eufemismos de *caralho.*

TABELA 1

Expressão	Denotação	Conotação
Caralho/cacete	Órgão sexual	Tabuísmo (sexual)
Chuchu	Vegetal	Coisa sem valor
Cachorro/burro	Animais	Ofensa
Caramba/caraca	Interjeição	Surpresa etc.
Danar	Condenar etc.	Tabuísmo (religioso)
Diabo	Satanás etc.	Tabuísmo (religioso)
Porra	Sêmen	Tabuísmo (secreção)

Fonte: Souza (2018), adaptado.

Em Basso e Souza (2021), sugerimos preliminarmente que o conteúdo expressivo desse tipo de locução intensificadora fosse parafraseado apenas como "envolvimento emocional do falante". Note que essa paráfrase é um tanto vaga, já que, por definição, todo expressivo traz envolvimento emocional do falante. Alternativamente cogitamos que *pra caramba* expressava "surpresa ou contra-expectativa", mas, como vemos abaixo, o falante pode negar sua surpresa.

(14) Esse livro é legal pra caramba, mas isso não me surpreende. Esse autor é ótimo.

Há um problema interessante na hora de testarmos o conteúdo expressivo dos modificadores mistos, justamente porque também trazem conteúdo veri-condicional: seu papel na estrutura não pode ser simplesmente descartado, pois, como modificador de intensificação, ele opera sobre a denotação de algum tipo de predicado (nomes, adjetivos, verbos e advérbios de modo). Vamos seguir alguns testes sugeridos pela literatura (GUTZMANN, 2013; POTTS, 2007; entre outros).

Um dos principais testes envolve analisar que tipo de conteúdo a negação proposicional afeta. Como ela só afeta o conteúdo imediato, esperamos que ela não negue a atitude do falante. Esse teste mostra a independência do conteúdo expressivo em relação ao conteúdo imediato ou descritivo. Vejamos os exemplos abaixo. Temos um exemplo de modificação adjetival em (15) e um de modificação nominal em (16). Não traremos mais contextos por supor que esse traço se manifesta nos outros usos da expressão.

(15) A: Esse livro é legal pra caramba!
B: Não! Esse livro é legal, mas não é tão legal assim.

(16) A: Esse menino comeu docinho pra caramba.
B: Não! Ele não comeu tanto assim.

O problema com esse teste é que esse tipo de intensificador também poderia ser interpretado como um predicado de gosto pessoal, portanto criando situações de desacordo sem culpa, isto é, situações em que nem A nem B estejam proferindo algo falso (cf. LASERSOHN, 2005). Então, o que B está negando? Como controlar isso? Uma solução seria trazer expresso que a avalição qualitativa é feita da perspectiva do falante, como fazemos abaixo, em (17). Mas note que nesse caso a réplica de B fica estranha, pois agora a negação parece afetar a perspectiva do falante A. A anomalia surge se interpretarmos que B está negando que A tenha ficado emocionado com o quão legal o livro é. Se afastamos essa leitura, a negação pode atuar sobre a intensidade, como em (15), ou sobre a quantidade, como em (16), gerando situação de desacordo.

(17) A: Na minha opinião/pra mim, esse livro é legal pra caramba!
B: #Não! Esse livro é legal, mas não é tão legal assim.
B: #Não! Você está equivocado! Esse livro é legal, mas não é tão legal assim.

Note, como contraste, que em situações de equívocos factuais, isso não acontece:

(18) A: O caminhão derrubou uma caixa de laranja.
B: Não! Você está errado! O caminhão derrubou uma caixa de pêssego.

Outro teste importante é o da não destacabilidade ('*non-displaceability*'). Assumindo que o estado emocional sempre se refere ao momento de fala, não podemos interpretá-lo como se se referisse a algum momento passado. Suponha que a festa foi semana passada e estou vendo o menino agora e o aponto para meu interlocutor. Embora o evento de comer uma grande quantidade de docinhos seja passado em relação ao momento de fala, o falante estar impressionado com isso é algo que se expressa no momento da enunciação.

(19) Esse menino comeu docinho pra caramba na festa.

Em relação à dependência de perspectiva, o expressivo sempre está atrelado à perspectiva do falante. Como vimos no exemplo (15), a negação só afeta a parte descritiva, não expressiva, como (20) demonstra.

(20) #Esse filme é legal pra caramba, mas eu não gostei dele tanto assim/ele não me impressionou tanto assim.

Em tese, o exemplo (21a) teria duas leituras: *pra caramba* pode estar atrelado à perspectiva do falante, nesse caso esse proferimento ficaria incoerente; na leitura em que *pra caramba* está atrelado à perspectiva do sujeito da oração principal, *pra caramba* faz parte do conteúdo que Renato disse e que está sendo reportado pelo falante, aí o proferimento perde a incoerência. Contudo, note que não vemos isso. Tal aspecto fica mais explícito tentando negar essas atitudes. (21b) não é incoerente porque a atitude de envolvimento emocional com o quão legal o livro é está atrelada ao sujeito, Renato. (21c) reforça esse aspecto. Comparando com um verbo de atitude proposicional, em (22), *pra caramba* só pode estar ligado à perspectiva do sujeito do verbo *acreditar*. Note que um adjetivo avaliativo sempre está atrelado ao falante, mesmo em contextos opacos, como temos com verbos de dizer ou de atitude proposicional. Como ilustrado em (23), a atitude negativa é do falante que enuncia a sentença e não do argumento agente do verbo *dizer*.

(21) a. O Renato disse que esse livro é legal pra caramba.
b. O Renato disse que esse livro é legal pra caramba, mas eu acho médio/não fiquei animado com ele.
c. #O Renato disse que esse livro é legal pra caramba, mas ele não estava tão animado/empolgado.

(22) O Renato acredita que esse filme é legal pra caramba, mas eu acho médio.

(23) O Renato disse que essa droga de livro é legal pra caramba.

Já mencionamos acima que é um tanto difícil parafrasear o conteúdo das locuções. Potts (2007) defende que essa característica nos mostra que o conteúdo expressivo não é proposicional. Isso diferenciaria o conteúdo expressivo de conteúdos secundários como os veiculados por conjunções e o conteúdo das pressuposições. No começo da seção mencionamos que as locuções intensificadoras tendem a ser formadas por expressões com conotação negativa. Isso é uma tendência. As exceções, *pra dedéu* e *pacas,* por exemplo, nos soam menos intensas do que aquelas que contêm termos tabus, como *pra cacete, pra porra, pra caralho* etc. Intuitivamente, (24a) expressa mais envolvimento emocional do falante do que (24b), mas parece-nos difícil caracterizar essa diferença oferecendo uma paráfrase que especifique claramente qual é essa diferença.

(24) a. Esse filme é legal pra caralho.
b. Esse filme é legal pra dedéu/pacas.

Outra característica dos expressivos típicos, justamente por não serem proposicionais, é a de poderem ser repetidos sem que tenhamos a sensação de redundância. Surge, assim, a leitura de que o estado emocional é mais intenso, caso exemplificado em (25a). Com os expressivos mistos, contudo, temos sensação de redundância, justamente porque eles trazem também conteúdo descritivo e têm distribuição sintática bastante limitada – afinal formam um constituinte com o núcleo lexical que modificam (cf. (25b)). Mas note que com um intensificador típico, como *muito,* a repetição é possível, aí sim, expressando alto grau e também envolvimento emocional do falante, caso de (25c). Efeito similar é alcançado com o alongamento da vogal *u,* exemplo (25d).

(25) a. Droga! Perdi a droga das chaves da droga do carro!

(PIRES DE OLIVEIRA; BASSO, 2014)

b. #Esse filme é legal pacas, pacas, pacas, pacas!
c. Esse filme é muito, muito, muito, muito legal!
d. Esse filme é muuuuuito legal!

Em resumo, percebemos que no caso dos expressivos mistos, o teste mais seguro parece ser a negação, que nos mostra que negar a atitude do falante produz anomalia semântica. Além disso, os intensificadores expressivos também apresentam inefabilidade descritiva. Embora todos denotem algo como "significativamente mais", no plano expressivo, provavelmente, expressam diferentes graus de envolvimento subjetivo, não sendo simples variantes coloquiais de *muito.* A tabela abaixo compila o resultado da aplicação dos testes.[10] Avaliamos que o reste da repetibilidade não se aplica propriamente pela sensação de redundância.

10 Um dos pareceristas julga que alguns dos testes não funcionam adequadamente por terem sido idealizados para identificar implicaturas convencionais tradicionais, no sentido de Potts (2005, 2007), isto é, expressões que contribuem apenas no plano expressivo. Contudo, acreditamos que os testes mostram que as expressões em estudo apresentam duas características importantes dos expressivos: i) expressam envolvimento do

TABELA 2

Característica	Resultado
Independência	Sim
Não destacável	Sim
Dependente do falante	Sim
Inefabilidade descritiva	Sim
Imediatez	Sim
Repetibilidade	Não se aplica

Fonte: elaborada pelo autor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas duas primeiras partes do artigo, apresentamos uma variedade de significados semânticos e localizamos a dimensão expressiva nesse conjunto. A abordagem multidimensional coloca questões interessantes para uma abordagem composicional, pois traz para a discussão expressões cujo papel vinha sendo deixado um tanto de lado. Nos últimos vinte anos novas frentes de pesquisa surgem e os limites entre semântica e pragmática se moveram. O que Grice havia chamado de implicatura convencional, cada vez mais, se revela um conteúdo que pode ser acomodado numa abordagem fregeana do significado — ou kaplaniana, como prefere Gutzmann (2015).

Apresentamos algumas características das locuções, em particular sua relação como outros modificadores, como *muito*. Mostramos que elas não são sinônimas deste intensificador e que além de denotarem algo como "significativamente mais" também carregam conteúdo expressivo. Fizemos ao longo do texto uma generalização: todas as expressões formadas com *pra x* apresentariam o mesmo conteúdo expressivo e a mesma contribuição para as condições de verdade. Considerando a hipótese de que as línguas não tendem a povoar o léxico com sinônimos, podemos nos perguntar se haveria alguma diferença expressiva entre um conjunto que reúne pelo menos os seguintes membros: *pra burro, pra cachorro, pra cacete, pra caralho, pra chuchu, pra dedéu, pra danar, pra porra* etc. Argumentamos em Souza (2018) que em comum todas trazem como complemento de *pra* um termo que é uma interjeição ou palavra com conotação negativa, excetuando-se *pra dedéu,* que tem origem obscura. Note-se que há um fenômeno curioso de perda de ofensividade em *pra cacete/caralho/porra*. A principal função dos termos tabus que compõem essas locuções, como interjeição, é expressar o sentimento de descontentamento do falante. Esse traço não se transfere quando são usados nas locuções intensificadoras. Mas as interjeições também são elementos essencialmente expressivos, que não trazem nenhum conteúdo semântico estrito. Dessa forma, podemos nos perguntar qual nuance expressiva se mantém nessa passagem de uma função a outra. Pelo que vimos, tudo indica que ao se

falante; ii) esse conteúdo é independente das condições de verdade.

gramaticalizarem como intensificadores, apenas o envolvimento emocional do falante continua convencionalizado na dimensão expressiva e não mais o componente de desapreço. Aventamos que haveria uma diferença de grau de envolvimento emocional: com termos tabus esse envolvimento seria maior do que com termos sem esse caractere, como *pacas* e *pra dedéu*.

A análise das propriedades expressivas das expressões revelou que elas apresentam quase todas as propriedades propostas por Potts (2005, 2007), com exceção da repetibilidade, justamente por contribuírem com conteúdo descritivo. O teste da independência em relação ao conteúdo descritivo e o da dependência de perspectiva nos pareceram os que mostram de forma mais clara que estamos diante de um conteúdo expressivo.

REFERÊNCIAS

BACH, Kent. The Myth of Conventional Implicature. *Linguistics and Philosophy*, v. 22, n. 4, p. 327–366, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25001747>. Acesso em: 8 jan. 2021.

BASSO, Renato Miguel; SOUZA, Luisandro Mendes de. Modificadores graduais coloquiais: o caso de 'pra caralho'. *Estudos linguísticos* (no prelo).

BORBA, F. da S. *Organização de dicionários*: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FREGE, Gottlob. Logic. *In*: HERMES, H.; KAMBARTEL, F.; KAULBACH, F. (ed.). *Posthumous Writings:* Gottlob Frege. Trans. Peter Long and Roger White. Oxford: Blackwell, [1897]1979. p. 126-151.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. *In*: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*: pragmática. Campinas: Edição do Autor, 1982.

GUIMARÃES, M. *Dos Intensificadores como quantificadores*. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GUTZMANN, Daniel. Expressives and beyond. *In*: *Beyond Expressives*. *Explorations in Use-Conditional Meaning*. Leiden: Brill, 2013, p. 1-58.

GUTZMANN, Daniel. *Use-conditional meaning*: studies in multidimensional semantics. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GUTZMANN, Daniel. *The grammar of expressivity.* Oxford: Oxford University Press, 2019. (Oxford studies in theoretical linguistics, 72).

HUDDLESTON, R. D.; PULLUM, G. K. *The Cambridge grammar of the English language*. Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press, 2002.

KAPLAN, David. *The meaning of 'ouch' and 'oops'*: Explorations in the theory of meaning as use. (2004 version). Manuscrito. University of California, Los Angeles, 1999.

KRATZER, Angelika. Beyond ouch and oops: How descriptive and expressive meaning interact. *In*: *Cornell Conference on Theories of Context Dependency***.** Ithaca, NY: Cornell University, 1999.

KIPARSKY, Paul. *Word Formation and the Lexicon*. Mid-America Linguistics Conference, 1982.

LASERSOHN, Peter. Context Dependence, Disagreement, and Predicates of Personal Taste. *Linguistics and Philosophy*, v. 28, n. 6, p. 643-686, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10988-005-0596-x>. Acesso em: 2 out. 2020.

MCCREADY, Elin. Varieties of conventional implicature. *Semantics and Pragmatics,* v. 3, p. 8-57, 2010. Disponível em: <https://semprag.org/index.php/sp/article/view/sp.3.8>. Acesso em: 9 fev. 2022.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; BASSO, Renato Miguel. *Arquitetura da conversação*: teoria das implicaturas. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

POTTS, Christopher. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics,* v. 33, n. 2, p. 165-198, 2007. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/journals/thli/33/2/article-p165.xml>. Acesso em: 8 jan. 2021.

POTTS, Christopher. *The Logic of Conventional Implicatures.* Oxford: Oxford University Press, 2005.

RECANATI, François. Pragmatics and semantics. *In*: HORN, L.; WARD, G. (ed.). *The Handbook of Pragmatics*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 442-462.

SOUZA, Luisandro Mendes de. A conotação negativa na gramaticalização de intensificadores. *In*: MORAIS, Eunice de; LEGROSKI, Marina; SALEH, Pascoalina; et al. (org.). *Linguagem, identidade e subjetividade*: vertigem das ciências humanas. Ponta Grossa, PR: Texto e Contexto, 2018. p. 158-169.

Squib convidado.
Recebido em 7 de março de 2022.
Aceito em 7 de dezembro de 2022.

SQUIBS

NULL BARE SINGULAR SUBJECTS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: TOPIC DROP, NOT ARGUMENT ELLIPSIS

Ezekiel Panitz*

ABSTRACT

Brazilian Portuguese allows argument drop of bare singular subjects, a fact that has previously gone unobserved. This squib examines the status of argument-dropped bare singular subjects. Two possibilities are considered: (i) argument-dropped bare singular subjects are generated via argument ellipsis; (ii) argument-dropped bare singular subjects are generated via topic drop. It is argued that argument-dropped bare singular subjects in BP are generated under topic drop, not argument ellipsis.

Keywords: Brazilian Portuguese, bare singular subjects, topic drop, argument ellipsis

RESUMO

O português brasileiro permite *argument drop* de nomes nus em posição de sujeito, um fato até então não observado. Este squib examina o *status* deste tipo de *argument drop*. Duas possibilidades são consideradas: (i) *argument drop* de nomes nus em posição de sujeito é gerado por elipse argumental; (ii) tal tipo de *argument drop* é gerado por *topic drop*. É argumentado que *argument drop* de nomes nus em posição de sujeito é gerado por *topic drop*, não por elipse argumental.

Palavras-chave: português brasileiro, nomes nus em posição de sujeito, *topic drop*, elipse argumental

* Universidade de São Paulo, USP. *E-mail*: ezekiel.panitz@usp.br.

1 INTRODUCTION

Brazilian Portuguese (BP) allows argument drop of bare singular subjects, a fact that has previously gone unobserved in the BP literature. The examples in (1) provide an illustration. In (1a), the bare singular *criança* 'children' has undergone argument drop; in (1b), the bare singular *soldado* 'soldiers' has done so.[1]

(1) a. Criança sempre chega na escola com sono na segunda-feira.
child always arrives at.the school with sleepiness on.the Monday
Já na sexta, __ sempre chega sem mochila.
but on.the Friday __always arrives without backpack
'Children always arrive at school tired on Monday. But on Friday, children always arrive without their backpack.'

b. Soldado sempre fica estressado durante a semana, mas pelo menos no
soldier always stays stressed during the week but at.the least in.the
fim de semana __ fica tranquilo.
end of week __stays calm
'Soldiers are always stressed during the week, but at least during the weekend soldiers are relaxed.'

The purpose of this squib is to investigate the status of argument-dropped bare singular subjects in BP. I consider the following two possibilities: (i) in BP, argument-dropped bare singular subjects are generated via argument ellipsis; (ii) in BP, argument-dropped bare singular subjects are generated via topic drop. I argue that argument-dropped bare singular subjects in BP are generated under topic drop, not argument ellipsis.

The squib is structured as follows. In section 2, I consider—and reject—the possibility that argument drop of bare singular subjects is generated by argument ellipsis. In section 3, I argue that argument-dropped bare singular subjects are, in fact, generated under topic drop. Section 4 closes.

1 Bare singular subjects are interpreted generically/habitually, as (1a) and (1b) demonstrate. Here and below, I use plural nouns (e.g., "children", "soldiers") in the translations, as this is the most natural way to render bare singular subjects in English. Further discussion of the interpretation of bare singulars in BP lies beyond the scope of the present article. I refer the reader to Schmitt and Munn (1999), Müller (2002), Ferreira (2010), Pires de Oliveira and Rothstein (2011), and Cyrino and Espinal (2015).

2 ARGUMENT DROP OF BARE SINGULAR SUBJECTS IS NOT GENERATED UNDER ARGUMENT ELLIPSIS

In this section, I consider the possibility that argument drop of bare singular subjects is generated via argument ellipsis. According to this proposal, sentences like (1a,b) would be generated as follows, with the bare singular subject being elided in subject position (i.e., in [Spec, TP]).

(2) a. Criança sempre chega na escola com sono na segunda-feira. Já na sexta, [$_{TP}$ ~~[criança]~~ sempre chega sem mochila]
b. Soldado sempre fica estressado durante a semana, mas pelo menos no fim de semana [$_{TP}$ ~~[soldado]~~ fica tranquilo]

The claim that sentences like (1a,b), which involve argument drop of bare singular subjects, is generated under argument ellipsis amounts to the claim that BP has argument ellipsis of subjects. In what follows, I will argue that BP does not have argument ellipsis of subjects, and hence that argument drop of bare singular subjects cannot be analyzed as involving argument ellipsis. I begin by reviewing evidence from the literature that BP has argument ellipsis of direct objects. With this in place, I then turn to the question of whether BP has argument ellipsis of subjects, concluding that it does not.

BP has argument ellipsis of direct objects (CYRINO, 1997; CYRINO; LOPES, 2016). I present two pieces of evidence in support of this conclusion.[2]

First, null objects in BP give rise to sloppy readings, in addition to strict readings (CYRINO, 1997). Crucially, overt pronouns in minimally-paired sentences allow strict readings, only.

(3) A Maria$_i$ mostrou o artigo dela$_i$ pro Chomsky.
the M. showed the article of.her to.the C.
'Maria$_i$ showed her$_i$ article to Chomsky.'

a. Já a Clara mostrou __pro Lasnik.
But the C. showed __to.the L.
'But Clara$_j$ showed her$_{i/j}$ article to Lasnik'

b. Já a Clara mostrou ele pro Lasnik.
But the C. showed it to.the L.
'But Clara showed it (*Clara's article/✓Maria's article) to Lasnik.'

2 For additional arguments, see Cyrino and Lopes (2016).

(4) O Pedro$_i$ pôs os óculos dele$_i$ na mesa.
The P. put the glasses of.him on.the table
'Pedro$_i$ put his$_i$ glasses on the table.'

a. Já o Tiago pôs__ na estante.
but the T. put__ on.the shelf
'But Tiago$_j$ put his$_{i/j}$ glasses on the shelf.'

b. Já a Tiago pôs eles na estante.
but the T. put them on.the shelf
'But Tiago put them (*Tiago's glasses/✓Pedro's glasses) on the shelf.'

Under the sloppy reading, an analysis of the null object in terms of *pro* would be hard to sustain, given that pronouns in minimally-paired sentences fail to support sloppy readings. Argument ellipsis, by contrast, accounts for the sloppy reading straightforwardly, as (5) demonstrates.

(5) a. Já a Clara$_j$ mostrou ~~[o artigo dela$_j$]~~ pro Lasnik.
b. Já o Tiago$_j$ pôs ~~[os óculos dele$_j$]~~ na estante.

Further evidence that BP allows argument ellipsis of direct objects comes from sentences such as the following, in which a bare singular object undergoes argument drop.[3,4]

(6) a. A Maria mandou carta pro Pedro. Já o João mandou__ pra Carla.
the M. sent letter to.the P. but the J. sent__ to.the C.
'Maria sent letter(s) to Pedro. But João sent letter(s) to Carla.'

b. A Ana comprou revistinha pra Bia. Já o José comprou __ pro Rafa.
the A. bought comic book for.the B. but the J. bought __ for.the R.
'Ana bought comic book(s) for Bia. But José bought comic book(s) for Rafa.'

(7) a. Já o João mandou ~~[carta]~~ pra Carla.
b. Já o José comprou ~~[revistinha]~~ pro Rafa.

Importantly, *pro* would not account for the dropped objects' number neutral interpretation, as is shown by the fact that pronouns in minimally-paired sentences fail to produce such a reading (see (8)). Indeed, the insertion of a pronoun leads to semantic infelicity. Thus, argument drop of bare singular objects cannot be analyzed as *pro*.

3 The ability of bare singular objects to undergo argument drop was first noted in Cyrino and Espinal (2015).

4 Bare singular objects give rise to number neutral readings. I gloss number neutral readings as follows: N(s); e.g., "letter(s)".

(8) a. A Maria mandou carta pra Pedro. # Já o João mandou ela/elas pra Carla.
the M. sent letter to.the P. but the J. sent it/them to.the C.
'Maria sent letter(s) to Pedro. #But João sent it/them to Carla.'

b. A Ana comprou revistinha pra Bia. # Já o José comprou ela/elas pro Rafa.
the A. bought comic book for.the B. but the J. bought it/them for.the R.
'Ana bought comic book(s) for Bia. #But José bought it/them for Rafa.'

Having established that BP allows argument ellipsis of direct objects, I now consider whether BP has argument ellipsis of subjects. Consider the following sentences. These sentences show that null subjects in BP do not permit sloppy readings.

(9) a. A Maria$_i$ disse que o carro dela$_i$ foi pichado.
the M. said that the car of.her was spray-painted
Já a Clara disse que __ foi roubado.
but the C. said that __ was robbed
'Maria$_i$ said that her$_i$ car was spray-painted. But Clara$_j$ said that her$_{i/*j}$ car was robbed.'

b. O João$_i$ disse que a plantinha dele$_i$ murchou.
the J. said that the plant of.him wilted
Já o Pedro disse que __ morreu
but the P. said that __ died
'João$_i$ said that his$_i$ plant wilted. But Pedro$_j$ said that his$_{i/*j}$ plant died.'

c. O João$_i$ disse que a mãe dele$_i$ era médica.
the João said that the mother of.him was doctor
Já o Pedro disse que __ era advogada.
but the Pedro said that __ was lawyer
'João$_i$ said that his$_i$ mother was a doctor. But Pedro$_j$ said that his$_{i/*j}$ mother was a lawyer.'

d. [A Maria e a Júlia]$_i$ acreditam que a mãe delas$_i$ comprou uma
the Maria and the Julia believe that the mother of.them bought a
televisão. Já a Clara e a Ana acreditam que __ comprou um rádio.
television. but the Clara and the Ana believe that bought a radio
'[Maria and Julia]$_i$ believe that their$_i$ mother bought a television. But [Clara and Ana]$_j$ believe that their$_{i/*j}$ mother bought a radio.'

e. O Tiago$_i$ disse que a mãe dele$_i$ canta.
the T. said that the mother of.him sings
Já o Paulo disse que __ dança.
but the P. said that __ dances
'Tiago$_i$ said that his$_i$ mother sings. But Paulo$_j$ said that his$_{i/*j}$ mother dances.'

The inability of null subjects to produce sloppy readings indicates that BP does not allow argument ellipsis of subjects, and hence, that an argument ellipsis account of argument-dropped bare singular subjects cannot be correct.

Note, further, that an argument ellipsis account of argument-dropped bare singular subjects would fail to account for certain restrictions on where bare singular subjects can drop. To see that this is so, observe that argument ellipsis can apply in sentences involving wh-movement to the specifier of the CP immediately containing the elided argument. In (10), the null object permits the sloppy reading, which shows that the null object is generated under argument ellipsis. In (11), the null object is interpreted as a number neutral bare singular; as will be recalled from the discussion of (6a,b), above, this interpretation indicates that the null object has been generated under argument ellipsis.

(10) [$_{CP}$ Pra quem a Maria$_i$ mostrou a tese dela$_i$ *t* ontem]?
to whom the M. showed the thesis of.her yesterday
[$_{CP}$ E pra quem a Clara mostrou __ *t* hoje]?
and to whom the C. showed __ today?
'Who did Maria$_i$ show her$_i$ thesis to yesterday? And who did Clara$_j$ show her$_j$ thesis to today?'

(11) [$_{CP}$ Pra que parente o João sempre manda carta *t*]?
to which relative the J. always sends letter
[$_{CP}$ E pra que parente a Carla sempre manda __ *t*]?
and to which relative the C. always sends __
'Which relative does João always send letter(s) to? And which relative does Carla always send letter(s) to?'

The above sentences show that argument ellipsis can occur in sentences involving wh-movement to the specifier of the CP immediately containing the null argument. If argument drop of bare singular subjects were due to argument ellipsis, we would expect argument drop of bare singular subjects to be able to occur in the same type of sentence: namely, sentences in which wh-movement targets the specifier of the CP immediately containing the null argument. The following example demonstrates that this prediction is not borne out.

(12) [$_{CP}$ Que videogame criança joga no Brasil]?
what video game child plays in.the Brazil
*[$_{CP}$ E que videogame __ joga em Portugal]?
and what video game __ plays in Portugal
'What video game(s) do children play in Brazil? (intended) And what video game(s) do children play in Portugal?'

The preceding examples thus show that the distribution of argument ellipsis is distinct from the distribution of argument drop of bare singular subjects. This, in turn, lends further credence to the conclusion reached above that argument drop of bare singular is not due to argument ellipsis.

3 ARGUMENT DROP OF BARE SINGULAR SUBJECTS IS GENERATED UNDER TOPIC DROP

It is consensual within the BP literature that BP is no longer a consistent pro-drop language.[5] That is, BP no longer licenses subject *pro*. This being so, the fact that BP licenses null subjects in matrix clauses may come as a surprise.

(13) A: Onde está a Maria?
where is the M.
'Where is Maria?'

B: [__ acabou de sair]
__ just of to.leave
'She just left.'

(KATO et al.; 2023)

Modesto (2000), Rodrigues (2004), and Kato et al. (2023) argue that the null subject in such examples is generated under topic drop. That is, the null subject is generated by raising the subject to the left periphery, where the subject is subsequently deleted. According to this proposal, the null subject in (13) is generated as follows.[6]

(14) a. [$_{TP}$ A Maria acabou de sair] →
b. [$_{XP}$ A Maria [$_{TP}$ *t* acabou de sair]] →
c. [$_{XP}$ ~~A Maria~~ [$_{TP}$ *t* acabou de sair]]

The following property of topic drop is relevant to the ensuing discussion: topic drop is not possible in sentences involving wh-movement to the left periphery of the clause immediately containing the null subject. The following examples demonstrate this. In neither example is the null subject possible. (Note that the sentences become acceptable if an overt subject is used, rather than a null subject.)

(15) A: Onde está a Maria?
where is the M.
'Where is Maria?'

B: *[O que __ fez desta vez]?
the what __ did this time
'What did she do this time?'

(KATO et al.; 2023)

5 See Kato et al. (2023) and the many references cited therein.

6 I remain agnostic as to the precise position to which the topic-dropped DP raises in the left periphery. Here and below, I will accordingly label this position as "XP".

(16) Que videogame o João joga na segunda-feira?
what video game the J. plays on.the Monday
*E que videogame __ joga na terça-feira?
and what video game __ plays on.the Tuesday
'What videogame does João play on Monday? And what videogame does he play on Tuesday?'

With this in mind, recall that argument drop of bare singular subjects is likewise impossible in sentences involving wh-movement to the left periphery of the clause immediately containing the null subject. This is shown by (12), repeated here as (17).

(17) [$_{CP}$ Que videogame criança joga no Brasil]?
what video game child plays in.the Brazil
*[$_{CP}$ E que videogame __ joga em Portugal]?
and what video game __ plays in Portugal
'What video game(s) do children play in Brazil? And what video game(s) do children play in Portugal?'

Given that argument drop of bare singular subjects is subject to the same distributional restriction as are uncontroversial cases of topic drop, I propose that argument drop of bare singular subjects is generated via topic drop. According to this proposal, the examples in (1a,b), repeated below, are generated as in (19) and (20), respectively.[7]

7 The examples in (18a) and (18b) contain overt material to the left of the dropped topic: *na sexta* 'on Friday' in (18a), and *pelo menos no fim de semana* 'at least on the weekends' in (18b). One might legitimately wonder whether the presence of such material blocks the application of topic drop. If such material does block topic drop, this would seriously jeopardize the conclusion reached in the text, that argument drop of bare singular subjects is generated via topic drop. Fortunately, however, such material does *not* block topic drop. This is shown by the following examples. As can be seen, the subjects can successfully drop, thus showing that the presence of material to the left of the null subject does not invariably block topic drop.

(i) O João lia revistinha nos anos 80. Hoje em dia, __ só joga videogame.
the J. read comic book in.the years 80 today in day, __ only plays video game.
'João used to read comic books in the 80's. Nowadays, he only plays video games.'

(ii) O João estudou álgebra no primeiro ano. Já no segundo ano, __ estudou geometria.
the J. studied algebra in.the first year but in.the second year __ studied geometry
'João studied algebra during the first year. But during the second year, he studied geometry.'

(18) a. Criança sempre chega na escola com sono na segunda-feira.
child always arrives at.the school with sleepiness on.the Monday
Já na sexta, __ sempre chega sem mochila.
but on.the Friday __ always arrives without backpack
'Children always arrive at school tired on Monday. But on Friday, children always arrive without their backpack.'

b. Soldado sempre fica estressado durante a semana, mas pelo menos no
soldier always stays stressed during the week but at.the least in.the
fim de semana __ fica tranquilo.
end of week __ stays calm
'Soldiers are always stressed during the week, but at least during the weekend soldiers are relaxed.'

(19) Já na sexta, [$_{XP}$ ~~[criança]~~$_i$ [$_{TP}$ t_i sempre chega sem mochila]]

(20) Pelo menos no fim de semana [$_{XP}$ ~~[soldado]~~$_i$ [$_{TP}$ t_i fica tranquilo]]

4 CONCLUSION

This squib has investigated the status of argument-dropped bare singular subjects. Two possibilities were considered: (i) argument-dropped bare singular subjects are generated via argument ellipsis; (ii) argument-dropped bare singular subjects are generated via topic drop. As to the former possibility, it was argued that although BP has argument ellipsis of direct objects, it does not have argument ellipsis of subjects, as is evidenced by the inability of null subjects in BP to produce sloppy readings. Given that BP does not allow argument ellipsis of subjects, it follows that argument drop of bare singular subjects is not generated by argument ellipsis. Rather, argument-dropped bare singular subjects are generated under topic drop. The evidence in support of this conclusion is distributional in nature. Argument drop of bare singular subjects shares the same distributional restriction as do uncontroversial instances of topic drop.

REFERENCES

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. *O Objeto Nulo no Português do Brasil: Um Estudo Sintático-Diacrônico*. Londrina: Editora UEL, 1997.

CYRINO, Sonia; ESPINAL, M. Teresa. Bare Nominals in Brazilian Portuguese: More on the DP/NP analysis. *Natural Language & Linguistic Theory*. v. 33, n. 2, 2015.

CYRINO, Sonia, and LOPES, Ruth. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese. *The Linguistic Review*, v. 33, n. 4, 2016.

FERREIRA, Marcelo Barra. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. Master's thesis – UNICAMP, 2000.

KATO, Mary A., MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. *The Syntax of Portuguese*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

MODESTO, Marcello. *On the Identification of Null Arguments*. Doctoral thesis – University of Southern California, 2000.

MÜLLER, Ana. The semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 14, n. 2, 2002.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; ROTHSTEIN, Susan. Bare singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, 2011.

RODRIGUES, Cilene Aparecida Nunes. *Impoverished Morphology and A-movement out of Case Domains*. Doctoral thesis – University of Maryland, College Park.

SCHMITT, Cristina; MUNN, Alan. Against the nominal mapping parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. *In:* TAMANJI, Pius; HIROTANI; Mako; HALL, Nancy.*Proceedings of NELS,* v. 29. Delaware: University of Delaware, 1999.

Squib received on October 10, 2021.
Squib accepted on March 26, 2022.

AFASIAS E CLASSIFICAÇÃO: JARGONOFASIA COMO DESORDEM SEMÂNTICO-SINTÁTICA

Verônica Franciele Seidel*

RESUMO

Embora realizadas desde o século XIX, as classificações das afasias ainda se mostram problemáticas e deficitárias em alguns aspectos, dificultando, consequentemente, o entendimento e o tratamento desses distúrbios da linguagem. Uma dessas categorizações agrupa as afasias como associadas ao aspecto semântico ou ao aspecto sintático, a exemplo da jargonofasia, habitualmente vista como uma patologia que afeta apenas a semântica. Diante disso, o objetivo deste *squib* consiste em averiguar, a partir de um recorte de pesquisas já publicadas sobre o tema, a possibilidade de compreender a jargonofasia como um distúrbio associado não só ao nível semântico, mas também ao nível sintático. Tal discussão indica que os jargonofásicos apresentam alterações tanto na capacidade de seleção quanto na capacidade de inserção lexical, o que evidencia que a sintaxe não se mantém inalterada nesses sujeitos e confirma o fato de que a teoria gerativa, que apresenta um modelo teórico para explicar as regras de inserção e seleção lexical que compõem o conhecimento inato dos falantes sobre a língua, como demonstram alguns estudos já existentes, é profícua para embasar investigações sobre a temática.

Palavras-chave: jargonofasia, semântica, sintaxe

ABSTRACT

Although carried out since the 19th century, aphasic classifications are still problematic and deficient in some aspects, making it difficult to understand and treat these language disorders. One of these categorizations groups aphasias as associated with the semantic aspect or the syntactic aspect, such as jargonophasia, usually seen as a pathology that affects only semantics. Therefore, the purpose of this squib is to investigate, based on research already published on the subject, the possibility of understanding jargonophasia as a disorder associated not only at the semantic level, but also at the syntactic level. Such discussion indicates that jargonophasics present alterations both in the capacity of selection and in the capacity of lexical insertion, which shows that the syntax does not remain unchanged in these subjects and allows us to suppose that the generative theory, that presents a theoretical model to explain the rules of insertion and lexical selection that make up the innate knowledge of speakers about the language, could be fruitful to base new studies on the subject.

Keywords: jargonophasia, semantics, syntax

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. *E-mail*: veronica.seidel@edu.pucrs.br.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre distúrbios na linguagem têm sua origem na Medicina e remontam ao século XIX. Entre esses distúrbios, um dos mais pesquisados desde então têm sido o que conhecemos hoje como afasia, investigada inicialmente por Broca e posteriormente por Wernicke (KANDEL; SCHWARTZ; JESSELL, 2003), constituindo tema de interesse das ciências cognitivas em geral (SANTOS; NOVAES, 2008). A afasia pode ser definida como uma patologia decorrente de lesão cerebral que apresenta, entre suas consequências, distúrbios na compreensão ou na produção de linguagem (ORTIZ, 2005).

Especificamente na Linguística, as discussões sobre afasia tiveram início somente na segunda metade do século XX, com os estudos de Jakobson, que foi "[...] o primeiro a realizar uma análise dos distúrbios afásicos utilizando critérios puramente lingüísticos" (PINTO; SANTANA, 2009, p. 418). Em um dos capítulos de sua obra intitulada "Lingüística e comunicação", Jakobson (1969)[1] apresenta uma proposta de classificação, associando os sintomas afásicos à seleção (dimensão semântica) e à combinação (dimensão sintática) dos elementos linguísticos.

Diversas outras categorizações foram propostas, e, entre os estudiosos do tema, é consenso que não existe uma classificação satisfatória das afasias, de modo que os termos empregados para caracterizar os sintomas decorrentes dessa patologia, embora um tanto cristalizados, apresentam variação considerável (ORTIZ, 2005; PINTO; SANTANA, 2009). Essa variação decorre, em grande medida, do critério utilizado para definir cada tipo de afasia e tem implicações diversas, tais como a forma de tratamento adotada e, consequentemente, a evolução do quadro clínico dos sujeitos acometidos (FONTANESI; SCHMIDT, 2016).

Um desses critérios utilizados, especialmente nos estudos linguísticos, pauta-se na divisão entre afasias que afetam o aspecto semântico e afasias que afetam o aspecto sintático, a exemplo da classificação proposta por Jakobson. Contudo, alguns dados de estudos (MORATO; NOVAES-PINTO, 1997; PINTO; SANTANA, 2009) têm demonstrado que essa divisão, além de não refletir exatamente o distúrbio apresentado, parte de uma perspectiva dicotômica da língua, desconsiderando fatores como contexto de uso. Tais fatores são essenciais para compreendermos esse fenômeno, posto que os tipos de tarefa utilizadas nas pesquisas, por exemplo, assim como outros fatores contextuais, exercem impacto na produção de não palavras pelos pacientes e, consequentemente, na classificação das afasias percebidas.

Diante disso, neste estudo, propõe-se refletir sobre essa separação entre aspectos de nível semântico e sintático no que concerne a um tipo de afasia específico – a jargonofasia –, categorizada habitualmente como um distúrbio semântico. O objetivo consiste, assim, em averiguar a possibilidade de compreender a jargonofasia como um distúrbio associado não só ao nível semântico, mas também ao nível sintático. Para isso, a seção a seguir apresenta um apanhado de caráter teórico, centrado em pesquisas já publicadas sobre o tema, com o intuito de discutir essa questão.

1 Embora a edição consultada para este estudo seja de 1969, a primeira edição dessa obra data de 1954.

2 A JARGONOFASIA E SUAS CLASSIFICAÇÕES

Em "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia", capítulo que integra uma das obras de Jakobson (1969), o linguista russo propõe uma classificação das afasias com base nos eixos paradigmático e sintagmático de organização da linguagem, já explicitados por Saussure (2002). Assim, Jakobson divide os distúrbios afásicos como relacionados predominantemente à seleção de termos dentre uma lista de elementos possíveis (eixo paradigmático) e à combinação desses termos selecionados em uma sentença (eixo sintagmático).

Enquanto um falante com suas capacidades linguísticas preservadas realizaria operações nos dois eixos para organizar sua fala, afásicos passariam, na maior parte das vezes, a realizar operações em apenas um desses eixos, originando, dessa forma, distúrbios de linguagem[2]. Nessa abordagem, os distúrbios referentes à combinação dos itens ocasionariam o que Jakobson (1969) denominou de agramatismo, patologia que afeta, além dos níveis fonológico e morfológico, o nível sintático. Já as desordens concernentes à seleção de itens lexicais levariam ao que o autor designou como jargonofasia, distúrbio de nível semântico[3].

Essa divisão entre afasias de nível sintático e semântico tem sido endossada por outros autores tanto das ciências cognitivas em geral quanto da Linguística em particular (PINTO; SANTANA, 2009). Nessa perspectiva, uma das primeiras proposições para compreender tal divisão entendia que existiam distúrbios em que a sintaxe se mostra alterada, denominados geralmente de afasia de Broca, e distúrbios em que a semântica se mostra alterada, designados habitualmente de afasia de Wernicke. Neste estudo, interessa particularmente o segundo caso, relativo a desordens muitas vezes compreendidas como aquelas em que há alterações no nível semântico, mas cujo nível sintático se mantém inalterado, a exemplo da concepção adotada nas pesquisas de Mansur e Radanovic (2003) e Vargas et al. (2011). Para esses autores, muitas das observações clínicas oriundas de tal compreensão do fenômeno apresentam limitações, deixando de abordar aspectos relevantes.

A jargonofasia, que configuraria uma característica desse segundo tipo de afasia, tem sido recorrentemente definida como fala ininteligível e fluente ou como sons sem significado (CORDEIRO; MARCOLINO-GALLI; LIER-DEVITTO, 2013)[4], constituindo um distúrbio que

2 A esse respeito, cabe salientar que a perda total não constitui a única configuração possível, já que existem casos de distúrbios extremamente seletivos, em que o sujeito apresenta capacidade de fala bastante próxima ao habitual para a maioria das produções linguísticas, mas demonstra dificuldades muito específicas (BEBER, 2019).

3 Jakobson apresenta uma divisão entre "distúrbio da similaridade" (que seria o de seleção) e "distúrbio da contiguidade" (que seria o de combinação), situando a jargonofasia no âmbito do primeiro tipo.

4 Cabe ressaltar, aqui, que o referencial teórico adotado se organiza a partir de uma perspectiva multidisciplinar, que considera tanto investigações fundamentadas na perspectiva da enunciação quanto pesquisas embasadas na perspectiva da neurolinguística discursiva.

afeta a ordem semântica e mantém inalterada a sintaxe. A seguir, consta um exemplo de produção linguística com essas características:

> Isk: que que houve?
> EV: tô muito triste, não **arronjárdago**, to meu vá, muito **merrar** só **melhávada girre damedárre** e ficando ma ve dano **sacorro tute** marrom de masson, muito tista.
> Isk: a senhora tá se sentindo muito sozinha...
> EV: faze nave, num tem mai **dumilhade** do que ai tem **medjogo**... finale non.
> Isk: hum...
> EV: num deixa eu sair eu tem medo domogaze.
> Isk: a senhora fica...
> EV: eu quero **morrar no terrão minha caseba morrava** lá no **merrar** da cidade era mia **cola** lá (NOVAES-PINTO, 1999 *apud* PINTO; SANTANA, 2009, p. 420).

Nesse caso, pode-se perceber a existência de alguns padrões, como a presença de termos com duplicação da consonantal "r" em *merrar*, *girre*, *sacorro*, *damedárre*, *morrar*, *morrava*, nos quais ainda é possível depreender o sentido pretendido, e de termos cuja semântica se mostra afetada completamente, como *arronjárdago*, *melhávada*. Contudo, conforme salientam Oliveira e Marcolino (2009), as classificações existentes para a jargonofasia são insatisfatórias, o que constitui um obstáculo ao entendimento e tratamento dessa desordem e requer, consequentemente, um olhar mais atento ao tema. Nessa mesma direção, partindo de uma perspectiva enunciativa, Morato e Novaes-Pinto (1998, p. 396) sinalizam a insuficiência da abordagem tradicional da jargonofasia, que percebe essa patologia como associada apenas à semântica, uma vez que a sintaxe estaria preservada. No exemplo anterior, é possível perceber que há momentos em que a sintaxe também se mostra afetada, como em *ficando ma ve dano sacorro tute*.

Cabe questionar, então, se a jargonofasia não poderia ser configurada como uma desordem que afeta, além do nível semântico, o nível sintático, perspectiva essa endossada por Pinto e Santana (2009) em um estudo fundamentado na neurolinguística discursiva e por dados como o presente no excerto de fala supracitado, em que é possível perceber problemas não só de seleção de elementos, mas também de combinação desses elementos (a exemplo do que ocorre em *não arronjárdago, to meu vá, muito merrar*). Corroborando tal possibilidade de análise, Cordeiro, Marcolino-Galli e Lier-DeVitto (2013, p. 7) discorrem acerca de uma das formas tradicionais de designar a jargonofasia: "[...] aglomerados incompreensíveis de segmentos, que dissolvem as articulações esperadas numa língua" – isto é, a combinação entre os elementos linguísticos, aspecto investigado pela sintaxe.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a teoria gerativa, uma abordagem formal de estudo da sintaxe, tradicionalmente empregada para embasar pesquisas sobre o agramatismo — patologia que acomete o nível sintático da fala em afásicos —, parece ser profícua também para colaborar para a compreensão da jargonofasia. Isso ocorre porque o gerativismo aborda a combinação entre os elementos linguísticos, sendo capaz de contribuir para a compreensão do fenômeno, assim como a enunciação e a neurolinguística discursiva. A teoria gerativa, tal como proposta pela abordagem chomskyana, entende que há um conjunto de regras internalizadas que permite a aquisição das línguas naturais, ou seja, que existe um conhecimento inato à espécie humana que possibilita a aquisição da língua à qual o sujeito está exposto desde o nascimento (CHOMSKY, 1975). Esse conhecimento tácito e

implícito que o falante tem do funcionamento de sua língua e que constitui a sintaxe dessa língua se pauta em dois tipos de princípios: os de inserção lexical e os de combinação lexical (LARSON, 2009). Na perspectiva gerativista, a inserção é compreendida como seleção, isto é, como operação de implementação lexical da estrutura. O que se defende aqui, entretanto, é que a estrutura sintática é isomórfica à segmentação do significado, tal como defendem Lemle e Pederneira (2012), o que implicaria uma interface semântico-sintática. Ao encontro disso, Friederici (2017) explicita que a jargonofasia envolve processos léxico-semânticos.

Logo, seria possível afirmar que a seleção, isto é, o que Jakobson (1969) atribuiu ao nível paradigmático, também integra a sintaxe de uma língua, posto que o falante, para que possa combinar os elementos linguísticos, precisa antes selecionar esses elementos dentre um conjunto de possibilidades. Diante disso, a hipótese é de que o estudo da jargonofasia a partir do viés teórico gerativista possa contribuir para aprofundar a compreensão desse distúrbio de linguagem, já que, em um sujeito afásico do tipo jargonofásico, tanto a capacidade de seleção de itens lexicais quanto a própria capacidade de combinação desses itens estariam prejudicadas. A averiguação de tal hipótese requereria novos estudos empíricos baseados em dados de fala de sujeitos acometidos pela jargononofasia, tal como os desenvolvidos por Corrêa, Augusto e Marcilese (2018), Dotti *et al*. (2018) e Longchamps e Corrêa (2014), a fim de examinar se os pressupostos teóricos gerativistas possuem, de fato, potencial para explicar tal fenômeno de linguagem, o que ultrapassa o escopo deste *squib*. Salienta-se, ainda, a possibilidade de um diálogo profícuo acerca da temática entre o gerativismo e os estudos experimentais em Psicolinguística e Neurolinguística.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as classificações habitualmente associadas à afasia, parece possível afirmar que ainda existem lacunas a serem investigadas, a exemplo da jargonofasia, como demonstram alguns estudos sobre o tema, realizados sobretudo da perspectiva enunciativa e da abordagem da neurolinguística discursiva. Os dados levantados por esses estudos acerca da fala de sujeitos jargonofásicos indicam desordem em dois níveis de competência linguística, paradigmático e sintagmático, ou seja, na seleção e na combinação de itens lexicais.

Assim, a sintaxe também seria afetada em sujeitos acometidos por essa manifestação vinculada à afasia de Wernick, tal como ocorre com o agramatismo (ainda que em diferentes níveis e de formas distintas), distúrbio frequentemente associado a alterações na sintaxe e investigado sob a ótica da teoria gerativa. Diante disso, posto que tal teoria tem se mostrado produtiva para a compreensão do agramatismo, acredita-se que possa ser aplicada também para examinar a jargonofasia, visto que não só o conhecimento gramatical de inserção, mas também o de seleção, nesta afasia parece afetado e que o gerativismo propõe, justamente, modelos teóricos destinados a compreender as regras de seleção e combinação de elementos linguísticos[5].

5 Com isso não se quer afirmar que apenas o gerativismo tal como proposto por Chomsky pode ser profícuo para tal abordagem. Embora outras perspectivas, como a análise gerativista nos moldes da morfologia distribuída, por exemplo, também possam contribuir para pensar tal fenômeno, neste *squib* o foco reside em

REFERÊNCIAS

BEBER, B. C. Proposta de apresentação da classificação dos transtornos de linguagem oral no adulto e no idoso. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 160-169, 2019. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/36049. Acesso em: 14. fev. 2023.

CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1975.

CORDEIRO, M. D. de S. G.; MARCOLINO-GALLI, J. F.; LIER-DEVITTO, M. F. Jargonafasia: impasses teóricos e clínicos. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2013, Uberlândia. *Anais eletrônicos* [...]. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1236.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A.; MARCILESE, M. Competing analyses and differential cost in the production of non-subject relative clauses. *Glossa*: a journal of general linguistics, v. 3, p. 62-84, 2018. Disponível em: https://www.glossa-journal.org/article/id/5030/. Acesso em: 11 fev. 2023.

DOTTI, H. et al. Una evaluación de la comprensión de estructuras sintácticas con alto costo de procesamiento en nios en edad escolar. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento*, v. 10, p. 37-57, 2018. Disponível em: https://revistas.unc.edu.ar/index.php/racc/article/view/19772. Acesso em: 13 fev. 2023.

FONTANESI, S. R. O.; SCHMIDT, A. Intervenções em afasia: uma revisão integrativa. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 252-262, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-021620161817715. Acesso em: 09 jun. 2021.

FRIEDERICI, A. D. *Language in our brain*: The origins of a uniquely human capacity. Chicago: Mit press, 2017.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

KANDEL, E. R; SCHWARTZ, J. H; JESSELL, T. H. A linguagem e as afasias. *In*: KANDEL, E. R. *et al*. (org). *Princípios da neurociência*. 4. ed. Barueri: Manole, 2003. p. 1169-1187.

LARSON, R. K. *Grammar as science*. Cambridge: MIT Press, 2009.

LEMLE, M.; PEDERNEIRA, I. L. Inserção lexical ou envoltório lexical? *Alfa*, São José Rio Preto, v. 56, n. 2, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000200006. Acesso em: 14 fev. 2023.

LONGCHAMPS, J. R.; CORRÊA, L. M. S. Interface gramática-pragmática e problemas de aprendizagem: definitude e relevância no processamento da referência. *Veredas*, Juiz de

apontar tal possibilidade justamente a partir das proposições chomskyanas.

Fora, v. 18, p. 1-19, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24949. Acesso em: 10 fev. 2023.

MANSUR, L. L.; RADANOVIC, M. *Neurolinguística*: princípios para a prática clínica. São Paulo: iEditora, 2003.

MORATO, E. M.; NOVAES-PINTO, R. Aspectos enunciativos das jargonofasias. *In*: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 45., 1997, Campinas. *Anais* [...]. Campinas: Unicamp, 1998. p. 396-401.

OLIVEIRA, R. D.; MARCOLINO, J. Considerações sobre o jargão na clínica de linguagem com afásicos. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 39-46, 2009.

ORTIZ, K. Z. Afasia. *In*: ORTIZ, K. Z. (org.). *Distúrbios neurológicos adquiridos*. São Paulo: Manole, 2005. p. 47-65.

PINTO, R. do C. N.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. *Psicolinguística*: Reflexão e Crítica, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300012. Acesso em: 09 jun. 2021.

SANTOS, S. R. C. dos; NOVAES, C. V. Compreensão de tempo e aspecto em indivíduos com afasia de Broca. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, Juiz de Fora, p. 171-174, 2008. Disponível em: https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/resumo09.pdf. Acesso em: 09 jun. 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

VARGAS, F. R. *et al*. Reabilitação neuropsicológica em um caso de afasia semântica. *Neuropsicologia Latinoamericana*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 39-49, 2011.

Squib recebido em 3 de outubro de 2021.
Squib aceito em 8 de dezembro de 2022.

A NOTE ON BRAZILIAN PORTUGUESE NON-SENTENTIAL WH-EXCLAMATIVES

Matheus Leopoldino da Cruz* | **Paulo Medeiros Junior****

ABSTRACT

In this squib, we analyze short exclamatives in Brazilian Portuguese, what we call here non-sentential wh-exclamatives. Contrarily to what Sibaldo (2015) attests (that such constructions constitute a CP, hence baring a sentential nature), we propose these structures to be understood as APs dominated by a Degree projection. We propose, following Zanutinni and Portner (2003), that adjectives are the head of an exclamative, and that the augmentative morphology is also able to activate exclamative illocutionary force inside DegP and license short exclamatives.

Keywords: short exclamatives, DegP, augmentative

RESUMO

Neste *squib*, analisamos exclamativas curtas no português brasileiro, construções que aqui denominamos exclamativas-wh não-sentenciais. Contrariamente ao que atesta Sibaldo (2015) (que essas construções constituem um CP e carregam, portanto, natureza sentencial), nós propomos que essas sentenças são na verdade APs dominados por uma projeção de grau. Propomos, seguindo Zanutinni e Portner (2003), que adjetivos nucleiam construções exclamativas, e que a morfologia de aumentativo dentro do DegP é capaz de ativar a força ilocucionária exclamativa e licenciar exclamativas curtas.

Palavras-chave: exclamativas curtas, DegP, aumentativo

* Universidade de Brasília, UnB.

** Universidade de Brasília, UnB. Professor Adjunto 2 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da UnB. E-mail: medeirosjunior@unb.br.

1 INTRODUCTION

Medeiros Junior & Sieiro (2020) have described some properties of sentential wh-exclamatives in Brazilian Portuguese focusing on data such as those in (1) and (2):

(1) a. Que linda casa você tem!
What beautiful house you have
'What a beautiful house you have!'

b. Que lindos que são os seus filhos!
What beautiful that are the your sons
'How beautiful your kids are!'

c. Que tristes fatos ocorreram aqui!
What sad facts happened here
'What sad facts have happened here!'

(2) a. Que lindo o que vocês fizeram!
What beautiful the what you did
'How beautiful what you did!'

b. Que linda a casa que você comprou!
What beautiful the house that you bought
'How beautiful the house you bought!'

c. Que interessantes os dados que você estuda!
What interesting the data that you study
'How interesting the data you study!'

According to the authors, data in (2) provide evidence to propose there might be more than one functional projection within ForceP, namely a RelP — which would host relative Wh-phrases, — and an ExclmP bearing an exclamative feature. Exclamation, according to Medeiros Junior & Sieiro's arguments, must be higher than relativization in Brazilian Portuguese; see (3) bellow:

(3) a. [$_{\textbf{ExclamP}}$[Que linda] a casa [$_{\textbf{RelP}}$[que] [$_{TP}$ vocês compraram]]].
b. *[A casa [$_{\textbf{RelP}}$[que] [$_{TP}$ vocês compraram] [$_{ExclmP}$ [Que linda]]]][1].

1 As pointed out to us by one of the anonymous reviewers, we need to agree that this sentence is grammatical with a pause after the verb form "compraram". This phenomenon is addressed is Medeiros Jr & Sieiro (2020) p.24. The authors argue that in this case the preposed relative would be a 'hanging topic' hosted by a DiscP above force.

Data such as (4), though, have received little attention in the literature and the present squib intends to discuss them:

(4) a. Que linda casa / Que casa linda!
what pretty house what house pretty!
'What a pretty house!'

b. Que linda!
'how pretty!'

c. Que casa!
what house
'What a house!'

d. Linda casa!
pretty house
'pretty house!'

e. Linda!
'Pretty!'

f. *Casa!
'House!'

As one can see from the data in (4), short (non-sentential) exclamatives can be built in five different ways:

(i) Que + adjective + noun / Que + noun + adjective: (a)
(ii) Que +ajective: (b)
(iii) Que +noun: (c)
(iv) Adjective + noun: (d)
(v) Adjective: (e)

However, it is not possible to build a short exclamative from a bare noun just as (4)f[2].

Leopoldino (2018) has observed though that it is possible to reach exclamation with a bare noun bearing augmentative morphology, just as seen in (5) below:

(5) a. Carrão!
Car.AUG!
What a car!'

2 In very specific situations (with specific nouns) an exclamation from a bare nominal is possible (only in blaming contexts):
(i) a. Merda!
'shit!'
b. Caralho!
'dick!'

b. Mulherão!
Woman.AUG
'What a woman!'

c. Homão (da porra)!
Man.AUG of.the fuck
'What a f*ing man!'

The aim of this squib is trying to evaluate the contrast between (4)f and (5) and trying to analyze the structure of a non-sentential exclamative in Brazilian Portuguese.

The squib is organized as follows: in section 2 we discuss the structure of this kind of exclamatives contrasting the CP hypothesis to the DegP hypothesis, as well as propose a structure in cartographic terms for DegP; in section 3 we present our conclusions.

2 WHAT MIGHT BE THE STRUCTURE OF A SHORT (NON-SENTENTIAL) (WH)-EXCLAMATIVE?

When one utters an exclamative one indicates sort of a surprise feeling, amazement for what's being observed. Let us just try to figure out a specific context: let's just imagine that Laura has come to visit her friend Paul. Paul is taking part in a running competition, and Laura is going to watch him run. Laura and Paul himself think he is not enough prepared for a good result on the running, but suddenly (and surprisingly) Paul wins the race, going against all the odds. Laura, then, utters:

(6) John has won the race!

That utterance clearly expresses Laura's surprise and amusement on her friend's results.

In a second situation, let us just think that John has invited Carlos for dinner with a promise that John himself is going to cook. Carlos is aware of John's disastrous cooking abilities, but he doesn't want to disappoint his longtime friend; he accepts, then, John's invitation. But, during the dinner, Carlos realizes the food his friend prepared is just… DELICIOUS! Carlos, then, utters:

(7) What a delicious food you've prepared, pall!

In (6), just as in (7), the expectations of the speakers were surpassed, and both express certain degree of emotion throughout their utterances. This is what constitutes the phenomenon of exclamation.

Hence, one might call an exclamative an utterance that is supposed to express some sort of extreme emotion, usually a surprise, concerning something.

As pointed out in the introduction, Brazilian Portuguese presents a large variety of exclamative constructions: (i) intonational exclamatives, just like (8); sentential wh-exclamatives, as in (9); (iii) short sentential Wh-exclamatives, as in (10), and short exclamatives not containing a wh-phrase, as in (11)[3]:

(8) O João venceu a corrida!
The John won the race
'John won that race!'

(9) a. Que linda casa você tem!
What beautiful house you have
'What a beautiful house you have!'

b. Que lindos que são os seus filhos.
how beautiful that are the your sons
'How beautiful you sons are!'

(10) a. Que linda casa!/ Que casa linda!
What pretty house What house pretty
'What a pretty house!'

b. Que linda!
How beautiful

c. Que casa!
What house
'What a house!'

(11) a. Linda casa!/ Casa linda!
Beautiful house House beautiful
'Beautiful house!'

b. Linda!
Beautiful'

In (8), the exclamation is reached via intonational structuring, considering the fact that the structure of such a sentence is just similar to that of an affirmative[4]. In (9), one might

3 Leopoldino (2022) (in preparation) proposes the exclamatives in (11) are supposed to be derived via (10), originating sort of a reduced non-sentential wh-exclamative.

4
(i) O João venceu a corrida. (affirmative)
The John won the race
'John won that race!'

find what we call here a sentential wh-exclamative: an exclamative sentence containing a tensed verb (and hence, constituting a TP).

(10) and (11) contain short exclamatives, what we call here non-sentential Wh-exclamatives; and these are the exclamatives we wish to highlight here.

An initial question on the subject would be inquiring about the structural nature of the exclamatives in (10) and (11), as we will assume here with Medeiros Junior and Sieiro (2020) and Sieiro (2020) that exclamatives in (8) and (9) constitute CPs. Would (10) and (11) also be CPs?

2.1 THE STRUCTURE OF BRAZILIAN PORTUGUESE SHORT EXCLAMATIVES

2.1.1 THE CP HYPOTHESIS

Sibaldo (2015) analyzes the following data:

(12) a. Muito linda essa bolsa!
Very pretty this purse
'Such a pretty purse!'

b. Uma droga aquela aula!
A shit that class
'What a shit of a class!'

(13) a. Que linda essa bolsa!
How beautiful this purse
'Such a beautiful purse!'

b. Que droga aquela aula!
What shit that class
'What a shit of a class!'

The author will nominate the sentences in (12) Free Small Clauses and the ones in (13) Wh-free Small Clauses; both are supposed to be characterized by the juxtaposition of a predicate and a subject, with no verb mediation or any tense morphology, with the difference that the ones in the second group are headed by a wh-element.

Sibaldo considers data in (13) to constitute sentential exclamatives, CPs headed by a Degree projection. One of the arguments the author uses to state these structures contain a

(ii) O João venceu a corrida! (exclamative)
The John won the race'
'John won the race.'

sentential status, is elaborated throughout a test based on the ideas found in Cardinaletti & Guasti (1995), which consists in inserting a time adverb in the structure; consider (14) below:

(14) a. Que lindo o dia hoje!
How beautiful the day today
'What a beautiful day today!'

b. Que droga de aula aquela ontem!
What shit of class that yesterday
'What a shit of a class that one yesterday!'

Sibaldo argues that if it is possible to insert those time adverbs (*hoje*; *ontem*) it means the structure they integrate must contain a TP, hence, a CP. It sounds convincing at first glance, but Leopoldino (2022) argues there are reasons to believe this might not be totally correct.

The point is one can find some independent evidence in Brazilian Portuguese to attest time adverbs can be adjoined to compounds where a TP is not supposed to be structured, as in infinitival sentences that complement perception verbs (FELSER, 1999), just as those we see in (15)[5]:t

(15) a. Eu ouvi o bebê chorar ontem.
I heard the baby to cry yesterday
'I heard the baby crying yesterday.'

b. Elas viram o João beber hoje e ontem.
They saw the John drink today and yesterday
'They saw John drinking today and yesterday.'

It is possible to argue that the adverbs in (15) are modifying the verb in the matrix, but the examples in (16), provided to us by an anonymous reviewer, are unambiguous in this matter:

(16) a. Descansar amanhã é uma boa ideia
To rest tomorrow is a good idea
'Having some rest tomorrow is a good idea'

b. Descansar hoje foi uma boa ideia
rest today was a good idea
'Having some rest today was a good idea'[6]

The mismatch between the time of the verb and the time information expressed by the adverb in (16) guarantees that the infinitive is the one being modified by the adverb. What then is the appropriate analysis?

5 For a more detailed discussion on infinitive sentences that complement perception verbs as being VPs, see Felser (1999).

6 We would like to thank one of the anonymous reviewers for the hint.

2.1.2 THE DegP HYPOTHESIS

As we mentioned in the previous section, Leopoldino (2022) argues that Felser (1999) provides convincing arguments in favor of a VP structure for the subordinate sentence in (15) a and b. If Felser is correct, that is, if the complements of perception verbs are indeed VPs, as one can perfectly see, time adverbs can be adjoined to a VP structure also. This being so, Sibaldo's generalization starts do get a little weakened, since it is possible to adjoin a time adverb in a structure that is not a TP.

What Leopoldino proposes (and we are assuming his ideas on this squib) is that short exclamatives are APs dominated by a DegP and there are certain positions within DegP related to the activation of exclamative illocutionary force.

The main point in Leopoldino's argumentation against a CP structure in data such as (12) and (13) is that, in general, one can find the realization of the C head along with a wh-phrase in a CP-like structure (no matter if it is an interrogative, a relative clause, or an exclamative sentence); let's just see data below:

(17) [CP Quem$_i$ [C que [TP t_i chegou]]]? (Interrogative)
Who that arrived
'Who has arrived?'

(18) A menina [CP de quem [C que [TP eu gosto]]]. (Relative clause)
The girl of whom that I like'
'The girl I like'

(19) [CP Que lindo [C que [TP seu carro é]]] ! (Exclamative sentence)
How beautiful that your car is
'How beautiful is your car!'

One might not observe the same kind of occurrence in the data put to analysis here:

(20) a. *Que linda que essa bolsa!
How beautiful that this purse

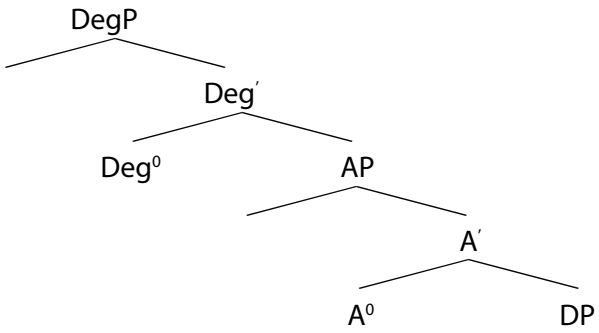
b. *Que bosta que essa aula!
What shit that this class

c. *Que lindo que o seu carro!
How beautiful that the your car

Hence, one seems to have strong reasons to suppose data like (20) do not contain sentential nature, but constitutes something shorter.

Considering Zanuttinni & Portner's (2003) idea that the head of an exclamative sentence might be an adjective[7], and also considering the semantics of an exclamative, as necessarily an evaluative construction, (see Zamparelli (1993), Castroviejo (2007) and Rett (2011)), we will propose here that short exclamatives such as the ones we put into analysis are, in fact, APs headed by a DegP, presenting the preliminary structure shown below:

(21)



We understand there are reasons to think the adjective is the heart of this kind of construction considering two main facts:

Exclamatives must have evaluative content;

Short exclamatives can occur with a bare adjective, but not with a bare noun (see (21) below):

(22) a. Que linda casa!
What pretty house
'What a pretty house!'

b. Linda casa!
Pretty house
'Pretty house!'

c. Linda!
Pretty
'Pretty!'

d. *Casa!
House
'House!'

7 Zannuttinni & Portner (2003, p 55)

We also consider "que"[8] to share with the adjective some evaluative content (see Leopoldino (2018)), considering occurrences as (23)[9]:

(23) a. Que casa!
What house
'What a house!'

b. Que carro!
What car'
'What a car!'

c. Que homem!
What man'
'What a man!'

One might, though, consider the following set of data:

(24) a. Casarão!
House.AUG
'Big house!'

b. Carrão!
Car.AUG
'Great car!'

c. Homão (da porra)!
Man.AUG of fuck
'What a f*ing man!'

As it can be seen from (24), degree morphology seems to be able to activate exclamative illocution, highlighting the contrast between (22d) and (24). This might constitute a strong argument in favor of the DegP hypothesis, though (25) might bring us a little problem:

8 We are considering that *que* is a determiner of a noun, in a proposal à la Kayne (1994).

9 An alternative to this analysis woul be supposing there is a null adjetive in data shuch as (22), as shown below:

(i) Que casa (linda)!
what house (pretty)!
'What a pretty house!'

(ii) Que carro (maravilhoso)!
What car (wonderful)
'What a wonderful car!'

(iii) Que homem (incrível)!
What man (incredible)!'
'What an incredible man!

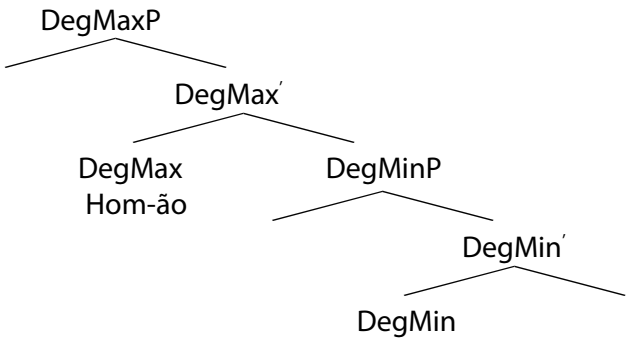
(25) a. *Carrinho!
Car.MIN

b. *Casinha!
House.MIN

c. *Homenzinho!
Man.MIN

If degree morphology is responsible for activating illocutionary exclamative force in (24), what might be the problem with (25)? Well, if we consider exclamation to involve a maximum degree semantics, diminutives might fail to activate exclamation. We then propose there might be more structure within DegP, one (the augmentative, DegMaxP) which is responsible for exclamation:

(26)



A bare name must reach DegMaxP and get augmentative morphology in order to activate exclamative force inside DegP. This would ensure the maximum degree semantics required for exclamation.

We propose DegMax must be higher in structure, despite the discussion found in Armelin (2011), which states diminutives are higher. Armelin's analysis is based on data such as (27):

(27) a. cachorro – *cachorrinhozão/ cachorrãozinho
b. menino – *menininhozão/ meninãozinho
c. chato – *chatinhozão/ chatãozinhho

(ARMELIN, 2011, p. 18)

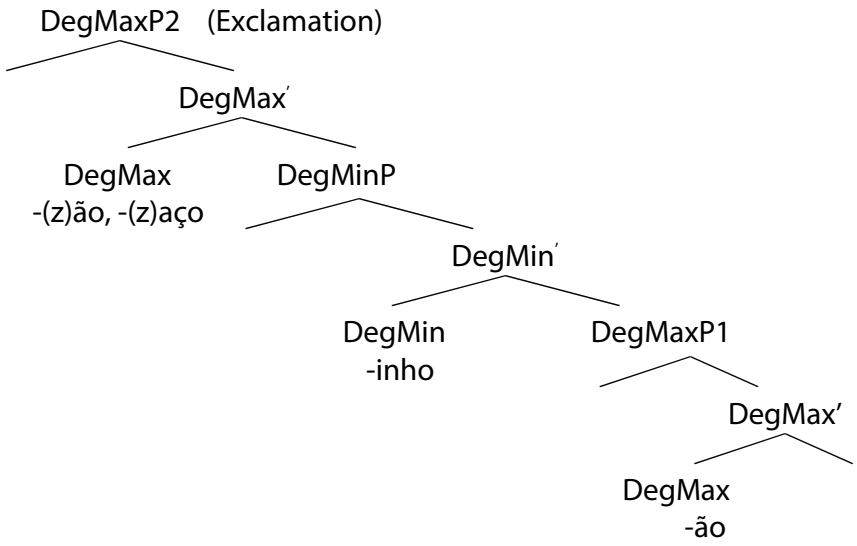
However, one must consider the possibility of data such as (28), also found in Brazilian Portuguese:

(28) a. Lembrancinhazona!
c. Carrãozaço!
b. Menininhozão!

(LEOPOLDINO, 2022)

Data, then, suggests there are more available positions inside DegP, namely more than one augmentative projection, being the higher the responsible for exclamation. Leopoldino (2022) proposes the following structure for DegP:

(29)



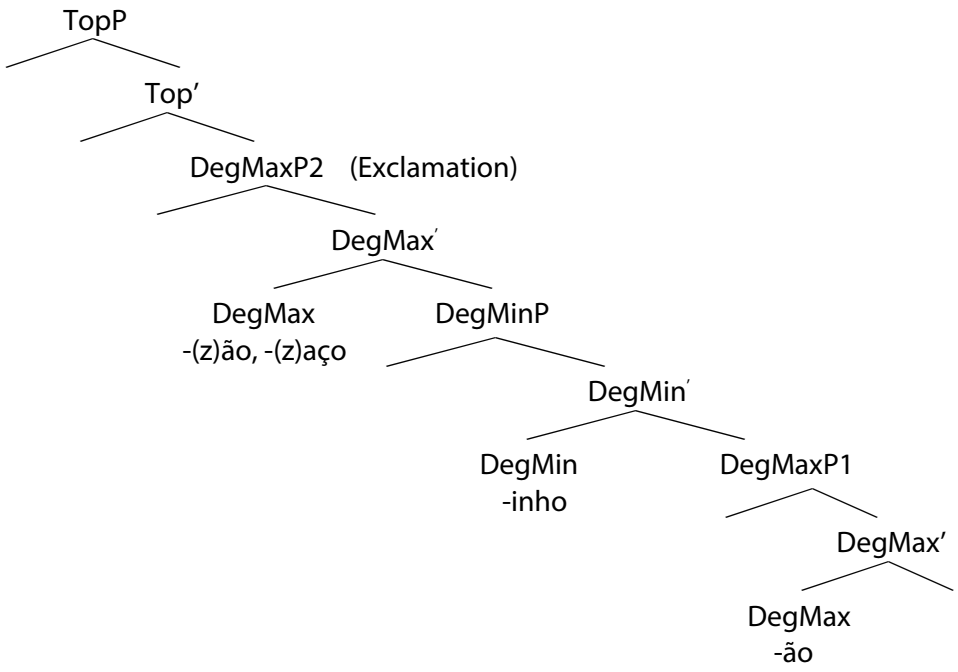
(LEOPOLDINO, 2022, p. 51)

Besides this, Leopoldino (2022) also registered data such as (30):

(30) Esse carro seu, que lindo!

Would there be any other positions within DegP, just as a Topic projection, for instance, that would license (29)? There are reasons to believe so, what would give us the following scenario for the DegP:

(31)



3 FINAL REMARKS

In this squib, we've analyzed the non-sentential exclamative constructions in Brazilian Portuguese. First, we argued against the notion that this type of construction holds a CP structure. We did it so by showing that the supposed C head of the CP could not be filled by the term 'que'. Every other sentence with a CP structure allows the C head to accommodate such term. This suggest that the wh-exclamatives analyzed in this squib do not present such structure.

We further argued, following Zanuttini & Portner (2003), Rett (2011) and Castroviejo (2007), that the real structure of the non-sentential wh-exclamatives consists of an AP headed by a DegP. Then, observing the fact that the augmentative morphology, but not the diminutive, is able to license the exclamative force, we proposed that there should be more than one projection inside DegP, one for the augmentative (DegMaxP) and another one for the diminutive (DegMinP)[10].

Furthermore, we've argued that, despite the analyses set by Armelin (2011) (which states diminutives are higher), the order of augmentative and diminutive within DegP is flexible. This fact made us posit there must be more than one DegMaxP projection (DegMaxP1 and DegMaxP2) separated by one DegMinP, each of them baring different functions. Only the projection of DegMaxP2, the higher node, can activate the illocutionary force[11] of an exclamative in non-sentential constructions as the ones we put into analysis here.

Finally, we suggested that constructions like *esse carro seu, que lindo!* constitute some evidence of an even richer structure inside DegP. Specifically, it seems point to the existence of a syntactic position for Top in this projection, since there is a clear dislocation of a DP to the of the phrase.

10 It is possible to argue that the augmentatives and the diminutives are in the same projection. In this line of reasoning, the co-occurrence of more than one morpheme would be due to category recursion. However, this analysis fails to explain why there is a fixed order in cases like *carrinhozaço,* where the augmentative must be higher than the diminutive, or even the possibility of the occurrence of augmentatives and diminutives in a reverse order.

11 It is important to note that we are not claiming that there is an ForceP in the structure, but that the exclamative force of the sentences is somehow activated by the augmentative morpheme. We leave this aside for further consideration.

REFERENCES

ARMELIN, P. R. G. Sobre a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo no português brasileiro. *ReVEL*, edição especial, n. 5, 2011.

CASTROVIEJO, Elena. A degree-based account of wh-exclamatives in Catalan. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, v. 11, p. 134-149, 2007.

CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. Small clauses: Some controversies and issues of acquisition. *In*: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (ed.). *Syntax and semantics:* small clauses. California: Academic Press, v. 28, 1995. p. 1-23.

FELSER, C. *Verbal Complement Clauses:* A Minimalist Study of Direct Perception Constructions. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.

LEOPOLDINO, M. Exclamativas-wh não sentenciais do português brasileiro: uma análise preliminar. *24º Congresso de Iniciação Científica da UnB e 15º Congresso de Iniciação Científica do DF*, UnB, Brasília, 2018

LEOPOLDINO, M. *Exclamativas não sentenciais do PB*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MEDEIROS JUNIOR, P; SIEIRO, P. L. M. Que lindo o que vocês fizeram! Brazilian Portuguese wh-exclamatives and the evidence for a split force. *DELTA* – Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 36, n. 1, p. 1-29, 2020.

RETT, J. Exclamatives, Degrees and Speech Acts. *Linguistics and philosophy,* v. 34, p. 411-442, 2011.

SIEIRO, P. *Sentential Wh-Exclamatives In Brazilian Portuguese*. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SIBALDO, M. A. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. *Gragoatá*, n. 40, Niteroi, RJ, 2015.

ZANUTTINI, R; PORTNER, P. Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface. *Language*, v. 79, n. 3, p. 39-81, 2003.

ZAMPARELLI, R. Pre-nominal modifiers, Degree phrases and the Structure of AP. *Working papers in Linguistics*, v. 3, University of Venice, 1993.

Squib received on June 23, 2022.
Squib accepted on February 9, 2023.

ARTIGOS

A CODIFICAÇÃO DE EMOÇÕES NA LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DE ABORDAGENS SEMÂNTICAS

Thuany Teixeira de Figueiredo*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma breve análise de verbos do português brasileiro (PB) relacionados a diferentes emoções com base nas propostas de Parsons (1990) e Cançado (1995, 1996, 2012). Especificamente, a proposta é analisar os verbos *enraivecer* e *envergonhar*, relacionados às emoções de *raiva* e *vergonha*, respectivamente, e compreender como esses itens lexicais são classificados de acordo com as propostas semânticas e as formalizações desses dois autores. De modo geral, a relação entre linguagem e emoção tem sido pesquisada por diferentes disciplinas e pode fornecer importantes *insights* sobre a arquitetura e funcionamento da mente e do cérebro humano. As emoções básicas são assim classificadas porque os pesquisadores do tema observaram que parece existir um pequeno conjunto de emoções que são elementares para todos os indivíduos da espécie humana, ao passo em que as emoções sociais são assim agrupadas porque são diretamente associadas à vida em sociedade (KAGAN, 2007). Dessa forma, com base na proposta apresentada, futuros trabalhos podem explorar mais verbos e mais emoções dentro de uma mesma categoria ou de categorias distintas. Assim, será possível observar melhor e analisar as propriedades linguísticas dos diferentes verbos que as codificam.

Palavras-chave: emoção, verbos psicológicos, semântica

* Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: teixeira.thu@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001. Agradeço aos pareceristas, ao meu orientador Thiago Oliveira de Motta Sampaio e ao colega Maurício Sartori Resende pelas leituras, comentários e sugestões que contribuíram para a versão final do texto.

ABSTRACT

The present work aims to carry out a brief analysis of Brazilian Portuguese (BP) verbs related to different emotions based on the proposals of Parsons (1990) and Cançado (1995, 1996, 2012). Specifically, the proposal is to analyze the verbs *enraivecer* and *envergonhar*, related to the emotions of *anger* and *shame*, respectively, and understand how these lexical items are classified according to the semantic proposals and formalizations of these two authors. Overall, the relationship between language and emotion has been researched by different disciplines and can provide important insights into the architecture and functioning of the human mind and brain. Basic emotions are classified as such because researchers on the topic observed that there seems to be a small set of emotions that are elementary for all individuals of the human species, while social emotions are so grouped because they are directly associated with life in society (KAGAN, 2007). Thus, based on the proposal presented, future works can explore more verbs and more emotions within the same category or different categories. Therefore, it will be possible to better observe and analyze the linguistic properties of the different verbs that encode them.

Keywords: emotion, psychological verbs, semantics

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma breve análise de verbos do português brasileiro (PB) relacionados a emoções com base nas propostas de Parsons (1990) e Cançado (1995, 1996, 2012). Especificamente, a proposta é analisar os verbos *enraivecer* e *envergonhar* — relacionados às emoções de *raiva* e *vergonha*, respectivamente, que foram extraídos de Cançado (1995) — e compreender como esses itens lexicais são classificados de acordo com as propostas semânticas e as formalizações desses dois autores.

A escolha de trabalhar com Terence Parsons se baseia na relevância das suas contribuições para os estudos de semântica de eventos. Da mesma forma, os trabalhos sobre semântica de Márcia Cançado, com os seus devidos refinamentos teóricos ao longo dos anos, são uma referência para quem pesquisa emoções e os itens linguísticos que as codificam na linguagem, isto é, os verbos psicológicos. Além disso, a autora realiza diálogo direto com os estudos sobre eventos e o trabalho de Parsons (1990). Logo, realizar uma análise que abarca emoções, semântica e eventos, conjugando esses dois autores, se mostra bastante produtivo.

A relação entre linguagem e emoção tem sido pesquisada por diferentes disciplinas e pode fornecer importantes *insights* sobre a arquitetura e funcionamento da mente e do cérebro humano. Na Psicologia, uma área de investigação que trata dessa relação é a de Teoria da Mente (ToM, do inglês, *Theory of Mind*), que pesquisa a atribuição de estados mentais — desejo, intenção, crença, conhecimento, emoção, entre outros —, isto é, a compreensão de conteúdos da vida mental que os indivíduos têm em relação a si mesmos e aos outros (PREMACK; WOODRUFF, 1978).

Por sua vez, nos estudos de linguagem, Foolen (2016) observa que há neles um pressuposto de que o domínio da linguagem e a cognição, em geral, interagem. Desse modo, o autor pontua que é possível entender também que cognição e emoção se relacionam, dado que as emoções são conteúdos fundamentais da vida e da cognição humanas.

Sendo assim, as emoções sobre as quais iremos nos deter são classificadas como básica — *raiva* — e social — *vergonha*. Em relação a essa classificação das emoções, entende-se que existem diferentes categorias nas quais é possível agrupá-las de acordo com certas características, tais como emoções básicas, emoções positivas e negativas, emoções sociais, emoções morais, emoções de faz de conta, entre outras (SANDER, 2013).

Acerca das categorias de emoções relevantes para este trabalho, temos o seguinte: as emoções básicas são assim classificadas porque os pesquisadores do tema, ao longo dos anos, observaram que parece existir um pequeno conjunto de emoções que são elementares para todos os indivíduos da espécie humana — *raiva, nojo, medo, alegria, tristeza e surpresa*; no que tange às emoções sociais, essas seriam aquelas diretamente associadas à vida em sociedade e às relações entre os indivíduos de uma espécie — *vergonha, constrangimento, inveja, ciúme, gratidão, culpa*, entre outras — de forma que se manifestam na presença de outro agente humano ou quando algum agente é imaginado (KAGAN, 2007).

Nesse sentido, selecionamos uma emoção básica e um verbo relacionado a ela — *raiva/enraivecer* — e uma emoção ligada diretamente à dimensão social e moral da vida humana e um verbo relacionado a ela — *vergonha/envergonhar*. O intuito dessa seleção é poder observar as propriedades linguísticas e o comportamento de verbos que codificam emoções de diferentes naturezas com base na análise semântica de Parsons (1990) para eventualidades, junto com a mais recente formulação teórica de nível semântico de Cançado (2012).

Portanto, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, é apresentado um breve quadro teórico sobre os verbos psicológicos, destacando os pontos mais relevantes do trabalho de Cançado e Parsons para a nossa proposta; na terceira seção, procedemos com a análise dos verbos selecionados que consiste na aplicação das propostas dos dois autores citados e a discussão dos resultados; por fim, na seção quatro, tecemos algumas considerações sobre o trabalho realizado.

2 A CODIFICAÇÃO DE EMOÇÕES NA LINGUAGEM: O CASO DOS VERBOS PSICOLÓGICOS

A classe dos verbos psicológicos é assim conhecida por denotar um estado emocional ou algum outro estado psicológico (SIMÕES, 2015). Cançado (1996) investiga essa classe de verbos e apresenta alguns pontos relevantes para analisarmos a conexão entre verbos e emoções. A princípio, no que concerne a propriedades semânticas e sintáticas, são atribuídas duas propriedades distintivas gerais para os verbos dessa classe: 1. O argumento ao qual é atribuído o papel temático de experienciador tanto pode ocupar a posição de sujeito quanto de objeto, conforme é exemplificado nos (1) e (2) que reproduzimos do trabalho da autora; 2. É possível que a anáfora localizada no sujeito possa ser ligada ou possa tomar como antecedente o objeto desse verbo, principalmente para os verbos com o experienciador na posição de objeto, conforme é exemplificado nos itens que também reproduzimos do trabalho da autora em (3) e (4).

(1) Mário (exp) teme fantasmas (tema).
(2) Fantasmas (tema) assustam Mário (exp).
(3) Estórias sobre si mesma$_i$ agradam muito Maria$_i$.
(4) Falatórios sobre si mesmo$_i$ incomodam João$_i$.

Segundo a proposta da autora (CANÇADO, 1996), os verbos psicológicos são divididos e analisados em quatro classes, algo que ocorre particularmente para o português brasileiro, conforme certas propriedades sintáticas e semânticas relevantes que são sintetizadas no Quadro 1. Além disso, para cada classe, há um verbo prototípico.

QUADRO 1
PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DOS VERBOS PSICOLÓGICOS

Classe	Verbo prototípico	Propriedades sintáticas e semânticas
1	*Temer*	Papel temático experienciador na posição de sujeito Papel temático objetivo na posição de complemento
2	*Preocupar*	Papel temático experienciador na posição de complemento Papel temático causa na posição de sujeito
3	*Acalmar*	Papel temático experienciador na posição de complemento Papel temático do sujeito pode ser uma causa ou agente
4	*Animar*	Admitem tanto as propriedades sintáticas dos verbos da classe 2 quanto as dos verbos da classe 3

Fonte: Cançado (1996). Elaborado pela autora.

Nesse trabalho, Cançado (1996) questiona e revisa a classificação usualmente feita até então para os verbos psicológicos em PB e propõe uma outra classificação para esses itens com base em uma análise semântica mais fina dos papéis temáticos. A nova proposta é chamada de Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos e, segundo ela, os diferentes papéis temáticos das redes temáticas dos verbos psicológicos estariam "submetidos a um princípio de hierarquia temática[1] que faz a correspondência entre a semântica e a sintaxe" (CANÇADO, 1996, p. 108). Ainda, segundo a autora, "é plausível supor que os diferentes comportamentos e propriedades apresentados por esses verbos têm sua origem em suas diferenças semânticas" (CANÇADO, 1996, p. 108).

Posteriormente, em Cançado (2012), há uma reformulação mais ampla dessa análise proposta para os verbos psicológicos, tendo em vista a classe como um todo. Nesse momento, o principal questionamento apresentado busca compreender se essa classe de verbos é mesmo gramaticalmente relevante e específica, ou seja, se esse conjunto de verbos compartilha mesmo certas propriedades sintáticas e semânticas próprias. Com base em uma perspectiva lexicalista, a autora agora coloca:

> Logo, se alguns verbos se comportam sintaticamente da mesma maneira ou, mais propriamente, compartilham uma propriedade sintática, então são suspeitos de carregar alguma propriedade semântica em comum. Portanto, se os verbos psicológicos são classificados como uma classe específica, parece ser assumido que a propriedade apresentar um determinado estado psicológico é relevante gramaticalmente, ou seja, que essa propriedade tem implicações na sintaxe de uma determinada língua. (CANÇADO, 2012, p. 2)

1 "A Hierarquia Temática é um princípio que estabelece a posição sintática de um argumento a partir de uma associação entre funções sintáticas e funções semânticas, baseando-se em uma hierarquia de papéis temáticos assumidos como preferenciais para cada posição sintática" (CANÇADO, 2012, p. 9).

A hipótese da autora é que a classe dos verbos psicológicos não se sustenta teoricamente, pois a propriedade que seria específica a eles não é gramaticalmente relevante, nem sintática e nem semanticamente, sendo apenas uma propriedade particular do sentido de alguns verbos. Dessa forma, os itens lexicais anteriormente alocados nessa classe são agora analisados como pertencentes a outras classes de verbos do PB. Essa mudança analítica direciona a autora para trabalhar com a proposta de decomposição dos verbos em predicados semânticos, abordagem entendida como mais adequada para compreender e analisar esses itens. Portanto, coloca-se que trabalhar com papéis temáticos suscita muitas divergências entre os linguistas, sendo uma noção de caráter mais intuitivo; logo, essa noção deve ser tratada de forma apenas descritiva e não com estatuto teórico.

A decomposição em predicados primitivos, abordagem dos semanticistas lexicais adotada pela autora, assume que o significado dos verbos pode ser decomposto em elementos mais básicos, os chamados predicados primitivos, que representam "os componentes do significado que são recorrentes entre os grupos de verbos" (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1988 apud CANÇADO, 2012, p. 4). Nessa proposta, há o entendimento de que os verbos são itens lexicais que denotam, em geral, eventos, e que esses itens individualizam e nomeiam esses eventos.

Portanto, essa abordagem assume que "teorias de decomposição de predicados são também teorias de tipos de eventos" (CANÇADO, 2012, p. 4). A autora vai se valer das classificações de *accomplishment*, *achievement* e *state* que são usualmente adotadas nas teorias sobre eventos. Parsons (1990), no seu estudo sobre a semântica de eventos do inglês, também faz uso dessa nomenclatura e assume que verbos denotam ações e estados encontrados no mundo[2]. Ademais, deve-se salientar que tal classificação provém de Vendler (1967), e que tanto Cançado quanto Parsons a assumem para realizarem seus respectivos trabalhos.

No que tange à proposta do autor sobre semântica de eventos, a tese principal do seu trabalho aponta que a semântica das sentenças simples do inglês requer uma forma lógica que é mais complexa do que usualmente se assumia (PARSONS, 1990, p. 3). Em resumo, ao tratar da sua língua materna, em particular dos verbos, o pesquisador objetiva desenvolver uma semântica subatômica, isto é, seu foco é investigar o que ele chama de as partes constantes das fórmulas atômicas das formas lógicas tradicionalmente estudadas pela semântica.

Assim, Parsons adota o termo genérico *eventualidade* para se referir às três categorias que correspondem a acontecimentos no mundo, seguindo a literatura da área (BACH, 1986 apud PARSONS, 1990, p. 20). Abaixo seguem exemplos do que seriam essas fórmulas atômicas e, no Quadro 2, sintetizamos a abordagem sobre eventos com a qual o autor trabalha.

(5) X é alto
(6) X esfaqueou Y

2 Há ainda a classe *processes* (processos), também conhecida como *activities* (atividades), cujas características se assemelham tanto às dos eventos quanto às dos estados (PARSONS, 1990, p. 21 e 184). No entanto, segundo o autor, é possível analisar os verbos dessa categoria enquanto verbos de eventos. Sendo assim, tratar mais especificamente apenas de três categorias de eventualidades é uma escolha teórica do pesquisador.

QUADRO 2
CLASSIFICAÇÃO DAS EVENTUALIDADES, SEGUNDO PARSONS (1990)

Eventualidade	Descrição	Exemplo
Evento – *accomplishment*	Tipo de evento que demora um tempo para ocorrer. A maioria possui um momento de culminação (*culmination*).	Alice fez um sanduíche.
Evento – *achievement*	Por natureza, são eventos com caráter instantâneo. Por isso, não faz sentido pensar em quanto tempo eles duram.	Ela venceu a corrida.
Estado	Estados são eventualidades que permanecem com certas características ao longo do tempo.	O vestido é rosa.
Processo (atividade)	São eventualidades que denotam acontecimentos, porém aparentemente não possuem um ponto final.	Maria correu.

Fonte: Parsons (1990). Elaborado pela autora.

Em relação à proposta de Cançado (2012), o Quadro 3 detalha o esquema apresentado pela autora para o estudo de verbos, em geral, o mesmo que será utilizado na nossa análise dos verbos selecionados para o presente trabalho na próxima seção.

QUADRO 3
ESQUEMA DA DECOMPOSIÇÃO DE VERBOS EM PREDICADOS PRIMITIVOS

Evento	Descrição	Exemplo	Estrutura geral
Accomplishment	Eventos que possuem um processo causativo; têm princípio, ápice e estado final.	*Quebrar, abrir, sujar*	[[X *ACT*] *CAUSE* [*BECOME* Y <*STATE*>]]
Achievement	Eventos que denotam um estado final de um acontecimento.	*Morrer, adoecer, azedar*	[*BECOME* X <*STATE*>]
State	Eventos que permanecem constantes, não mostrando o que o desencadeou ou se houve algum tipo de afetação no processo.	*Ter, ver, conhecer*	[*BE* X *STATE*] ou [X *STATE* Y]

Fonte: Cançado (2012). Elaborado pela autora.

Na linguagem da abordagem adotada, a autora explica que as variáveis X e Y são os argumentos que saturam o predicado e às quais são atribuídos os papéis temáticos de

agente e paciente. Os metapredicados *ACT* (agir) e *BECOME* (tornar-se/ficar) tomam X e X/Y *STATE* (estado) como seus argumentos, respectivamente. O metapredicado *CAUSE* (causa) toma os dois subeventos representados pelos grupos de metapredicados e argumentos como seus argumentos. Além disso, a formalização dessa linguagem apresenta o que é chamado de raiz, que é o sentido idiossincrático de cada verbo que aparece na estrutura junto com o sentido que ele compartilha com os outros itens do seu grupo. Em (7), (8), (9), (10) são reproduzidos do trabalha da autora exemplos da aplicação dessas estruturas.

(7) *quebrar*: [[X *ACT*] *CAUSE* [*BECOME* Y <QUEBRADO>]]
(8) *azedar*: [*BECOME* X <AZEDO>]
(9) *ter*: [X TER Y]
(10) *estar sujo*: [*BE* X SUJO]

Com essa nova proposta, os verbos psicológicos passam a ser agrupados nas classes de verbos de mudança e nas subdivisões de verbos de mudança de estado agentivo-causativos, verbos de mudança de estado estritamente causativos e verbos de estado ou de posse (CANÇADO, 2012; CANÇADO; GODOY, 2012). A autora faz referência ao trabalho de Parsons (1990) para explicar que "verbos que denotam uma mudança de estado acarretam necessariamente o sentido *become* STATE "tornar-se/ficar estado", em que o adjetivo que denota o estado é relacionado ao verbo" (CANÇADO, 2012, p. 10).

Desse modo, os verbos psicológicos, antes classificados em quatro classes, são agora analisados como verbos de mudança e verbos de posse. Os verbos da classe 1 passam a ser classificados como verbos desta última classe; os verbos da classe 2 são classificados como verbos de mudança de estado estritamente causativos; e, por fim, os verbos das classes 3 e 4 são agrupados junto aos verbos de mudança de estado agentivo-causativos.

Portanto, em relação aos primeiros trabalhos de Cançado (1995, 1996), os verbos *enraivecer* e *envergonhar* são classificados como verbos das classes 2 e 4, respectivamente. Posteriormente, em trabalho mais recente, Cançado (2012) reclassifica os verbos psicológicos do PB, de modo que o verbo *enraivecer* passa a ser um verbo de mudança de estado estritamente causativo e o verbo *envergonhar* se torna um verbo de mudança de estado agentivo-causativo.

Dada essa apresentação resumida do quadro teórico que baseia a escolha dos verbos selecionados para o presente trabalho, passamos na próxima seção para a análise dos itens selecionados para serem observados à luz do trabalho de Parsons (1990) e Cançado (1995, 1996, 2012).

3 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com o trabalho de Parsons (1990) sobre semântica de eventos, esboçamos uma proposta uma aplicação da sua teoria com o intuito de compreender como as eventualidades denotadas pelos verbos *enraivecer* (emoção básica — raiva) e *envergonhar* (emoção social — vergonha) poderiam ser classificadas segundo a sua divisão em eventos (*accomplishment* e *achievement*), estados e processos, já exposta anteriormente. Para tanto, iremos utilizar os testes apresentados pelo autor para avaliarmos os dois verbos, quais sejam: uso do progressivo/gerúndio, uso de "*how long*", teste com a estrutura "*pseudo-cleft*" e o teste denominado "p*rogressive entails perfect*".

Segundo o autor, tais testes foram formulados, a princípio, para a categorização de itens linguísticos e não eventualidades. A história de elaboração e legitimação desses exercícios de categorização remonta a pesquisadores como Gilbert Ryle, Anthony Kenny, Zeno Vendler, Emmon Bach e David Dowty. Por sua vez, aponta-se que a classificação das eventualidades enquanto eventos, processos e estados remete ao próprio Aristóteles. No entanto, tendo isso em vista, Parsons (1990) aplica esses testes com o objetivo de investigar fenômenos não linguísticos. Destarte, acompanhamos a perspectiva adotada pelo autor.

Ademais, incorporando as diferentes propostas de Cançado (1995, 1996, 2012), iremos utilizar a rede temática estruturada pela autora nos seus primeiros trabalhos para fornecer a forma lógica com os devidos papéis temáticos e iremos também fornecer a formalização dos verbos conforme a linguagem da decomposição em predicados primitivos explorada em seu trabalho mais recente.

Começamos com o verbo *enraivecer*. Tomemos a sentença em (11) e sua rede temática como um verbo da classe 2 (CANÇADO, 1995) como bases para a aplicação dos testes a seguir.

(11) O chefe enraivece os funcionários. {causa, experienciador}

Teste 1:	Uso do progressivo/gerúndio — O chefe está enraivecendo os funcionários.
Resultado:	A construção derivada de (11) com o uso do gerúndio parece ser gramatical em PB. Portanto, com esse teste, a eventualidade denotada por *enraivecer* pode ser classificada como um evento do tipo *accomplishment* ou um processo.
Teste 2:	Uso de "*how long*" — a) Por quanto tempo o chefe enraiveceu os funcionários?; b) Quanto tempo levou para o chefe enraivecer os funcionários?
Resultado:	A construção derivada de (11) com o uso de "por quanto tempo" em (a) não parece ser gramatical em PB, ao passo em que a sentença em (b) parece ser gramatical[3]. Portanto, de acordo com esse teste, a eventualidade denotada por *enraivecer* pode ser classificada como um evento e não como um estado ou processo.

3 De acordo com comentários de pareceristas e outros falantes nativos do PB consultados, a sentença em (a)

Teste 3: "*Pseudo-cleft*" — O que o chefe fez foi enraivecer os funcionários.
Resultado: A construção derivada de (11) com uma estrutura de *pseudo-cleft* parece ser gramatical em PB. Portanto, com esse teste, a eventualidade denotada por *enraivecer* não poderia ser classificada como um estado, de modo que ela deve ser entendida ou como um evento ou como um processo.

Teste 4: "*Progressive entails perfect*" — a) Se o chefe está enraivecendo os funcionários, então os funcionários ainda não estão enraivecidos; b) Se o chefe está enraivecendo os funcionários, então o chefe enraiveceu os funcionários.
Resultado: Com esse teste, temos duas sentenças derivadas: a primeira (a) refere-se a construções que são satisfeitas pelos dois tipos de eventos, ao passo em que a segunda construção (b) refere-se a construções que são satisfeitas por processos. Para o PB, a sentença em (a) faz sentido e é gramatical, o que não ocorre com esse verbo na sentença em (b). Logo, com esse teste é possível classificar as eventualidades denotadas por *enraivecer* como eventos.

Com a aplicação dos testes propostos por Parsons (1990) para o verbo *enraivecer*, é possível classificar as eventualidades que ele denota, em geral, como eventos. Mais especificamente, de acordo com o teste 1, parece ser adequado afirmar que esses eventos são do tipo *accomplishment*. Assim sendo, a sentença em (11), como um evento-*accomplishment*, teria a forma lógica apresentada em (12). Além disso, a formalização semântica do verbo, de acordo com a proposta da decomposição em predicados primitivos explorada por Cançado (2012), resulta na estrutura em (13), e classifica o item em questão como um verbo de mudança de estado estritamente causativo. A fórmula saturada referente a (11) é apresentada em (14).

(12) (∃e)(∃t) [ENRAIVECER (e) ^ CAUSA (e, o.chefe) ^ EXPERIENCIADOR (e, os.funcionários) ^ CUL (e, t)]
(13) *enraivecer*: [[X] CAUSE [BECOME Y <ENRAIVECIDO>]]
(14) [[CHEFE] CAUSE [BECOME FUNCIONÁRIOS <ENRAIVECIDOS>]]

Passamos agora para a análise do verbo *envergonhar*. Tomemos a sentença em (15) e sua rede temática como um verbo da classe 4 (CANÇADO, 1995) como bases para a aplicação dos testes a seguir.

(15) A mãe envergonha a filha. {agente, experienciador}

Teste 1: Uso do progressivo/gerúndio — A mãe está envergonhando a filha.
Resultado: A construção derivada de (15) com o uso do gerúndio parece ser gramatical em PB. Portanto, com esse teste, a eventualidade denotada por *envergonhar* pode ser classificada como um evento do tipo *accomplishment* ou um processo.

pode ser considerada gramatical também. Tendo isso em vista, consideramos importante o aprofundamento da análise dessa questão por meio da realização de mais pesquisas que utilizem o mesmo arcabouço teórico do presente trabalho.

Teste 2: Uso de "*how long*" — a) Por quanto tempo a mãe envergonhou a filha?; b) Quanto tempo levou para a mãe envergonhar a filha?
Resultado: A construção derivada de (15) com o uso de "por quanto tempo" em (a) não parece ser gramatical em PB, ao passo em que a sentença em (b) parece ser gramatical. Portanto, de acordo com esse teste, a eventualidade denotada por *envergonhar* pode ser classificada como um evento e não como um estado ou processo.

Teste 3: "*Pseudo-cleft*" — O que a mãe fez foi envergonhar a filha.
Resultado: A construção derivada de (15) com uma estrutura de *pseudo-cleft* parece ser gramatical em PB. Portanto, com esse teste, a eventualidade denotada por *envergonhar* não poderia ser classificada como um estado, de modo que ela deve ser entendida ou como um evento ou como um processo.

Teste 4: "*Progressive entails perfect*" — a) Se a mãe está envergonhando a filha, então a filha ainda não está envergonhada; b) Se a mãe está envergonhando a filha, então a mãe envergonhou a filha.
Resultado: Com esse teste, temos duas sentenças derivadas: a primeira (a) refere-se a construções que são satisfeitas pelos dois tipos de eventos, ao passo em que a segunda construção (b) refere-se a construções que são satisfeitas por processos. Para o PB, a sentença em (a) faz sentido e é gramatical, o que não ocorre com esse verbo na sentença em (b). Logo, com esse teste é possível classificar as eventualidades denotadas por *envergonhar* como eventos.

Novamente, com a aplicação dos testes propostos por Parsons (1990) para o verbo *envergonhar*, é possível classificar as eventualidades que ele denota, em geral, como eventos. Mais especificamente, de acordo com o teste 1, parece ser adequado afirmar que esses eventos são do tipo *accomplishment*. Assim sendo, a sentença em (15), como um evento-*accomplishment*, teria a forma lógica apresentada em (16). Ademais, a formalização semântica do verbo, de acordo com a proposta da decomposição em predicados primitivos explorada por Cançado (2012), resulta na estrutura em (17), e classifica o item em questão como um verbo de mudança de estado agentivo-causativo. A fórmula saturada referente a (15) é apresentada em (18).

(16) (∃e)(∃t) [ENVERGONHAR (e) ^ AGENTE (e, a.mãe) ^ EXPERIENCIADOR (e, a.filha) ^ CUL (e, t)]
(17) *envergonhar*: [[X (*volition*)] CAUSE [BECOME Y <ENVERGONHADO>]][4]
(18) [[MÃE (*volition*)] CAUSE [BECOME FILHA <ENVERGONHADA>]]

4 O modificador *vol*ition é inserido por Cançado, Godoy e Amaral (2013) na estrutura formal de decomposição em predicados primitivos dos verbos de mudança de estado agentivo-causativos. O objetivo é representar melhor a volição opcional do argumento em posição de sujeito.

Por fim, a aplicação dos testes para a classificação de eventualidades de Parsons indica que tanto *enraivecer* quanto *envergonhar* podem ser classificadas como eventos do tipo *accomplishment*, apesar de codificarem emoções de naturezas diferentes, de terem redes temáticas diferentes e estruturas de decomposição em predicados primitivos ligeiramente diferentes devido ao seu agrupamento em classes verbais distintas.

Com isso, esses resultados apontam que tanto uma emoção básica quanto uma emoção social podem ser codificadas pela semântica do português brasileiro como eventualidades que possuem um processo causativo, conforme (13) e (17). Isso implica que ambos os estados emocionais demandam algum aspecto — causa ou agente — para desencadeá-los.

Entretanto, de fato, apesar de *enraivecer* e *envergonhar* apresentarem essa semelhança, por meio da análise realizada, nota-se que a classificação das respectivas emoções relacionadas a esses itens enquanto básica (raiva) e social (vergonha) podem ter também um paralelo com as características dos verbos de mudança de estado estritamente causativos e dos verbos de mudança de estado agentivo-causativos.

Conforme apresenta Cançado (2012), o primeiro grupo tem como atributo não aceitar, nem de forma composicional, um agente na posição de sujeito, de modo que aceitam apenas uma causa nessa posição. Uma evidência apresentada para demonstrar esse aspecto é que esses verbos não aceitam um instrumento. Reproduzimos em (19) um exemplo da autora acerca dessa questão e, em (20), reproduzimos (11) com a referida estrutura.

(19) *O João aborreceu o pai com um martelo.
(20) *O chefe enraivece os funcionários com um computador.

Sendo assim, a particularidade de apenas admitir uma causa na posição de sujeito parece ser distintiva dos verbos que codificam emoções básicas, em termos linguísticos, em paralelo à característica de caráter cognitivo de serem elementares para todos os indivíduos da espécie humana, conforme aponta certa discussão da literatura da área (KAGAN, 2007; SANDER, 2013). Não pretendemos aprofundar essa investigação no presente trabalho, porém indicamos algumas evidências, com base no quadro teórico adotado, sobre as emoções básicas de alegria, tristeza e nojo.

(21) alegria: *Lucas alegrou Daniel com um celular.
(22) tristeza: * Laura entristeceu Carlos com uma chave.
(23) enojar: *O pai enoja a filha com uma luva.

No outro sentido, Cançado (2012) estabelece que os verbos de mudança do tipo agentivo-causativo admitem um agente na posição de sujeito e, com isso, um instrumento. Assim, reproduzimos um exemplo da autora em (24) e, em (25), apresentamos (15) com essa estrutura.

(24) O João assustou a Maria com um revólver.
(25) A mãe envergonha a filha com uma roupa.

Destarte, podemos questionar se a característica de admitir a possibilidade de agentividade seria distintiva das emoções chamadas sociais, junto à sua atribuição de se manifestarem na presença de outro agente humano, seja ela física ou imaginada. Novamente, indicamos apenas algumas evidências sobre as emoções sociais como gratidão, culpa e constranger.

(26) gratidão: Alice agradece o tio com um presente.
(27) culpa: Marta culpa o avô com uma carta.
(28) constranger: Paulo constrange o professor com uma foto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada neste trabalho teve como objetivo realizar um breve estudo sobre como verbos que codificam emoções de diferentes categorias são classificados nas propostas de nível semântico de Parsons (1990) e Cançado (1995, 1996, 2012). Foram examinados os verbos *enraivecer* e *envergonhar* – relacionados às emoções de raiva e vergonha, respectivamente. No delineamento do quadro teórico, apresentamos como a relevância gramatical da conhecida classe dos verbos psicológicos foi questionada pela principal autora que tem pesquisado esse tipo de verbo no português brasileiro. Além disso, mostramos que na sua reformulação teórica acerca desses verbos, a autora dialoga com a semântica de eventos de Parsons para construir a sua argumentação.

Uma interpretação possível dos resultados da análise empreendida parece sugerir que, de acordo com a abordagem de Parsons, as eventualidades denotadas pelos dois verbos selecionados podem ser classificadas como eventos do tipo *accomplishment*. Apesar de serem verbos que codificam emoções de naturezas distintas, obteve-se que ambos podem ser enquadrados analiticamente na mesma categoria semântica em termos de eventualidades.

À vista disso, trabalhos futuros podem explorar mais verbos e mais emoções com a mesma classificação ou de categorias diferentes, isto é, pesquisar mais emoções básicas e sociais e os verbos que as codificam com o intuito de estudar a sua classificação enquanto eventualidade, da mesma forma que investigar emoções positivas e negativas, por exemplo, e seus respectivos verbos. Com isso, será possível compreender melhor as propriedades linguísticas dos verbos que codificam as diferentes emoções, e aprofundar as reflexões sobre as possíveis relações entre a linguagem e emoção, conforme esboçado na seção anterior.

Nesse sentido, por meio da ampliação de testes realizados com base no arcabouço teórico aqui mobilizado, pode-se testar outros verbos que também codificam as emoções abarcadas no presente trabalho. Isso contribuiria para o encaminhamento de questões provenientes de divergências de interpretação. Logo, analisar outros verbos relacionados à raiva e à vergonha poderia auxiliar para compreendermos, de fato, se essas emoções estão associadas a eventos-*accomplishment*.

Alem disso, entendemos que outra questão significativa derivada da análise dos dados obtidos nesta sucinta investigação diz respeito à relação entre emoções e eventualidades. Alcançar um melhor entendimento acerca dessa questão pode colaborar para que se elucide, tanto linguística quanto cognitivamente, outros fenômenos relacionados às emoções como, por exemplo, o caso da simultaneidade das emoções mistas (VACCARO, KAPLAN, DAMASIO, 2020). É possível questionar como se codificaria linguisticamente, em termos semânticos e de uma abordagem sobre eventos, a ocorrência de mais de uma emoção ao mesmo tempo. Portanto, é relevante que se desenvolvam mais estudos sobre emoções e semântica de eventos.

Por último, ao se testar outros verbos do PB, pode-se angariar mais dados de uma língua com características diferentes do inglês, língua materna e objeto de interesse principal de Parsons e da bibliografia mobilizada pelo autor. Tal empreendimento é pertinente porque palavras correspondentes em diferentes línguas podem não ter as mesmas características linguísticas. Outrossim, essa investigação também pode contribuir para o encaminhamento de eventuais divergências analíticas.

REFERÊNCIAS

CANÇADO, Márcia. *Verbos psicológicos*: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

CANÇADO, Márcia. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 4, n. 1, p. 89-114, 1996.

CANÇADO, Márcia. Verbos psicológicos do português brasileiro e a análise inacusativa de Belletti & Rizzi: indícios para uma proposta semântica. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 13. n. 1, p. 119-139, 1997.

CANÇADO, Márcia. O lugar da semântica em uma teoria gramatical. *Estudos Linguísticos*, v. 29, p. 67-78, 2000.

CANÇADO, Márcia. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista do GEL*, n. especial, p. 93-125, 2002.

CANÇADO, Márcia. Verbos Psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente? *Veredas On-line: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 16, n. 2, p. 1-18, 2012.

CANÇADO, M Márcia; GODOY, Luisa. Representação lexical de classes verbais do PB. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 56, n. 1, p. 109-135, 2012.

CANÇADO, Márcia; GODOY, Luisa; AMARAL, Luana. Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 11, n. 20, p. 104-125, 2013.

FOOLEN, Ad. A relevância da emoção para a linguagem e para a Linguística. *In*: CAVALCANTE, S. M. S.; MILITÃO, J. A. (org.). *Emoções*: desafios para estudos da linguagem e cognição. Belo Horizonte: PUC Minas (e-book), 2016.

KAGAN, Jerome. *What is emotion?*: History, measures, and meanings. Yale University Press, 2007.

OLIVEIRA, Roberta Pires. *Semântica formal*: uma breve introdução. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English*: a study in subatomic semantics. Cambridge: MIT Press, 1990.

PREMACK, David; WOODRUFF, Guy. Does the chimpanzee have a theory of mind. *Behavioural and Brain Science*, v. 1, p. 515-526, 1978.

SANDERS, David. Models of emotion: the affective neuroscience approach. *In*: ARMONY, J.; VUILLEUMIER, P. (ed.). *The Cambridge handbook of human affective neuroscience*. Cambridge University Press, 2013.

SIMÕES, Gisela Cristina Silva. *Uma análise dos verbos psicológicos*. Monografia (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

VACCARO, Anthony G.; KAPLAN, Jonas T.; DAMASIO, Antonio. Bittersweet: the neuroscience of ambivalent affect. *Perspectives on Psychological Science*, v. 15, n. 5, p. 1187-1199, 2020.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1967.

Artigo recebido em 3 de outubro de 2021.
Artigo aceito em 15 de julho de 2022.

DOIS TIPOS DE RELATIVAS APOSITIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Fabiola Boareto Ramos*

RESUMO

Este artigo é voltado para a análise do comportamento sintático-semântico das orações relativas apositivas do português brasileiro. Essas sentenças, a princípio, apresentam-se como uma categoria homogênea. Entretanto, ao serem reduzidas a um sintagma simples, apresentam resultados distintos: ora o resultado é um substantivo, ora um adjetivo. Por serem consideradas como parte de uma construção apositiva e, ainda, tendo em vista que autores como De Vries (2006) e Quirk et al. (1985) tratam as aposições nominais como redução da sentença relativa apositiva, buscamos entender esse comportamento diferenciado dessas construções. Além disso, procuramos estabelecer uma comparação entre os tipos semânticos de aposições, tentando propor a possibilidade de existência de mais de um tipo de relativa apositiva para o Português Brasileiro. Por meio de um simples teste de redução, aplicado às relativas apositivas, chegamos à conclusão de que, quando essas relativas se reduzem em substantivo, estamos diante de uma oração relativa apositiva identificativa; quando se reduzem em adjetivo, estamos frente a outro tipo de oração relativa apositiva: a apositiva atributiva.

Palavras-chave: comportamento sintático-semântico, relativas apositivas, adjetivo, substantivo, identificativa, atributiva

ABSTRACT

This paper focuses the syntactical and semantical behavior of the so called appositive relatives in Brazilian Portuguese. Such constructions are originally considered to constitute a homogenous group of sentences. However, when reduced to a single phrase, they originate two different results: sometimes the result is an adjective, sometimes a noun. Because they are considered to be part of an appositive construction, and yet considering that authors such as Quirk et al. (1985) and De Vries (2006) treat nominal appositions as being a result of the reduction of an appositive relative clause, we seek to understand the

* Universidade de Brasília, UnB. Mestra em Linguística pela UnB. O conteúdo deste artigo é abordado em Boareto (2022), sendo parte do trabalho de pesquisa realizado durante o período destinado ao curso de mestrado. *E-mail*: fabiolaboareto@hotmail.com.

diverse behavior of such constructions. Furthermore, we intend to stablish a comparison between the semantic types of apposition, with the intention to propose the possibility of the existence of two types of appositive relatives in Brazilian Portuguese. By means of a simple reduction test, we have come to the conclusion that, when they are reduced to a noun, appositive relatives are sentences of the identification type, while those reduced to an adjective belong to the attributive group of appositive relatives.

Keywords: syntactic-semantic behavior, appositive relative, appositions, adjective, substantive, identification, attributive

1 INTRODUÇÃO

Uma frase relativa é uma oração subordinada, introduzida por um pronome relativo, que modifica um sintagma nominal. Esse tipo de oração mantém relação estrita com o determinante que introduz o sintagma nominal, conhecido como antecedente (cf. SMITH, 1964; VERGNAUD, 1974; DUARTE; BRITO; 2003) O processo de relativização[1] do português brasileiro nos fornece dois tipos de sentenças com núcleo expresso: a relativa restritiva e a relativa apositiva ou, tradicionalmente falando, a adjetiva restritiva e a adjetiva explicativa, respectivamente.

Uma relativa restritiva atua contribuindo para a constituição de referencial específico para o nome que ela modifica, restringindo o seu campo interpretativo, apresentando valor semântico de exclusão. A relativa apositiva traz uma especificação ou uma informação a respeito do nome a que se conecta, sem, necessariamente, contribuir diretamente para a construção do referente desse nome, e por esse motivo, tem valor de inclusão (cf. BIANCHI, 2004; MEDEIROS JÚNIOR, 2014, 2020). Uma das diferenças mais marcantes entre essas orações é o fato de a relativa apositiva, ao contrário da restritiva, vir marcada por uma pausa, na fala, que será representada por vírgulas na escrita. Os dados em (1) nos trazem exemplos, entre colchetes, dessas duas construções. Este artigo terá como foco as relativas apositivas.

(1) a. O aluno [que estuda] não teme provas difíceis. (relativa restritiva)
b. A Maria, [que é minha prima], mora em Londres. (relativa apositiva)

As relativas apositivas, quando reduzidas a um sintagma simples, apresentam um comportamento sintático, no mínimo, curioso, pois trazem como resultados dessa redução elementos de classes gramaticais diferentes, ora um substantivo, ora um adjetivo, como podemos observar em (2) e (3):

(2) a. A Ana, [que dança no balé da escola], tem excelentes notas.
b. A Ana, **bailarina da escola**, tem excelentes notas.

(3) a. O homem, [que é mortal], enfrenta muitos perigos na vida.
b. O homem, **mortal**, enfrenta muitos perigos na vida.

Vamos iniciar considerando a aproximação entre uma aposição e uma relativa apositiva. Observemos os dados a seguir, em (4):

(4) a. A capitã do time, minha irmã, não chegou ainda.
b. A capitã do time, que é minha irmã, não chegou ainda.

As relativas apositivas (as adjetivas explicativas) são tidas, por muitos gramáticos, como construções apositivas. É possível presumir que essa atribuição seja motivada pelo fato de relativas apositivas e aposições comuns (as ditas canônicas) compartilharem alguns

1 Para maior detalhamento sobre o processo de relativização, ver Smith (1964), Kayne (1994) e Bianchi (1999, 2004).

traços característicos como: a possibilidade frequente de se expandir o segundo elemento da aposição em uma sentença relativa; o caráter independente da sentença relativa em relação à sentença principal; e o requisito de correferência entre a palavra *que* na relativa e o sintagma nominal antecedente (QUIRK et al., 1985). Observe-se que o nominal *minha irmã*, em (4a), pode ser considerado como uma redução da sentença relativa em (4b) (cf. discussão em De Vries (2006), McCawley (1998) e Quirk et al. (1985)).

Entretanto, é importante fazermos a distinção entre aposições constituídas por dois sintagmas nominais e as que se formam a partir de um elemento nominal e uma sentença relativa. Uma razão que nos leva a essa distinção é a presença do pronome relativo encabeçando a oração relativa. Segundo Quirk et al. (1985), podemos considerar que a semelhança entre as aposições e as relativas apositivas pode estar limitada, apenas, para as orações que possuem um sintagma nominal na função de predicado na sentença relativa, como nos mostra o dado em (4b) acima: veja que há uma identificação entre o antecedente (*a capitã do time*) e o predicado (*minha irmã*) trazido pela relativa apositiva.

Do mesmo modo, observe-se que, para os dados em (5), a relação de identidade entre antecedente e o complemento trazido pela aposição não está presente e por esse motivo não há a possibilidade de uma construção apositiva paralela para a sentença relativa apresentada em (5a):

(5) a. Este é o currículo de João, *que quer um trabalho nesta empresa*.
b. *Este é o currículo de João, *um trabalho nesta empresa*.

Assim, de acordo com Quirk et al. (1985), as aposições constituídas de dois sintagmas nominais (SN) se diferem daquelas formadas por um SN e uma relativa apositiva por envolverem uma relação de unidades de mesma categoria.

Há, ainda, em português, outro tipo de aposição oracional, porém, que não envolve a organização de uma frase, como evidenciam os dados em (6a), a seguir. Esse tipo de oração, a gramática tradicional (GT) conceitua como sendo uma oração subordinada apositiva (cf. BECHARA, 2004; CUNHA; CINTRA, 2010). Aqui, chamaremos a essa construção, seguindo Medeiros Júnior (2021), de apositiva nominal. Assim sendo, o português apresenta duas unidades oracionais de natureza apositiva, como nos mostram os dados em (6):

(6) a. Este é o meu desejo: *que você seja feliz*. (apositiva nominal)
b. A Terra, *que é azul*, gira em torno do Sol. (relativa apositiva)

Ambas as estruturas, acima, parecem preencher as condições já apresentadas para que sejam definidas como aposição, por exemplo, a relação entre duas expressões que compartilham o mesmo referente. Contudo, como já sabemos, pela própria gramática tradicional, trata-se de construções distintas. Algumas diferenças como a impossibilidade de elisão do antecedente da relativa, a não permutação entre antecedente e aposição para a relativa apositiva, possível para a apositiva nominal, entre outras distinções, são pontos

que separam essas duas construções[2]. Entretanto, não entraremos nesses detalhes, pois o que nos interessa, neste artigo, são as semelhanças trazidas por essas construções, como, por exemplo, a possibilidade de redução da sentença que funciona como aposto a um nominal, exemplificado nos dados em (7) e (8) a seguir:

(7) a. Este é o meu desejo: [que você seja feliz]. (apositiva nominal)
b. Este é o meu desejo: [sua felicidade].

(8) a. Maria, [que é minha prima], mora em Londres. (relativa apositiva)
b. Maria, [minha prima], mora em Londres.

Observe-se que as duas construções apositivas colocadas acima nos fornecem como redução um substantivo. No entanto, até mesmo nessa semelhança, apresentada entre elas, a relativa apositiva mostra um comportamento diferenciado, como evidencia os exemplos em (9), ora apresentando um substantivo como resultado da redução, ora um adjetivo:

(9) a. Maria, **que é minha prima**, mora em Londres
b. Maria**, minha prima**, mora em Londres. (substantivo)
c. O homem, **que é mortal**, acha-se indestrutível.
d. O homem**, mortal**, acha-se indestrutível. (adjetivo)

As sentenças em (9a) e (9c), em destaque, apresentam estruturas idênticas (ambas são orações relativas apositivas), mas, ao serem reduzidas a um sintagma simples, fornecem resultados diferentes: em (9b) temos um substantivo; em (9d), um adjetivo. Esse comportamento, talvez, seja devido ao fato de termos a possibilidade de construirmos estruturas apositivas de natureza semântica distinta.

Assim, pelo exposto, podemos observar que pode haver a possibilidade de existência de mais de um tipo de sentença relativa apositiva no português brasileiro e isso é o que será debatido no desenvolvimento das seções seguintes deste artigo. Além desta seção introdutória, este trabalho está dividido da seguinte forma: a seção 2 trata do fenômeno da aposição; a seção 3 aborda os tipos de apositivas relativas do português brasileiro; e a seção 4 apresenta a conclusão.

2 O FENÔMENO DA APOSIÇÃO

Uma construção apositiva é, frequentemente, reconhecida, quando se têm duas expressões nominais, seguidas uma da outra, isto é, justapostas, e que são — de alguma forma — equivalentes tanto em natureza sintática quanto em referência para interpretação. O dado descrito em (10) representa uma construção apositiva:

(10) [O Sol], [estrela do Sistema Solar], tem 333mil vezes a massa da Terra.

2 Ver Medeiros Júnior (2021).

Os elementos entre colchetes formam uma construção apositiva. Observe-se que há uma relação estabelecida entre o primeiro elemento (*O Sol*), antecedente, e o segundo elemento, no caso, *estrela do Sistema Solar*, que representa a aposição (aposto)[3]. Dessa forma, uma construção apositiva pode ser entendida como a relação estabelecida entre o antecedente e a aposição, na qual os elementos apresentam um tipo de equivalência (HERINGA, 2011; MEDEIROS JÚNIOR, 2021).

A construção apositiva, tradicionalmente, é definida como sendo aquela composta de um substantivo ou um pronome imediatamente seguido de outro termo que apresente caráter nominal, o qual individualiza ou esclarece o anterior. O entendimento é de que esses elementos sejam correferenciais e designem um mesmo ser (ROCHA LIMA, 2011).

Alguns critérios são empregados por diversos autores para o reconhecimento de uma combinação de duas expressões como sendo uma construção apositiva. São eles: as duas expressões: 1) devem ter o mesmo referente; 2) devem pertencer à mesma categoria sintática; 3) qualquer uma das expressões pode ser omitida sem afetar a aceitabilidade da sentença; e 4) a omissão de qualquer uma das partes da construção apositiva não deve afetar a interpretação do constituinte remanescente. Entretanto, o emprego de tais critérios para identificação e caracterização dessas construções não é um consenso (cf. discussão em McCawley (1998) e Quirk et al. (1985)). Para vários autores, esses critérios acabam por constituir algum tipo de obstáculo para a caracterização de uma construção apositiva, uma vez que podem excluir combinações que diferem dos critérios admitidos. Vejamos os dados em (11) e (12), a seguir:

(11) a. O estado de Minas Gerais é o berço da Inconfidência Mineira.
b. A constelação (de) Ursa Maior é vista no hemisfério norte.

(12) a. Os vegetais, fornecedores de oxigênio, são necessários para a vida humana.
b. Os vegetais, que fornecem oxigênio, são necessários para a vida humana.

Observe-se que, se pensarmos nos critérios colocados acima, como o 3 (qualquer uma das expressões pode ser retirada sem prejuízo para a aceitabilidade da sentença) ou o 4 (a omissão de qualquer uma das partes não deve afetar a interpretação do constituinte remanescente), em (11a), a preposição impedirá que a construção seja tratada como uma aposição, uma vez que, ao retirarmos parte da construção, resultará em uma sentença agramatical (13c), mas, por outro lado, ao olharmos para a construção em (11b), considerando os mesmos critérios, facilmente, poderíamos dizer que existe uma preposição elidida, e, então, teremos um status diferenciado para esta construção, que será tratada como uma aposição especificativa. Vejamos: critérios 3 e 4:

(13) a. O estado de Minas Gerais é o berço da Inconfidência Mineira.
b. O estado é o berço da inconfidência.
c. *de Minas Grais é o berço da Inconfidência Mineira.

3 Huddleston e Pullum (2002) denominam o primeiro elemento da aposição, o antecedente, como âncora; e o segundo, como aposição.

Agora, se pensarmos no critério apresentado em 2 (antecedente e aposição devem pertencer à mesma categoria sintática), nota-se que, em (12a) esse critério permite que reconheçamos a construção apositiva, visto que os elementos que a compõem são de mesma categoria sintática, qual seja, sintagmas nominais (DPs). Todavia, em (12b), encontramos uma construção apositiva composta por um (DP) no primeiro elemento e no segundo, um CP, ou seja, trata-se de categorias diferentes, compondo uma construção apositiva.

Vale ressaltar, também, que podemos reconhecer uma construção apositiva pela prosódia apresentada pela aposição, que reflete sua função em relação ao elemento ao qual se conecta: por um lado, apresenta total subordinação (reduplicação, nível de voz mais baixo, alcance de altura reduzido), o que evidencia que a aposição é apenas uma parte da construção apositiva; por outro lado, mostra independência prosódica (pausas, movimentos tonais), a qual reflete que uma aposição não modifica restritivamente seu antecedente, mas traz uma informação extra sobre ele. Heringa (2011) considera que essa natureza ambivalente de se relacionar a um termo da sentença matriz e fornecer, simultaneamente, uma mensagem independente é a principal característica da aposição.

Na relação estabelecida entre antecedente e aposição, segundo critérios semânticos, podemos reconhecer três tipos mais relevantes de aposição: 1) a identificativa (equivalência), em que antecedente e aposição tem o mesmo grau de especificidade, ou seja, descrevem o mesmo conceito, o mesmo ser; 2) a atributiva, em que o antecedente se refere a uma parte e a aposição se refere ao todo, isto é, um grupo maior ao qual o antecedente pertence, envolvendo mais predicação do que equivalência; 3) a inclusão (inclusiva), que se aplica quando o referente da aposição representa parte do referente do antecedente e requer um marcador explicito em sua constituição (cf. QUIRK et al., 1985; De VRIES, 2002, 2006; CARDOSO; De VRIES, 2010, HERINGA, 2011). Todos os três tipos estão representados, entre colchetes, nos exemplos a seguir em (14); os marcadores, cuja presença é indispensável para a aposição inclusiva, estão sublinhados.

(14) a. *Ana*, [minha amiga], chegou de Paris ontem. (identificativa)
b. *José*, [o proprietário do barco], não vai velejar hoje. (identificativa)
c. *Maria,* [vegetariana], vem para o jantar. (atributiva)
d. *A Terra*, [azul], gira em torno do Sol. (atributiva)
e. As crianças gostam *de doces*, [particularmente chocolates]. (inclusão)
f. *Muitos alunos*, [especialmente Eduardo], não estudam nunca. (inclusão)

A aposição identificativa aparece quando o segundo elemento identifica o primeiro, podendo o antecedente ser indefinido e a aposição mais especifica, ou. ainda, antecedente e aposição podem ser igualmente específicos, ou seja, apresentam o mesmo grau de especificidade, o que explica o fato de a construção apositiva descrever o mesmo conceito duas vezes (HERINGA, 2011). Afinal, a função pragmática da aposição é introduzir um conceito a partir de vários pontos de vista; a intenção é conduzir o ouvinte a ter alternativa interpretativa para identificar o que está sendo enunciado (HERINGA, 2011; CARDOSO;

De VRIES, 2010). Em outras palavras, uma construção apositiva típica envolve a relação de identificação entre antecedente e aposição.

A princípio, combinações de elementos com mesmo grau de especificidade para as aposições atributivas parecem impossíveis. No entanto, Heringa (2011) propõe uma relação entre antecedente e aposição, que permite essa combinação: a relação parte-todo. Nessa relação o antecedente refere-se à parte e a aposição, ao todo, isto é, um grupo maior ao qual o antecedente encontra-se inserido. A aposição funciona exatamente como se fosse um adjetivo atributivo, usado para informar ao ouvinte que aquele certo nome (o antecedente) pertence a uma classe maior, ou seja, se a aposição descreve um grupo, isso resultará na atribuição dos recursos e características desse grupo ao antecedente (HERINGA, 2011).

A aposição atributiva envolve predicação mais do que equivalência, e conectores de equivalência (*isto é, a saber, ou seja*, entre outros), normalmente, não são aceitos (QUIRK et al., 1985). Vejamos o dado em (15):

(15) a. Maria, vegetariana, vem para o jantar. (aposição atributiva)
b. *Maria, isto é, vegetariana, vem para o jantar.

Entretanto, podemos realizar a substituição de uma aposição definida[4] por uma sentença relativa apositiva correspondente, como podemos ver a seguir:

(16) a. Maria, vegetariana, vem para o jantar.
b. Maria, que é vegetariana, vem para o jantar.
c. A casa, uma construção imponente, encanta a todos.
d. A casa, que é uma construção imponente, encanta a todos.

Para alguns autores (QUIK et al,1985; CARDOSO; De VRIES, 2010; HERINGA, 2011), as aposições atributivas correspondem a sentenças relativas apositivas e as aposições identificativas não podem ser relativizadas. A justificativa para essa argumentação, segundo os citados autores, é a de que as aposições (principalmente as atributivas) são predicados não restritivos em uma sentença copular implícita. Todavia, não é o que observamos em (16c), uma aposição identificativa, que também pode ser relativizada, como nos mostra o dado em (16d).

A aposição inclusiva (inclusão) é aplicada em casos em que o referente da aposição representa parte do referente do antecedente, isto é, há uma inversão na relação parte-todo entre antecedente e aposição, o antecedente agora representa o todo e a aposição descreve uma parte do conceito ao qual o antecedente se refere. Por essa razão, a aposição inclusiva requer, em sua construção, a presença de um marcador apositivo, que não poderá ser omitido:

(17) a. João conhece *vários países*, por exemplo *Itália e França*.
b. A Maria ama *doces*, em especial *sorvete*.

4 Para maiores detalhes sobre definição das aposições, consultar Smith (1964) e Heringa (2011).

Assim, podemos concluir, baseados em critérios semânticos de classificação, que uma aposição típica é a relação estabelecida entre dois nomes que, normalmente, apresentam o mesmo elemento como referente e, de maneira alternativa, que o referente de um pode estar incluído no referente do outro.

3 OS DOIS TIPOS DE RELATIVAS APOSITIVAS DO PB

Como mostramos no início deste artigo, as orações relativas apositivas do português brasileiro podem, ao serem reduzidas, apresentar um comportamento diferenciado, tendo como resultado dessa redução ora um substantivo, ora um adjetivo (dados em (9)). Vimos, também, que as aposições podem ser classificadas como identificativa, atributiva e inclusiva e que as sentenças relativas apositivas estão, para muitos autores, incluídas na classe das aposições atributivas. Além disso, De Vries (2006), McCawley, (1998), entre outros, argumentam que as aposições representam reduções de orações relativas apositivas.

Voltemos aos dados apresentados em (9a) e (9b):

(18) a. Maria, que é minha prima, mora em Londres.
b. Maria, minha prima, mora em Londres.

Percebe-se no exemplo em (18b) que existe uma total correspondência entre a aposição e o antecedente, pois apresentam o mesmo referente, representam o mesmo ser de maneira inquestionável. Ainda que a aposição seja apresentada na forma de uma oração relativa, (18a), ela não contém nada além de uma informação adicional para a compreensão do ouvinte sobre a entidade a quem se faz referência. Estamos diante do que chamamos aposição identificativa ou equativa (De VRIES, 2006), o que vale dizer que antecedente e aposição apresentam equivalência semântica. Ao olharmos de maneira reversa, partindo da estrutura apositiva para a construção da frase relativa, podemos dizer que, para o português brasileiro, as aposições identificativas podem ser relativizadas. Assim vejamos:

(19) a. O capitão do time, [João], marcou dois gols.
b. O capitão do time, [que é João], marcou dois gols.
c. Castro Alves, [poeta romântico], escreveu *O Navio Negreiro*.
d. Castro Alves, [que é poeta romântico], escreveu *O Navio Negreiro*.

Talvez, o que nos permita fazer essa afirmação seja o fato de termos, associado à expansão do nominal para uma relativa apositiva, a presença do verbo copular *ser,* altamente identificador; trata-se de um verbo que permite igualar elementos e, no caso da aposição constituída por uma sentença relativa apositiva, como nos dados acima, em (19), podemos notar a relação entre elementos correferentes.

Observemos, agora, os dados em (20):

(20) a. O homem, que é mortal, enfrenta vários perigos.
b. O homem, mortal, enfrenta vários perigos.
c. A Terra, que é azul, compõe o Sistema Solar.
d. A Terra, azul, compõe o Sistema Solar.

Note-se que os dados em (20) nos trazem uma condição diferente da exposta em (19). O que encontramos em (20) são sentenças relativas apositivas que, reduzidas a um nominal, nos fornecem um adjetivo como resposta. Isso se deve ao fato de o conteúdo da relativa apositiva atribuir uma característica ao antecedente, constituindo, portanto, aquilo que chamamos aposição atributiva, como descrita por diversos autores.

Importante ressaltar que as construções acima organizam-se com a presença do verbo ser (verbo de ligação na GT), o que acaba por já caracterizar a construção como uma estratégia de atribuição de uma propriedade a um nome.

Entretanto, observemos os dados a seguir, em (21):

(21) a. As alegações, que não tinham procedência, o tribunal desprezou.
b. As alegações, improcedentes, o tribunal desprezou.
c. Pedro, que fala demais, ficou calado hoje.
d. Pedro, tagarela, ficou calado hoje.
e. Maria, que está de vermelho, é a anfitriã da festa.
f. Maria, de vermelho, é a anfitriã da festa.

Observamos que, ainda que tenhamos construções relativas apositivas, constituídas por um verbo diferente do verbo ser, como as exemplificadas em (21), mesmo assim, encontraremos reduções dessas orações que resultam em adjetivos, o que nos permite afirmar que se trata, igualmente, de construções de natureza atributiva como as apresentadas em (20).

Analisemos agora os dados em (22):

(22) a. A Terra, que faz parte do Sistema Solar, é azul.
b. A Terra, astro do Sistema Solar, é azul.
c. Ana, que comprou a casa, agora é digital influencer.
d. Ana, proprietária da casa, agora é digital influencer.
e. Antônio, que preside a sessão, proferiu um longo discurso.
f. Antônio, presidente da sessão, proferiu um longo discurso.[5]

Como percebemos, as apositivas nos dados acima — ao serem reduzidas — resultam em substantivos, constituindo aquilo que chamaremos aqui de apositivas identificativas, considerando que o nome resultante (e, portanto, a relativa apositiva como um todo) apresenta identificação total com o antecedente. Pode-se dizer, então, que se trata de expressões praticamente equivalentes.

Para a gramática tradicional, não podemos ter um adjetivo como aposto, pois esse constitui, com o termo que o antecede, uma unidade que representa o mesmo ser sem, contudo, caracterizá-lo (CUNHA; CINTRA, 2010). Porém, os dados em (20) e (21) nos mostram que

5 Observe-se que a presença, nas reduções das sentenças em (22), de uma locução adjetiva especificando ou qualificando o substantivo confirma a identificação que ocorre entre antecedente e aposição.

podemos ter uma construção apositiva formada por um elemento nominal (antecedente) e uma relativa apositiva, que pode ser reduzida a um adjetivo.

Passemos, então, a uma análise mais detalhada do fenômeno descrito acima: o comportamento diferenciado das relativas apositivas frente a uma redução dessas orações a um termo nominal. Vejamos:

(23) a. Maria, que é minha prima, mora em Londres.
b. A Terra, que é azul, compõe o Sistema Solar.

Vamos imaginar que a construção em (23a) tenha se originado da seguinte estrutura: *Maria, a menina que é minha prima, mora em Londres*. Dessa forma, teríamos, então, uma construção apositiva formada pelo antecedente *Maria* e pela aposição *a menina que é minha prima*: um nome expandido por uma oração relativa restritiva. Essa sentença relativa restritiva tem a função, como já mencionado anteriormente, de restringir ou especificar uma menina entre tantas outras, no caso *Maria,* o que sugere que ao restringir o núcleo *menina*, *minha prima* passa a ser um identificador do antecedente (*Maria*).

Assim sendo, nessa construção temos três elementos de mesma natureza (*Maria*, *menina*, *minha prima*) que nos leva a um único e exclusivo referente. Ao elidirmos o núcleo *menina*, que tem o mesmo referente do antecedente, a sentença relativa restritiva, por identidade, se ligará a *Maria* (antecedente), fornecendo, agora, uma informação extra sobe esta (*Maria*), ou seja, introduzindo uma alternativa descritiva para o mesmo referente (como acontece com as aposições identificativas); temos aí o surgimento da relativa apositiva.

A construção apositiva passará, assim, a ser formada pelo antecedente *Maria* e a aposição que será constituída por uma relativa apositiva: *Maria, que é minha prima, mora em Londres*. A redução dessa sentença relativa nos retorna um substantivo cujo referente é o mesmo do seu antecedente: "Maria, *minha prima*, mora em Londres".

Observe-se que, após o teste de redução, o nominal resultante não contém um atributo do antecedente, mas é empregado para identificá-lo, especificar sua referência, e não lhe atribuir uma característica. Se o nominal resultante se comporta dessa maneira, deve ser porque a própria apositiva apresenta esse comportamento, o que evidencia tratar-se de um tipo específico de relativa apositiva: a apositiva identificativa.

Vamos considerar, agora, a construção apontada em (23b): "A Terra, que é azul, compõe o Sistema Solar". Veja, que nesse caso, a relativa apositiva funciona como um modificador do antecedente, pois atribui uma certa propriedade ao seu referente. Note-se que — nesse caso especificamente — não existe relação de identidade entre o antecedente e a expressão nominal a que a apositiva se reduz (20d), justamente porque o seu conteúdo é uma propriedade, uma espécie de predicação sobre o antecedente.

Da mesma maneira, como propusemos anteriormente, digamos que a estrutura que deu origem à apositiva, no caso em questão, seja a seguinte: "A Terra, astro que é azul, compõe

o Sistema Solar". Vamos supor, de forma análoga, ao proposto na análise anterior, que haja nessa construção apositiva um antecedente representado por *A Terra* e uma aposição composta por um substantivo (*astro*) expandido por uma oração relativa restritiva (*que é azul*). Observe que a aposição, sozinha, não é capaz de identificar o antecedente, entretanto traz um componente característico (um atributo) que é particular do antecedente. Ao elidirmos o núcleo que compõe a aposição (*astro*), a sentença restritiva passará a se ligar ao antecedente, que apresenta as mesmas características do núcleo elidido, dando origem à relativa apositiva. Teremos, então, o surgimento da seguinte estrutura: "A Terra, que é azul, compõe o Sistema Solar". A relativa apositiva (*que é azul*) passa a veicular uma informação extra sobre o antecedente, permitindo o reconhecimento da ligação dessa característica particular ao elemento ao qual se refere, ou seja, o antecedente *A Terra*.

Como já mostramos anteriormente, ao reduzirmos a relativa apositiva em (20c) a um nominal, teremos como resultado um adjetivo (20d). A construção apositiva, após a redução, ficaria assim representada: "A Terra, azul, compõe o Sistema Solar". Note-se que, agora, é possível colocarmos o núcleo elidido diante do resultado da redução da relativa apositiva, produzindo a seguinte estrutura: "A Terra, (astro) azul, compõe o Sistema Solar".

Diferentemente do que ocorre em (23a), o resultado da redução (*azul*), agora, qualifica o núcleo *astro*, permitindo uma construção de referencial que se assemelha ao seu antecedente *Terra* e, por isso, a possibilidade de construções do tipo "A Terra, azul, compõe o Sistema Solar" ou "Azul, a Terra compõe o Sistema Solar". Apesar de termos elementos encadeados de naturezas diferentes (*Terra* — substantivo; *azul* — adjetivo), podemos interpretá-los como tendo o mesmo referente devido "presença" do núcleo apagado essencial para essa interpretação.

Portanto, o que temos aqui é uma relativa apositiva de natureza atributiva (a apositiva atributiva), já que a redução contém um atributo e — por analogia — entendemos que a própria apositiva carregue esse conteúdo atributivo.

4 CONCLUSÃO

As construções relativas apositivas do português brasileiro são consideradas estruturas homogêneas do ponto de vista sintático-semântico. Porém, ao realizarmos um teste de redução dessas estruturas a um termo nominal, temos como resposta tanto um substantivo quanto um adjetivo.

A relativa apositiva é tida, para muitos autores, como De Vries (2006), McCawley (1998), Quirk et al. (1985), entre outros, como uma aposição, ou seja, como constituinte de uma estrutura apositiva. Dessa forma, ao olharmos a apositiva por esse ponto de vista, podemos compará-la às aposições nominais e buscar detalhar as semelhanças apresentadas entre elas.

Vimos que uma construção apositiva pode ser formada por dois sintagmas nominais de mesma natureza (forma canônica), justapostos um ao outro; o primeiro, chamado

antecedente e o segundo chamado aposição; e, também, pode ser constituída por um sintagma nominal e uma relativa apositiva. Além disso, devido à relação estabelecida entre antecedente e aposição, esta pode ser classificada, de acordo com a semântica apresentada por ela, em identificativa, atributiva e inclusiva.

As identificativas são aquelas em que o antecedente e a aposição são equivalentes e descrevem o mesmo ser. As atributivas, em que o antecedente se refere a uma parte e a aposição se refere ao todo, ou seja, um grupo maior ao qual o antecedente pertence; envolvem mais predicação que equivalência. As inclusivas se aplicam quando o referente da aposição é parte do referente do antecedente e requer um marcador apositivo explícito em sua constituição.

Dessa forma, baseado nessa classificação, vários autores, como Quirk et al. (1985), Cardoso e De Vries (2010), entre outros, enquadram a apositiva relativa como um tipo de aposição atributiva e afirmam que a aposição nada mais é que uma redução de uma relativa apositiva. Ressaltam ainda que uma aposição identificativa não pode ser relativizada.

Ao levarmos essa classificação, baseada em critérios semânticos, para o campo das relativas apositivas, percebemos que, ao contrário do que é afirmado por muitos autores, para o português brasileiro, as aposições identificativas podem, sim, ser relativizadas.

Por meio de um simples teste de redução das relativas apositivas a um termo nominal, encontramos que, quando o resultado é um substantivo, teremos dois nominais de mesma natureza, justapostos, equivalentes e que tem o mesmo referente, portanto, identificativos, o que nos permite concluir que a própria oração relativa apositiva apresenta esse comportamento, evidenciando tratar-se de um tipo específico de relativa: a apositiva identificativa. Agora, quando temos como resultado da redução um adjetivo, a aposição passa a qualificar um provável núcleo elidido e, portanto, teremos uma aposição atributiva. Uma vez que a redução contém um atributo, por analogia, entendemos que a própria relativa, também, carrega esse conteúdo atributivo. Assim, estamos diante de outro tipo de relativa: a apositiva atributiva.

A possibilidade de ocorrência ou não de um substantivo antecedendo o resultado da redução da relativa apositiva nos fornece evidências de mais de um tipo de oração relativa apositiva, ora trazendo caráter identificador, ora trazendo caráter qualificador ou atributivo.

Em resumo, por seu comportamento sintático-semântico, as relativas apositivas do PB subdividem-se em, pelo menos, dois tipos de oração: as relativas apositivas identificativas e as relativas apositivas atributivas.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. (revisada e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BIANCHI, V. *Consequences of Antisymmetry:* Headed Relative Clauses. Mouton de Gruyter, Berlin, 1999.

BIANCHI, V. Resumptive Relatives and LF Chains. *In:* RIZZI, L. (ed.). *The structure of CP and IP*: The Cartography of The Syntactic Structures. v. 2. New York: Oxford University Press, 2004.

BOARETO, F. *Uma análise de relativas apositivas no PB*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

CARDOSO, A.; DE VRIES, M. *Internal and external heads in appositive constructions*. University of Lisboa & University of Groningen, version 2, 2010. Manuscrito.

CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

De VRIES, M. *The Syntax of Appositive Relativization: On specifying Coordination, false free relatives and promotion*. Linguistic Inquiry 37: 229-270, 2006.

De VRIES, M. *The Syntax of Relativization*. Utrecht: Lot, 2002.

DUARTE, I; BRITO, A. M. Orações Relativas e Construções Aparentadas. *In*: MATEUS, M. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 635-694.

HERINGA, H. *Appositional Constructions*. Utrecht: LOT, 2011.

HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. K. *The Cambrigde Grammar of the English Language*. Cambrigde: Cambrigde University Press, 2002.

KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MA: MIT Press, 1994.

McCAWLEY, J. D. *The Syntatic Phenomena of English*. 2. ed. University of Chicago Press, 1998.

MEDEIROS JÚNIOR, P. *Orações Relativas Livres do PB. Sintaxe, Semântica e Diacronia*. Tese (Douturado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

MEDEIROS JÚNIOR, P. "Um fã teu, quem realmente te admira, jamais faria esse tipo de coisa.": On the existence of appositive free relatives in Brazilian Portuguese. *SciELO Preprints*, 2021.

MEDEIROS JÚNIOR, P. Uma análise da relativização no PB: questões teóricas e panorama geral. *In*: MEDEIROS JÚNIOR, P. (org.). *Relativização e Clivagem no PB*: sintaxe, aquisição, diacronia e experimentação. Campinas, SP: Editora Pontes, 2020.

QUIRK, R *et al. A comprehensive grammar of the English language*. 15. ed. London: Longman, 1985.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2011.

SMITH, C. S. Determiners and Relative Clauses in a Generative Grammar of English. *Language*, v. 40, n. 1, 1964.

VERGNAUD, J. R. *French relative clauses*. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, 1974. Disponível em: https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/12993. Acesso em: 27 abr. 2023.

Artigo recebido em 23 de setembro de 2022.
Artigo aceito em 11 de março de 2023.

FLAVORS OF INTENSITY AND EMPHASIS: THE CASE OF *MUITO* IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Luciana Sanchez-Mendes*

ABSTRACT

This paper focuses on an emphatic use of the prototypical intensifier *muito* in Brazilian Portuguese (BP). Despite its use as an intensifier as in *muito alto* 'very high', *muito* has been recently used associated to emphasis as in *muito golpe* 'really a coup'. The analysis proposed in this paper adopts a scalar semantics framework (cf. Kennedy (1999), Kennedy and McNally (2005), a.o.) and invests in a unified lexical entry that is adequate to capture both intensive and emphatic uses. The formal proposal is based on a semantic step that shifts the type of nouns such as *golpe* from <e,t> to <d,<e,t>> and provides them a scale of precision (based on Morzycki (2011)). The descriptive meaning of emphatic phrase is that the noun is interpreted in its maximum precision. On the pragmatic level, the analysis considers *muito* as a mixed intensifier that presents an expressive counterpart that manifests an emotional effect captured by a use-conditional based approach (cf. Gutzmann (2019)). The discussion adds facts and arguments to a body of publication on intensifiers in BP (cf. Guimarães (2007), Quadros Gomes (2011), Quadros Gomes and Sanchez-Mendes (2015), Quadros Gomes (2018), Pires de Oliveira and Souza (2018), Quadros Gomes et al. (2021)).

Keywords: formal semantics, intensifiers, scales, degrees, Brazilian Portuguese

RESUMO

Este artigo enfoca um uso enfático do intensificador prototípico *muito* em português brasileiro (PB). Além de seu uso como intensificador em expressões como *muito alto*, *muito* tem um emprego recente associado à ênfase, como em *muito golpe*. A análise proposta neste artigo adota uma abordagem da semântica escalar (cf. Kennedy (1999), Kennedy and McNally (2005)) e investe em uma entrada lexical unificada que é adequada para capturar ambos os usos de intensificação e ênfase. A proposta formal é baseada numa etapa semântica que muda o tipo semântico de nomes como golpe de <e,t> para <d,<e,t>> e fornece-lhes uma escala de precisão (baseada em Morzycki, 2011). O significado descritivo do sintagma modificado é que o nome é interpretado em sua máxima precisão. No nível pragmático, a análise considera *muito* como um intensificador misto que apresenta uma contraparte expressiva que manifesta um efeito emocional capturado por uma abordagem baseada em condições de uso (cf. Gutzmann, 2019). A discussão adiciona fatos e argumentos a um corpo de publicações sobre intensificadores em PB (cf. Guimarães (2007), Quadros Gomes (2011), Quadros Gomes and Sanchez-Mendes (2015), Quadros Gomes (2018), Pires de Oliveira and Souza (2018), Quadros Gomes et al. (2021)).

Palavras-chave: semântica formal, intensificadores, escalas, graus, português brasileiro

* Universidade Federal Fluminense, UFF; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. Email: sanchez_mendes@id.uff.br. I thank the audience of the 13th Workshop on Formal Semantics and Sensus 2 and two anonymous reviewers for the valuable contributions. All remaining mistakes are mine.

1 THE ISSUE

This paper discusses a topic that has been recently drawing the attention of semanticists: the fact that some modifiers can convey both notions of intensity and conversational uses that have been designated as emphasis (see, e.g. the overview presented in Beltrama and Trotzke (2019)). More specifically, this work addresses this issue investigating *muito* in Brazilian Portuguese in examples such as the ones in (1) bellow (spontaneous data from Twitter adapted with introspective judgement) expressing something related to certainty in contrast with its prototypical use as a quantifier and an intensifier in a wide range of domains (2):

(1) a. Foi muito golpe. 'It was really a coup'
b. Vai ter muita Copa, gente! 'The World Cup will really happen.'
c. Tá tendo muito greve sim! 'It is really happening a strike.'

(2) a. Tem muito copo na mesa. 'There is a lot of glasses on the table' COUNT-SG
b. Tem muitos copos na mesa. 'There are many glasses on the table' COUNT-PL
c. Tem muita cerveja na mesa. 'There is a lot of beer on the table' MASS
d. João é muito alto. 'João is very tall' ADJECTIVE
e. João estudou muito. 'João studied a lot' VERB
f. João correu muito rápido. 'João ran very fast' ADVERB

Descriptively, examples in (1) do not indicate intensity but express a type of pragmatic content of confirmation conveying roughly that the speaker is sure about the content in the declarative statement. This behavior is not a novelty in natural languages. In French, for example, degree modifiers can be used to express the commitment to speech acts (3).

(3) A: Elle est superbe! FRENCH
'She's superb!'
B: Complètement! Tout à fait!
'Completely! Absolutely!'

(CAUDAL; NICOLAS, 2005, p. 282)

Similarly, in Italian, the suffix *-issimo*, prototypically used as an intensifier in adjectives such as *bella* / *bellissima* ('beautiful / extremely beautiful'), can be used in non-gradable adjectives like *primo* 'prime' to express certainty.

(4) A: 7 è un numero primo? ITALIAN
'Is 7 a prime number?'
B: Prim-issimo! // ??Molto primo!
'Absolutely prime! // Very prime'

(BELTRAMA; BOCHNAK, 2015, p. 854)

Curiously, in Washo (an endangered language isolate spoken on the western of the USA), the intensifier *šému* has a similar behavior as *muito* intensifying gradable adjectives (compare 5a and 2d) and expressing a kind of a certainty with nouns (compare 5b and 1a-c).

(5) a. t'é:liwhu ʔil-téteb-iʔ **šému**-yi. WASHO
man ATTR-fat-ATTR ŠÉMU-IMPV
'The man is very fat.'
b. t'é:liwhu dókto **šému** k'-éʔ-i.
man doctor ŠÉMU 3-COP-IMPV
'The man is a real doctor.'

(BELTRAMA; BOCHNAK, 2015, p. 847, 850)

The pragmatic use of *muito* focused on this paper is also similar to intensifiers in English that can be associated to the speaker's commitment, such as *totally* (BELTRAMA, 2018). Both pragmatic *muito* (BP) and *totally* (Eng) convey that the speaker is fully/highly committed with the true of the sentence. They can both be paraphrased by *unquestionably* (in 6a). Moreover, pragmatic *muito* (BP) and *totally* (Eng) have in common the fact that they are susceptible to sociolinguistic variation. That is why for many speakers of Brazilian Portuguese this emphatic *muito* sounds like a slang or as a marked use of young speakers in non-monitored colloquial situations. Other intensifier in English that share this property is the so called "drama SO" in colloquial English in sentences like (6b-c) (cf. Bylinina (2011), Irwin (2014)).

(6) a. You should totally click on that link! It's awesome. (BELTRAMA, 2018, p. 2)
b. Yeah, that's so Obama! (BYLININA, 2011, p. 1)
c. Jamie has **SO** dated that type of guy before.[1] (IRWIN, 2014, p. 30)

Then, this behavior of *muito* is similar to *complètement* in French, suffix *-issimo* in Italian, *šému* in Washo (BELTRAMA and BOCHNAK, 2015) and *so* (IRWIN, 2014) and *totally* (BELTRAMA, 2018) in English, in the sense that they all are intensifiers that can be applied under certain circumstances to predicates that are not grammatically gradable displaying some sort of emphatic content. Therefore *muito* belongs to a group of intensifiers whose analysis posits classical questions on the modification investigation such as: (i) given its broad distribution, how to formally capture both its syntactic distribution and semantic interpretations?; (ii) given its non-obviously associated different interpretations, how to encode its semantic and pragmatic content as well as its discourse implications? (see, e.g., the considerations in McNally and Kennedy (2008)). This paper aims to address these questions by firstly discussing previous works on *muito* and then by adding these data concerning certainty into the debate with a unified semantic analysis.

The first question rose by the data in (1) and (2) is if there are two related but different meanings for *muito* (one for emphasis (1) and one for quantity and intensive readings (2a – 2f)) or if they have the same semantic core that can derive these variants. Rainer (1983) pursued the first option by positing two lexical entries to the suffix *-issimo* in Italian. The second option can either assume one lexical entry for the modifier and consider that the flavors of modification are due the modified expression (as Beltrama (2018) for *totally* in

1 Irwin (2014) indicates prosody prominence by capital letters.

English) or postulate one single compositional analysis for all the uses (as Beltrama and Bochnak (2015) for *-issimo* in Italian and *šému* in Washo adopting a degreeless approach).

As it will be shown, I agree with Bylinina (2011, p. 2) that "we are not dealing with an accidental phenomenon". Then, I assume it is worthy to bet in a unified analysis. More specifically, in this paper I argue in favor of an analysis for *muito* based on one lexical entry in the same path as Beltrama and Bochnak (2015) for Italian and Washo, but in a Scalar Semantics framework (cf. Kennedy (1999), Kennedy and McNally (2005), Kennedy (2007), a.o.). Before showing the proposed lexical entry for *muito* as a degree modifier that captures all its uses, I'm going to discuss previous proposals for its intensifier function.

2 PREVIOUS PROPOSALS FOR *MUITO*

The use of *muito* across domains in Brazilian Portuguese has been topic of research by formal semanticists at least since Guimarães (2007) who dealt with both quantificational (2a-2c) and intensive (2d-2f) contexts. Since then, intensive *muito* has been analyzed both by scalar proposals (cf. Quadros Gomes (2011), Quadros Gomes and Sanchez-Mendes (2015), Quadros Gomes (2018), Quadros Gomes et al. (2021)) and Delineation Semantics (cf. Pires de Oliveira and Souza (2018)). All these studies have in common both the general idea that *muito* is an intensifier that boosts the standard value and the attempt to capture the wide range of readings associated with sentences in which it occur; with the latest publications focusing specially on the verbal domain (in examples such as 2e and other verbal classes). The difference among the previous papers relies on the formal tools employed.

Quadros Gomes (2011), Quadros Gomes and Sanchez-Mendes (2015), Quadros Gomes (2018) and Quadros Gomes et al. (2021) base the analysis on a Scalar Semantics that assume degrees on the ontology and then analyses *muito* and other intensifiers in BP as degree modifiers that saturate a degree variable of modified gradable predicates that are divided according to their scale structure and their relation to a standard of comparison (cf. Kennedy (1999), Kennedy and McNally (2005), Kennedy (2007), a.o.).

The first publication on this framework, Quadros Gomes (2011) explores the difference between *muito* and *bem* on the adjectival domain. In examples as (7), the positive form of the adjective *satisfeito* 'satisfied' is a predicate whose standard of comparison is fixed (the maximum value of satisfaction) (see Kennedy and McNally (2005)). When it is modified by *bem* the information that the client is satisfied in emphasized. But according to Quadros Gomes (2011), since *muito* is a standard booster, the parameter of *muito satisfeito* could not be the same as the unmodified form of the adjective, otherwise the result would be logically unattainable since it is not possible to increase the distance of a fixed (maximum) degree. Then, according to this analysis, the result is a relativization of the gradable predicate: *muito*

satisfeito means a great amount of satisfaction according to a contextual standard (that can be 88%, for instance) but still less than the maximum.

(7) O cliente está (muito / bem) satisfeito.
'The client is (very / well) satisfied.'
(QUADROS GOMES, 2011, p. 382-383)

This reasoning in Quadros Gomes (2011) is in accordance with what is stated about the behavior of *very* in English. In sentences like (8), the use of the intensifier reinforces imprecise uses of adjectives with fixed standard values. Crucially, *very empty* and *very full* implies not empty/full in (8a). That is why sentence (8b) is not adequate in contexts that do not tolerate imprecision such as a laboratory (Kennedy and McNally (2005)).

(8) a. The theater is very empty/full tonight.
b. #Whoops! This beaker is very full. I'd better pour out some of that liquid.
(KENNEDY; MCNALLY, 2005, p.371)

Quadros Gomes (2011) doesn't show examples in which imprecision is inconceivable such as the one above, but she shows that in a context of a person in a bar that does not want to drink much, a glass that is *muito cheio* 'very full' is similarly to its English translation with *very*: it is not completely full but has a degree of occupation what is considered a lot for a standard contextually given.[2] Quadros Gomes and Sanchez-Mendes (2015) preserve the same idea that on the adjectival domain, *muito* products a non-fixed standard (relative) phrase.

In order to deal with a broader use of *muito*, Pires de Oliveira and Souza (2018) assume a delineation semantics (cf. Klein (1980) and Burnett (2014)) that proposes that intensifiers are applied on the positive extension of an ordered domain of individuals that is split on a positive, a negative and (potentially) neutral extension.

Pires de Oliveira and Souza (2018) support their proposal by comparing *muito* on the nominal and the adjectival domains. Following Burnett (2015) they assume that *copo(s)* 'glass(es)' and *cerveja* 'beer' are structured on a semi-lattice and can be partitioned in the same way as adjectives such as *intelligent*. Then the proposal assumes that predicates in (9a-9d) are of the same type and *muito* in Portuguese acts like *many*, *much* and *very* in English selecting the positive extension of the partitioned predicate.

(9) = (2)

a.	Tem muito copo na mesa.	'There is a lot of glasses on the table'	COUNT-SG
b.	Tem muitos copos na mesa.	'There are many glasses on the table'	COUNT-PL
c.	Tem muita cerveja na mesa.	'There is a lot of beer on the table'	MASS
d.	João é muito alto.	'João is very tall'	ADJECTIVE

2 There is a theoretical difference between considering the intensifier as an imprecision regulator of absolute predicates (as Kennedy and McNally (2005) for *very*) and assuming it as producing relative predicates (as Quadros Gomes (2011) for *muito*). This difference is not relevant at this point in which I'm dealing with the interpretations produced by the intensifiers (by not attaining the maximum value of a maximum standard predicate). This topic will be adequately addressed on the section on the formal proposal for *muito*.

The authors expand their proposal to the verbal domain considering that the event ontology can also be ordered according to a contextually given standard. Then *muito* applies to the positive extension in the same way it does with nouns and adjectives. The difference is that besides the expected interpretations of frequency, duration, and intensity that intensifiers usually have on the verbal domain (10a-b in English and French for instance), *muito* can also display an interpretation of quality (10c), especially relevant for the topic under discussion in this paper.

(10) a. She dances **a lot**. (frequency, duration)[3]
b. Elle dance **beaucoup**. (frequency, duration)
c. Ela dança **muito**. (frequency, duration, quality)
'She dances a lot/very well.'[4]
d. Ele engordou **muito**. (scalar, frequency)
'He gained a lot of weight.' Lit.: 'He got fat a lot.'
e. Ela ama **muito** ele. (intensity)
'She loves him a lot.'

(PIRES DE OLIVEIRA; SOUZA, 2018, p. 224-228)

Following a delineation semantics, Pires de Oliveira and Souza (2018) propose that the set of individuals and events are ordered and the restriction on the positive extension of these domains could easily provide the proper interpretation for the cases of frequency on the verbal domain in the same way of quantity on the nominal one. According to the authors, duration can also be captured by a selection on an ordered domain from events with smaller to events with bigger duration.

In a big picture, according to the authors the difference of interpretations on the verbal domain is due semantic indeterminacy. The scalar notion in (10d) for instance would be due a particular property encoded in the predicate's lexicon. Nevertheless, they do not argue in favor of an analysis based on indeterminacy as a scalar technical property (as, for example, Kennedy and McNally (2005)). As stated before, they pursue a delineation semantics based on a comparison class. Their analysis is based more on lexical aspects of different predicates rather than on their grammatical ones (cf. Pires de Oliveira (2018, p. 228)).

On the verbal domain, more recently, Quadros Gomes (2018) and Quadros Gomes et al. (2021) follow the same general idea presented in Quadros Gomes (2011) and Quadros Gomes and Sanchez-Mendes (2015) that *muito* produces relative standard (open scale) predicates. That would explain its selection for sentences with atelic predicates or imperfective aspect (11a-c) and its blocking with single events (11d).

3 These are the interpretation provided by the authors for English and French examples.

4 Pires de Oliveira and Souza's (2018) paper is written in Portuguese. The translations are mine based on their discussion of the data.

(11) a. João fuma **muito**. ACTIVITY
'João smokes a lot.'
b. João construiu (***muito**) esta ponte. ACCOMPLISHMENT
'João built (*a lot) this bridge.'
c. Pedro alcançou (***muito**) o topo da montanha. ACHIEVEMENT
'Pedro reached (*a lot) the top of the mountain.'
d. João assistiu **muito** ao seu espetáculo de dança favorito (*hoje).
'João watched a lot your favorite dance show (*today).'
(examples adapted from Quadros Gomes (2018, p. 203-205))[5]

By this overview on the papers on *muito* in Brazilian Portuguese, one can notice that much effort was dedicated to analyzing its use as an intensifier. Other notions associated to this modifier was always considered as lower priority. The notion of quality in (10c repeated below) for instance is explained by Pires de Oliveira and Souza (2018) by a covert adverb *bem* 'well' on the logical form that is restricted to some activity verbs. A difference on the prosody would signalize that there was an elided phrase. The notion of quality or emphasis that *muito* can get is not addressed.

(12) Ela dança muito. = (10c)
'She dances a lot/very well.'

Curiously, *bem* was compared to *muito* in Quadros Gomes (2011) indicating emphasis on the adjectival domain – as discussed in (7) repeated in (13a), *bem satisfeito* = 'satisfied + emphasis'. There is, the fact that *muito* can express emphasis in other domains is not discussed. On the verbal domain, in turn, Quadros Gomes et al. (2021) briefly discussed cases in which *bem* is associated to a quality notion. According to the authors, in sentences like (13b), the speaker commits to a positive evaluation and the sentence has an expressive flavor effect.

(13) a. O cliente está (**muito** / **bem**) satisfeito. = (7)
'The client is (very / well) satisfied.'
b. Pollock pintou **bem** o seu quadro "No. 5".
'Pollock well painted his painting #5'
(QUADROS GOMES et al., 2021, p. 98)

This paper does not focus on *bem*, but the new thoughts on the uses of *muito* as conveying emphasis that was absent on the papers on the topic can shed light to the difference between *muito* and *bem* in further research. Given this review, the next section presents the analysis for *muito* that covers its uses both as an intensifier and a confirmative mark.

5 The paper was written in Portuguese, the translations to English are mine.

3 A UNIFIED PROPOSAL FOR *MUITO*

This section shows a proposal for *muito* based on a unified lexical entry following previous proposals such as Beltrama and Bochnak (2015) for Italian and Washo and Beltrama (2018) for English. However, the analysis detaches from Beltrama and Bochnak (2015) since it assumes a Scalar Semantics (following Quadros Gomes (2011), Quadros Gomes and Sanchez-Mendes (2015), Quadros Gomes (2018) and Quadros Gomes et al. (2021) for Portuguese). The proposal goes in the direction of Beltrama's (2018) analysis for *totally* but it has some adjustments that deal with some differences between *muito* and *totally*.

Considering the contexts, according to Beltrama (2018), *totally* is used in situations in which the speaker is adding an information that they usually do not take for granted including cases of outlandish statements. That's why (14a) is odd but (14b) is adequate. (14c) shows that the tentative translation of (14a) with *muito* leads to an unusual sentence that is adequate only in strange scenarios in which Luke got married many times when he was 12.

(14) a. ? Luke **totally** got married at 25.
b. Luke **totall**y got married at 12.
c. Luke se casou **muito** aos 12.
'Luke got married many times at 12.'

(BELTRAMA, 2018, p. 12)

Additionally, *muito* is not related to subjectivity in the same sense *totally* is. In (15), for example, *totally* selects evaluative adjective and subjective modals strengthening the speaker's commitment to the meaning of the sentence.

(15) a. Skiing around Salt Lake City is **totally** awesome. (BELTRAMA, 2018, p. 6)
b. You should **totally** click on that link! It's awesome. (BELTRAMA, 2018, p. 2)

Muito, in turn, only expresses intensity in these environments (16). Even with modal verbs that seems to not allow intensification, the sentence can be translated to something related to intensity (16b)[6] but in contexts with the polysemic verb *dever* only its non-modal readings are available (16c-d).

(16) a. A viagem foi **muito** incrível. 'The trip was very awesome.'
b. Você deve **muito** ler este livro. 'It is highly recommended that you read this book.'
c. Ela deve **muito** a ele. 'She owes him a lot.'
d. Isso se deve **muito** ao governo. 'This is largely due to the government.'

Considering the distribution observed in (14)-(16), it is plausible to state that pragmatic *totally* has a different use than emphatic *muito* in the sense that *totally* can easily get an interpretation deviant from its degree modification use. This paper focuses on examples in

6 This was pointed out by an anonymous reviewer to whom I thank very much. Investigating if, in these sentences with modals, *muito* also strengthens the speaker's commitment in the same way *totally* does is a topic for further research.

which *muito* does not have an intensifier interpretation but is used when the speaker wants to emphasize their certainty about the proposition as in examples in (17) (spontaneous data). These examples show that emphatic *muito* has a similar content of Verum focus expressions (cf. Romero and Han (2004) for epistemic *really* (18)).

(17) a. Vai ter **muita** Copa, gente! 'The World Cup will really happen.'
b. Tá tendo **muita** greve sim! 'It is really happening a strike.'

(18) Does John **really** drink?
Negative epistemic implicature: The speaker believed or at least expected that John does not drink.

(ROMERO; HAN, 2004, p. 625)

Nevertheless, *muito* is not entirely like Verum focus expressed by *really*. *Really* is used only in epistemically biased contexts such as *Are you sure that "p"?*, whereas *totally* and *muito* can also be used in unbiased contexts without necessarily questioning how certain the speaker is (19) (see Beltrama (2018) for discussion for *totally*).

(19) a. Vai ter Copa? 'Will the World Cup happen?'
b. Vai ter **muita** Copa![7] 'The World Cup will really happen.'

So *muito* has a similar contribution as Verum focus but a distribution comparable with an intensifier such as *totally* – with a smaller set of enviroments. Then its adequate analysis might combine these two characteristics. To capture this behavior, I'm going to invest in an analysis that considers that in its emphatic use *muito* operates in a scale of precision (following Morzycki (2011)).

3.1 FORMALIZING THE PROPOSAL

To formalize *muito*'s meaning I follow Beltrama's proposal to *totally* in the sense that the emphatic use of *muito* has also a pragmatic effect. Nevertheless, although emphatic *muito* and *totally* have a similar interpretation that can be summarized as "unquestionably" they differ in the sense that *totally* is a modifier that seeks upper-bounded scale predicates and has itself a semantics of fulfillment whereas *muito* is semantically a prototypical intensifier that boosts the standard of comparison associated to the modified predicate. Since *totally* is a maximizer and *muito* is not, the present proposal explores an idea that was sketched before by Pires de Oliveira and Souza (2018) that different interpretation of modified phrases with *muito* are due possibilities given by the modified predicate. Nevertheless, I'll offer a different and original formal analysis based on scalar semantics to capture this notion.

7 An anonymous reviewer pointed out that it is interesting that in these contexts *muito* gets its feminine form as in the quantificational use (muita criança 'a lot of children'). Investigating how are the syntactic impact of this property is beyond the scope of this paper.

Then, the purpose of this work is to present a semantic analysis for emphatic *muito* that is derived from the same formal mechanism as the interpretation of gradable predicates. In a scalar semantics framework, intensifiers like *very* (Eng.) and *muito* (Port.) expressing intensity of relative predicate are analyzed as modifiers that denote an increase of the property in relation to a contextual standard (cf. Kennedy and McNally (2005)). Thus, *muito alto* 'very tall', for instance, designates individuals who have the property of height to an even higher standard than *alto* 'tall'.

The use of *muito golpe* 'really a coup', on the other hand, does not raise the standard of comparison of the property, but it seems to achieve a degree of confirmation that must be given by the noun. In order to capture this notion, the scalar analysis proposed here stipulates a type-shifting function that makes words like *golpe* 'coup' scalar so that they can be modified by *muito*. The scalar version of *golpe* is not a relative predicate (such as *alto* 'tall') that would have its property increased when modified, but represents an absolute predicate that, when modified by *muito*, will have the denotation that the maximum degree of confirmation has been reached. To formalize this idea, I assume a scale of (im)precision that was proposed by Morzycki (2011) to explain metalinguistic comparatives in sentences such as (20) that expresses a comparison of precision.

(20) George is more dumb than crazy. (MORZYCKI, 2011, p. 40)

The precision scale is provided through the alternatives generated by the approximation relation ≈ (given by a degree of similarity) and which can, in principle, be interchangeable.

(21) $\alpha \approx_{d,C} \beta$ iff, given the ordering imposed by the context **C**, **α** resembles **β** to (at least) the degree d and **α** and **β** are of the same type.
(MORZYCKI, 2011, p. 51)

The bigger the degree of precision, the smaller the number of possible alternatives (illustrated as a set in (22)). When the degree of imprecision is maximum, the predicate can be associated to any predicate of the relevant semantic type (22a). And when the degree of precision is maximum, the noun needs to be interpreted precisely (22d).

(22) a. $[\![\text{dumb}]\!]^{0,C} = D_{<e,<s,t>}$
b. $[\![\text{dumb}]\!]^{0.8,C}$ = {dumb, ignorant, dopey, foolish, slow-witted, confused, incurious, intellectually-lazy, criminally-reckless…}
c. $[\![\text{dumb}]\!]^{0.9,C}$ = {dumb, ignorant, dopey, foolish, slow-witted, …}
d. $[\![\text{dumb}]\!]^{1,C}$ = {dumb}
(MORZYCKI, 2011, p. 52)

The scalar analysis I propose stipulates a type-shifting function adapting PREC operator (23) that makes words like *golpe* ('coup') gradable in order to be available by modification by *muito* (24).

(23) $[\![\text{PREC } \alpha]\!]^{d} = \lambda d' . [\![\alpha]\!]^{d'}$ (MORZYCKI, 2011, p. 64)

(24) a. $[\![Deg_{noun}]\!] = \lambda P_{<e,t>}\ \lambda d\ \lambda x.\ P(x) \wedge$ "precision$_p$" $(x) = d$
b. $[\![golpe_{deg}]\!] = \lambda d\ \lambda x.\ coup(x) \wedge$ "precision$_{coup}$" $(x) = d$[8]

As stated earlier, the gradable version of *golpe* in (24b) is not a relative predicate (such as *tall* or *intelligent*) that would have its property increased when modified by *muito*, but represents an absolute predicate that will have the denotation that the maximum degree of precision has been reached when modified by *muito* - similar mechanism to the one found in the interpretation of *this glass is totally full* which designates that the occupation property has reached its maximum degree.

Then, I'm going to be engaged in a proposal that considers *muito* as a degree modifier whose interpretation is dependent on the scale of the modified phrase (following Sanchez-Mendes (2015)). Formally, I propose that *muito* is a degree modifier that is context-sensitive in the same sense as the ***pos*** morpheme is dependent on the scale encoded by the adjectives used in positive form (cf. Kennedy (2007)). This property is captured by **s** that is a context-sensitive function that returns a standard of comparison based on properties of both the target phrase **G** and on the context of assertion. Crucially, **ds** is the relevant degree depending on the modified predicate based on the its cutoff point: (i) if the modified predicate is relative, **ds** is the standard degree; (ii) if the predicate is absolute with a maximum standard, **ds** is the maximum degree.

(25) $[\![muito]\!] = \lambda G\ \lambda x.\ \exists d\ [G(d)(x) \wedge d \geq ds]$

In its intensifier use, *muito* is applied to a gradable predicate and boosts its property. In its emphatic use, on the other hand, it is applied to a closed scale predicate that is associated to a maximum of precision from which the emphatic effect of *muito* arrises. The derivation of both uses is given in (26). In (26), line 3, **ds** is the standard degree of beauty and in (27), line 3, **ds** is the maximum degree of precision for *golpe* 'coup'.[9]

(26) João é muito bonito.
'João is very beautiful.'
1. $[\![muito\ bonito]\!] = [\![muito]\!]([\![bonito]\!])$
2. $[\![muito\ bonito]\!] = \lambda G\ \lambda x.\ \exists d\ [G(d)(x) \wedge d \geq ds]\ (\lambda d\ \lambda x.$ "beauty" $(x) = d)$
3. $[\![muito\ bonito]\!] = \lambda x.\ \exists d\ [$"beauty" $(x) = d \wedge d > ds]$

(27) Foi muito golpe.
'It was really a coup.'
1. $[\![muito\ golpe]\!] = [\![muito]\!]([\![golpe]\!])$
2. $[\![muito\ golpe]\!] = \lambda G\ \lambda x.\ \exists d\ [G(d)(x) \wedge d \geq ds]\ (\lambda d\ \lambda x.\ coup(x) \wedge$ "precision$_{coup}$" $(x) = d)$
3. $[\![muito\ golpe]\!] = \lambda x.\ \exists d\ [coup(x) \wedge$ "precision$_{coup}$" $(x) = d \wedge d = ds]$

8 An anonymous reviewer pointed out that the formula doesn't capture the fact that *golpe* 'coup' is an event noun. The absence of an event variable is not relevant for the purposes of this paper that doesn't compare the precise uses of non-event nouns.

9 I assume a type-driven interpretation framework (cf. Heim and Kratzer (1998)). Functional application is the only semantic rule used in this paper.

By asserting that a noun such as *golpe* is being used in its maximum precision the speaker is implying then that they have no doubts that the best way to designate the process under evaluation is by the word *golpe*. This makes explicit the metalinguistic effect associated to precision scales that is crucial to encode the meaning of emphatic *muito* (MORZYCKI, 2011).

Then, the proposal gives a semantics for emphatic *muito* from which the pragmatic contend can be derived. This makes it different from Bertrama's (2018) analysis for *totally* that posit that it is an attitude level modifier that does not affect the truth conditions of the sentence, which is in consonance with its subjective and outlandish expression. In order to analyze *totally* in accordance with its use as an intensifier of predicates that are associated to upper-bounded scales (e.g. *totally full,* cf. Kennedy and McNally (2005)), Beltrama (2018) proposes that the modifier can be applied to a scale based on the speaker's commitment that is equally upper-bounded. According to Beltrama (2018), the contribution of emphatic *totally* is to strengthen the speaker's commitment by adding the proposition to the common ground (28). This idea is formally captured in (28b) in which the maximalization idea is encoded by the universal quantification of words w' belonging to $Conv_S$ that is the set of worlds that fulfill speaker's conversational goals, and of words w'' that belong to the projected Common Ground (PPG) that is part of PS, the set of CGs the assertion projected.

(28) a. ASSERT(totally(*p*)) = The speaker believes that there should be no option other than adding *p* to the CG.
b. ASSERT(totally(*p*)) = $\lambda w.\forall w' \in Conv_S(w)[\forall PCG \in PS(Ass(p))(w')[\forall w'' \in PCG]]: p(w'')=1$
(BELTRAMA, 2018, p. 26-27)

As we saw, differently from *totally*, *muito* doesn't necessarily require a strengthen of the speaker's commitment that the content in *p* need to be added at the common ground. What *muito* does is reinforcing is the speaker's commitment to the truth of *p*. And since the maximalization idea cannot be derivate from *muito*, it was represented by the totally closed scale of precision in the analysis proposed. This precision scale however is not enough to capture the notion of certainty that emphatic *muito* convey. In this paper this pragmatic effect is explained by expressive attitude present in some intensifiers in natural languages. The analysis is based on Gutzmann's (2019) proposal to mixed expressive intensifiers in German examples such as (29). The mixed contribution is detailed in (29a-b). It is possible to notice that *sau* has both an intensifier and an expressive meaning.

(29) Du hast gestern eine sau coole Party verpasst. GERMAN
you has yesterday a EI cool party missed.
'Yesterday, you missed a **EI** cool party.'
a. Descriptive meaning: "Yesterday, you missed a very very cool party."
b. Expressive meaning: "The speaker is emotional about how cool the party was."
(GUTZMANN, 2019, p. 134)

I consider the same is true for emphatic *muito*. However, in its descriptive level, instead of a prototypical intensification, there is the precision scale derived from type-shifting triggered by the intensifier that was described before.

(30) Foi muito golpe
'It was really a coup'
a. Descriptive meaning: "It was a coup in its maximum precision interpretation."
b. Expressive meaning: "The speaker is emotional and absolutely sure that it was a coup."

The formal representation of the expressive content is given in (31) based on McCready (2010) for mixed expressions. The denotation on the left of the diamond represents the descriptive semantic of the intensifier (formally given earlier in 25). On the right of the diamond, the representation of the expressive meaning is based on a use-conditional (rather than the typical truth-condition on descriptive level).

(31) muito = λGλx.int(G)(x) : <<d,<e,t>>,<e,t>> ♦ λGλx.emo(G)(x) : <<d,<e,t>>,<e,u>>
a. ⟦ int ⟧ = λG λx. there is a degree d, such that d meets the maximum standard given by the precision scale associated to G and x is G to degree d : <<d,<e,t>>,<e,t>>
b. ⟦ emo ⟧ = λGλx. the speaker is sure about the fact that there is a degree d such that d meets the maximum standard given by the precision scale associated to G and x is G to degree d : <<d,<e,t>>,<e,u>>

This section showed a formal analysis for emphatic *muito* based on both a semantic descriptive step based on a type-shifting and a precision scale and a use-conditional level based on expressive function of natural language intensifiers. Next section details some consequences of the proposal defended here.

4 FINAL REMARKS

This paper presented an analysis to emphatic *muito* based on a scalar semantics and expressive function of intensifiers. The scalar proposal was based on the fact that despite having intensifiers that freely applies to gradable predicates of any kind (as Italian and Washo, cf. Beltrama and Bochnack (2015)) scale structure seems to be even more important in a language as Brazilian Portuguese (differently from Italian and Washo analyzed in a degreeless semantics in Beltrama and Bochnack (2015)). The scale of precision associated to nouns such as *golpe* could provide a maximum degree for the modification since maximalization could not rely on the modifier lexicon (differently from *totally* and *really* in English, for instance).

The given proposal has some consequences for the scalar analysis for *muito* that has been conducted by Quadros Gomes (2011), Quadros Gomes and Sanchez-Mendes (2015), Quadros Gomes (2018), Quadros Gomes et al. (2021). In section 2, we saw that *muito* is analyzed as acting as a relativization on the adjectival domain. Emphatic *muito* in turn discharges the maximum degree of the precision scale. This suggests that lexical upper closed scales are different from the ones provided by context due modification (*muito cheio* 'very full' is relative whereas *muito golpe* 'really a coup' is absolute). This analysis is in accordance with the general idea that nouns are susceptible to imprecision rather than vagueness (typically

associated to adjectives) indicating that they are absolute rather relative predicates (KENNEDY, 2007; MORZYCKI, 2009).

Additionally, scalar proposals have been showing that while open scales are prototypically adjectival, noun scales are associated to closed/bounded scales (DOETJES, 2008). These arguments go in favor of a scalar proposal and against Beltrama's (2018, p. 37) defense of avoiding "positing the presence of an arbitrary pragmatic scale isomorphic to the degree scales encoded by gradable predicates". The scale proposed was not arbitrary nor pragmatic but based on metalinguistic comparison (MORZYCKI, 2011).

Crucially, the emphatic use of *muito* is in accordance with the general idea presented in McNally (2016) that modifiers that have pragmatic uses (not affecting the at-issue content) are applied to saturated expressions (individuals and propositions). Then it makes sense to posit an expressive function exactly on the level of precision/individual scale. Nonetheless, this is based on use-conditional semantics, rather than in Pragmatics as a standard analysis.

The proposal suggested in this paper can be useful for future proposal on other degree modifiers in Portuguese. Quadros Gomes and Delduque (2019), for instance, notice that *pouco* 'few/little' does not have its prototypical minimizer interpretation in (32) but can be used to express non typicality.

(32) Baleias são (*pouco) mamíferos.
Whales are (*few/little) mammals.
Derived meaning: Mammals are not the typical mammals.
(QUADROS GOMES; DELDUQUE, 2019, p. 1507)[10]

According to the authors, this sentence can be saved in a context in which what is being evaluated is the "typicality", on the authors' words. Nevertheless, they assume that this is a pragmatic interpretation rather than a semantic one. I believe that with the notion of a precision scale we can explain examples like this considering *whales* as displaying a degree below the standard (namely the maximum) in the scale of precision associated to the nominal predicate *mamífero* 'mammal'.

Lastly, I consider that the discussion promoted on this paper can give more facts and arguments to stimulate the debate on intensifiers in Brazilian Portuguese – whose survey was presented in section 2. Particularly this paper gave some toughs to invest in a unified analysis to their uses.

10 The paper was written in Portuguese. The translation in mine. The authors put the * mark to indicate that the there is no measure available for modification, but they agree that the sentence can be used in context in which what is being modified is the typicality of the mammal property. I think a # should be used instead.

REFERENCES

BELTRAMA, A. Totally between subjectivity and discourse: Exploring the pragmatic side of intensification. *Journal of Semantics*, v. 35, p. 219-261, 2018.

BELTRAMA, A.; BOCHNAK, M. R. Intensification without degrees cross-linguistically. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 33, p. 843-879, 2015.

BELTRAMA, A.; TROTZKE, A. Conveying emphasis for intensity: Lexical and syntactic strategies. *Language and Linguistics Compass*, v. 13, n. 7, p. 1-13, 2019.

BURNETT, H. A delineation solution to the puzzles of absolute adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 37, p. 1-39, 2014.

BURNETT, H. Comparison Across Domains in Delineation Semantics. *Journal of Logic, Language and Information*, v. 24, p. 233-265, 2015.

BYLININA, E. This is so NP! *Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*, v. 6, n. 1, p. 1-29, 2011.

CAUDAL, P.; NICOLAS, D. Types of degrees and types of event structures. *In*: MAIENBORN, C.; WÖLLSTEIN, A. *Event Arguments:* Foundations and Applications. Mounton: Degruyter, 2005. p. 277-300.

DOETJES, J. Adjectives and degree modification. *In*: MACNALLY, L.; KENNEDY, C. (ed.). *Adjectives and adverbs*: syntax, semantics and discourse. Oxford: Oxford University press, 2008. p. 123-155.

GUIMARÃES, M. R. *Dos intensificadores como qualificadores*: os âmbitos de expressão da quantificação no português do Brasil. 2007. PhD dissertation – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GUTZMANN, D. *The Grammar of expressivity*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in generative grammar*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

IRWIN, P. So [totally] speaker-oriented: An analysis of "Drama SO". *In*: ZANUTTINI, R.; HORN, L. R. (ed.). *Microsyntactic Variation in North American English*. Oxford: Oxford University Class, 2014. p. 29-70.

KENNEDY, C. *Projecting the adjective:* The syntax and semantics of gradability and comparison. NewYork: Garland, 1999.

KENNEDY, C. Vagueness and grammar: The semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 30, p. 1-45, 2007.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, p. 345-381, 2005.

KLEIN, E. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 4, p. 1-45, 1980.

MCNALLY, L. Modification. *In*: ALONI, M; DEKKER, P. (ed.). *Cambridge Handbook of Formal Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 442-466.

MCNALLY, L.; KENNEDY, C. Introduction. *In*: MCNALLY, L.; KENNEDY, C. (ed.). *Adjectives and Adverbs*: Syntax, Semantics and Discourse. Oxford: Oxford University Class, 2008. p. 1-15.

MORZYCKI, M. Metalinguistic comparison in an alternative semantics for imprecision. *Natural Language Semantics***,** v. 19, n. 1, p. 39-86, 2011.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; SOUZA, L. M. Um rascunho para a semântica de muito: explorando a Semântica de Delineação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, p. 222-241, 2018.

QUADROS GOMES, A. P. Restrições aspectuais à distribuição do advérbio baixo 'muito'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, p. 198-221, 2018.

QUADROS GOMES, A. P. Uma proposta de distinção semântica para os intensificadores 'muito' e 'bem'. *Estudos Linguísticos*, v. 40, p. 379-394, 2011.

QUADROS GOMES, A. P.; DELDUQUE, J. S. Um estudo sobre o licenciamento e a interpretação de `pouco' em português do Brasil (PB). *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 27, p. 1489-1530, 2019.

QUADROS GOMES, A. P.; NASCIMENTO, A. C.; MEDEIROS, B. S. Estrutura escalar em classes acionais. *Diacrítica*, v. 35, p. 78-103, 2021.

QUADROS GOMES, A. P.; SANCHEZ-MENDES, L. Degree modification in Brazilian Portuguese and in Karitiana. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, p. 5-32, 2015.

RAINER, F. L'intensificazione di aggettivi mediante -issimo. *In*: MAURIZIO, D.; DRESSLER, W.; HELD, G. (ed.). *Akten des 2*. Österreichischitalienischen *Linguistentreffens*. Tübingen: Narr, 1983. p. 94-102.

ROMERO, M.; HAN, C. On negative yes/no questions. *Linguistics and Philosophy*, v. 27, n. 5, p. 609-658, 2004.

SANCHEZ-MENDES, L. Degree Modification in Karitiana: Evidence for Scalar Properties of Gradable Predicates. *In*: PASQUEREAU, J. C. (ed.). *SULA 8: Proceedings of the Eighth Meeting of the Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*. Amherst: GLSA Publications, 2015. p. 53-72.

Paper received on January 28, 2022.
Paper accepted on December 7, 2022.

THE SEMANTICS OF (NOT SO) BARE NOMINALS IN RIOPLATENSE SPANISH

Carolina Oggiani*

ABSTRACT

In this article we examine a group of bare singular count nominals (BNs) in Rioplatense Spanish (RPS) that appear in argument position, thus far not deeply addressed in the literature (MASULLO, 1996; LACA, 1999). Despite BNs in RPS are considered to be part of a lexically restricted phenomenon, we argue for their productivity and systematic behaviour. Considering that general Spanish has a rich determiner system, we build a semantic model to explain why these nouns appear bare in argument positions. To this end, we present semantic and syntactic evidence that aims to show that BNs in RPS have different behaviours. Specifically, we account for their three possible interpretations: a weak definite reading, a weak indefinite reading and a strong definite reading. We associate these three readings to different functional projections above the NP. Even though BNs are superficially bare, we argue that their differences lie in different types of bareness.

Keywords: Bare Singulars, Rioplatense Spanish, Weak Definites, Weak Indefinites, Strong Definites

RESUMEN

En este artículo se examina un grupo de nombres singulares contables en posición argumental, frecuentes en el español rioplatense, aún no explorados en profundidad en la bibliografía (MASULLO, 1996; LACA, 1999). Si bien en esta variedad los nombres escuetos constituyen un fenómeno sujeto a restricciones léxicas, aquí argumentamos a favor de su productividad y sistematicidad. Considerando que el español posee un sistema de determinantes rico, nuestro modelo semántico permite explicar por qué estos nombres escuetos son capaces de aparecer como argumentos de distintos predicados. Con tal fin, ofrecemos evidencia semántica y sintáctica, para dar cuenta de sus tres interpretaciones posibles: una lectura definida débil, una lectura indefinida débil y una lectura definida fuerte. A su vez, asociamos estas tres lecturas a distintas proyecciones funcionales, que se encuentran por encima del SN. Así, aunque superficialmente se trate de nombres escuetos, entendemos que sus disferencias subyacen a diferentes tipos de escuetez.

Palabras clave: nombres escuetos, español rioplatense, definidos débiles, indefinidos débiles, definidos fuertes

* Universidad de la República, Uruguay (Udelar); Sistema Nacional de Investigadores (SNI). *E-mail*: carolinaoggiani@gmail.com.

1 INTRODUCTION

Despite Spanish being a language with a determiner system with definite and indefinite articles, it also allows nominals without determiners in argument position. As it is well-known, the literature claims that singular count nominals (BNs) are only possible in object position of so-called have predicates and intensional verbs (BOSQUE, 1996; DOBROVIE-SORIN et al., 2006; ESPINAL; MCNALLY, 2011; ESPINAL, 2010, among others). From a theoretical perspective, it has been assumed that BNs denote a property of an individual and that they undergo a process of semantic pseudo-incorporation when selected by these predicates.

Rioplatense Spanish (RPS) —a variety spoken in Montevideo, Buenos Aires, and their surroundings— seems to display a broader picture. RPS shares with peninsular Spanish the same determiner system and the same BNs in object position, but it also allows BNs in a wider range of contexts. Even though it is a lexically restricted phenomenon, we claim it is more productive than has been suggested to date. The data from (1) to (3) illustrate the paradigm.[1]

(1) Los jugadores de Uruguay están en cancha.
the players of Uruguay are in field
'The Uruguayan players are on the football field.'

(2) Secretaría está cerrada de mañana./ Pintaron secretaría el mes pasado.
secretary's office is closed of morning/ painted-3p.pl. secretary's office the last month
'The secretary's office is closed in the morning./ They painted the secretary's office last month.'

(3) Estrenamos obra la semana que viene.
release-1p.pl. play the week that come-3p.sing.
'We will release a play next week.'

This article addresses the semantic nature of BNs such as the ones presented in examples (1) to (3). We aim to show these BNs appear productively as complements of the locative preposition *en* (in) (1) with a weak definite interpretation. We mean weak definites in the sense that they have a definite reading but they do not seem to presuppose a unique entity, as regular definites do (AGUILAR-GUEVARA, 2014; DE SWART, 2015, among others). Other BNs — which are lexically restricted to institutional domains — occur freely in any argument position and have a strong definite reading, as exemplified in (2). We name them strong definites in the sense that they behave like proper names; that is, they refer to a specific and univocal identifiable object (LONGOBARDI, 1997). When selected by presentation and creation verbs in object position (3), BNs get a weak indefinite reading. By weak indefinites we refer to nominals that have an indefinite singular interpretation, but their defectiveness does not equate them to regular indefinites (DAYAL, 2011).

1 The data presented throughout this paper mainly belong to a colloquial register of Rioplatense Spanish. They come from different sources, such as emails and spontaneous conversations. Please note that they do not constitute any sort of a formal corpus, since they were not collected in a systematic manner.

In a nutshell, after offering empirical semantic and syntactic evidence in favour of three different groups of BN in RPS, we build our proposal based on certain lexical features that a noun can have when entering the derivation (based on DE SWART, 2015). Depending on the lexical feature of the noun therefore, and on the kind of predicate it combines with, we can arrive at a weak definite interpretation, a weak indefinite interpretation, and a strong definite interpretation. Furthermore, we argue that the absence of an overt determiner in all cases leads to semantic enrichment; in other words, apart from their compositional meaning, these structures all add a stereotypical meaning.

This paper is laid out according to the following four sections: section 2 works out the distribution and descriptive behaviour of BNs in RP; section 3 discusses the main results of BNs, whilst section 4 provides the main theoretical assumptions on the nominal domain and builds on our semantic model. Finally, section 5 offers some final observations on the phenomenon of bare nominal expressions.

2 SEMANTIC AND SYNTACTIC PROPERTIES OF BNS IN RPS

In this section we present some diagnostics that aim to show the differences between BNs in RPS. The principal claim — as mentioned in the previous section — is that they can be interpreted as weak definites (1), weak indefinites (2) or strong definites (3), and we will correlate these interpretations with different types of functional projections. With regards to their semantic properties, we will examine their scope, number interpretation and semantic enrichment, and as for their syntactic properties, modification and adjacency will be tested.

2.1. SEMANTIC PROPERTIES OF BNS IN RPS

Weak definites appear as complements of locative prepositions (and also of directional prepositions).[2] The logical form in (4) demonstrates that they accept both wide and narrow scope. We therefore argue that the bare noun takes scope under the universal quantifier so that we can interpret that all the players are in different fields. Given the availability of wide scope, the bare noun can also take scope over the universal quantifier, making it possible to interpret that all the players are in the same field.

(4) Todos los jugadores están en cancha.
all the players are in field
'All the players are in the field.'

a. Available reading: $\forall x[\text{player}(x) \rightarrow \exists y[\text{field}(y) \wedge \text{be-in}(x, y)]]$
b. Available reading: $\exists y[\text{field}(y) \wedge \forall x[\text{player}(x) \rightarrow \text{be-in}(x, y)]]$

2 The observation that weak definites appear only as complements of certain prepositions when bare — as *to be in jail, be at home* — has already been made for English (STVAN, 2009; CARLSON; SUSSMAN, 2005; CARLSON et al., 2006).

Strong definites can appear in any argument position and they always call for wide scope. Then, the only available reading in (5) is that all the students are in the same secretary's office.

(5) Todos los estudiantes están en secretaría.
all the students are in secretary's office
'All the students are in the secretary's office.'

a. Available reading: ∃y[secretary's office (y) & ∀x[student(x) → be-in (x, y)]]
b. Not available reading: ∀x[student(x) → ∃y[secretary's office t(y) & be-in (x, y)]]

Regarding weak indefinites, they are compatible with narrow and wide scope. Hence, in (6) we get the most plausible reading that all the companies released one play —being a different one for each company—, but the interpretation that all the companies released the same play is also available.

(6) Todas las compañías teatrales estrenaron obra.
all the companies theater release-3p.pl. play
'All the theater companies released a play.'

a. Available reading: ∀x[company (x) → ∃y[play (y) ∧ release (x, y)]]
b. Available reading: ∃y[play(y)∧∀x[company(x)→ release (x, y)]]

The second diagnostic, to test number interpretation, is VP ellipsis and discourse anaphora. We claim that weak definites are not sensitive to number, thus they are number neutral. Considering that the descriptive content of the elided VP does not necessarily match the descriptive content of the first sentence, we argue for a sloppy interpretation. As such, in (7) we interpret either that Mario and Juan are on different routes or that they are in the same route.

(7) Juan está en ruta y Mario también.
Juan is in route and Mario too
'Juan is in the route and Mario is too.'

The second piece of evidence in favour of number neutrality is that in a continuation sentence they accept being picked up both by a singular and a plural nominal expression (8).

(8) Mujica estuvo en prisión.
Mujica was in prison

a. Estuvo en Punta Carretas.
was in Punta Carretas

b. Estuvo en Punta Carretas y en otra.
was in Punta Carretas and in other
'Mujica was in prison. He was in Punta Carretas/ He was in Punta Carretas and in another one.'

Strong definites do not have a sloppy reading. In this case, the elided VP is referentially linked to the overt one, so that the elided noun must refer to the same entity that the overt noun refers to (9).

(9) Sara está en bedelía y Facundo también.
Sara is in the registration office and Mario too
'Sara is in the registration office and Facundo is too.'

Likewise, strong definites only accept a singular nominal expression in a continuation sentence, never a plural (10):

(10) Facultad$_i$ está cerrada.
faculty is closed

a. pro$_i$ abre tarde.
pro open-3p.sing. late

b. *Una abre tarde y la otra temprano.
one open-3p.sing. late and the other early
'The faculty is closed. It opens late./ One opens late and the other, early.'

With respect to weak indefinites, we argue that they denote in the singular domain. In (11) the most plausible interpretation is that Juan and Pedro recorded a different album, although it is also possible to interpret that they are part of the same band and that they recorded the same album.

(11) Juan grabó disco y Pedro también.
Juan recorded-3p.sing album and Pedro too
'Juan recorded an album and Pedro did too.'

In support of their singular reading, we rely on the continuation sentence test. As exemplified below in (12), the BN accepts only being picked up by the singular pronoun *la* (12a) and not by the plural pronoun *las* (12b), nor by the indefinites (13b).

(12) Este año estrenamos obra.
this year release-1p.pl. play

a. La estrenamos en julio.
lt-sing. release-1p.pl in July

b. *Las estrenamos en julio.
lt-pl. release-1p.pl in July

c. #Estrenamos una en julio y la otra en agosto.
release-1p.pl. one in July and the other in August
'This year we will release a play. We will release it in July/ We will release them in July/ We will release one in July and the other in August.'

In the third case, we claim that the absence of a determiner in RPS always leads to semantic enrichment. Thereby, besides the literal meaning, the sentences with weak definites (13), strong definites (14), and weak indefinites (15) show some degree of a non-compositional meaning that is related to a culturally determined stereotypical activity or event[3] (DAYAL, 2011; AGUILAR-GUEVARA, 2014).

(13) El doctor está en consultorio.
the doctor is in clinic
'The doctor is in the clinic (treating patients).'

(14) Hoy voy a facultad.
Today go-1p.sing to faculty
'I go to the university (where I work/ am a student/ am a professor).'

(15) Cecilia terminó monografía de Semántica.
Cecilia finished-3p.sing paper of Semantics
'Cecilia, (who is a university student), finished a paper on Semantics.'

So far, we have determined that BNs in RPS have different interpretations. The tests provided above demonstrate that, apart from their distribution, they are different in terms of scope, number interpretation and, in addition, of a stereotypical meaning on top of their literal meaning.

2.2.SYNTACTIC PROPERTIES OF BNS

This section analyses three syntactic aspects of BNs in RPS: the type of modifiers they combine with and the degree of adjacency between the BN and the predicate.

With regards to modification, RPS BNs are sensitive to modification, but in different ways. As will be demonstrated below, modifiers are not entirely productive when combined with BNs. In (16), weak definites only accept kind modifiers and reject individual predicates, such as descriptive or evaluative adjectives.

(16) El doctor está en consultorio pediátrico/ *grande/ *feo.
the doctor is in clinic pediatric big ugly
'They doctor is in the pediatric clinic.'

Strong definites tend to reject modification. They cannot be modified by prenominal or postnominal individual predicates (17a) nor by kind level modifiers (17b).

3 I maintain the label *semantic enrichment* (developed in AGUILAR-GUEVARA, 2014), although I am aware that the three types of BNs are not equally semantically enriched. I prefer to adopt a loose version of semantic enrichment, as an umbrella term, in order to account for their different prototypical meanings. Please note that if we replace the BN with a determiner, the prototypical meaning is no longer a prerequisite of the nominal expression.

(17) a. *El trámite lo hice en nueva bedelía/ bedelía nueva.
the paper-work it did in new registration-office/ registration-office new

b. *Bedelía universitaria abre de mañana.
Registration-office academic open-3p.sing. of morning

As for weak indefinites, they are restricted to kind level modifiers. However, as illustrated in (18), not all kind level modifiers seem to be productive, then some seem to be incompatible with this class of BNs. [4]

(18) Estrenó obra de terror/ ??internacional/ *teatral.
release-3p.sing. play of horror/ international/ theater
'He/she released a horror play.'

By looking at adjacency, we want to explore how syntactically independent BNs in RPS are. Within this context, adjacency aims to test whether BNs are required to appear contiguous to their predicate.

It is worth noting that adjacency between a nominal expression and its preposition— as is the case for weak definites— is difficult to test. This is because the noun (being an NP or even a regular DP) is inherently adjacent to the preposition. Considering that it is not possible to apply this test with these weak definites, we will take a step forward and make some further assumptions. We will, in particular, assume that [P + BNs] have the same behavioural characteristics as other weak definite nominals. As has been attested for English (and other languages such as Dutch), weak definites usually alternate between presence and absence of the definite article in VPs, like *play (the) guitar, play (the) violin* (AGUILAR-GUEVARA, 2014; DE SWART, 2015). Indeed, RPS also provides constructions like the ones in English, which will be used here to test adjacency. As illustrated in (19), an adjunct (*todas las mañanas*/ 'every morning'; *todavía*/ 'still') can intercede between the BN (*taxi*, *guitarra*) and the verb (*tomar*, *tocar*), so we can pose that strict adjacency does not seem to be a property of weak definites:

(19) a. Juan toma todas las mañanas taxi.
Juan take-3p.sing. all the mornings taxi
'Juan takes the taxi every morning.'

b. Pedro toca todavía guitarra.
Pedro play-3p.sing. still guitar
'Pedro still plays the guitar.'

4 The fact that that weak indefinites combine only with some kind level modifiers (and not all) may have to do with contextual restrictions. A deeper analysis on this matter, that goes beyond the scope of this paper, remains for future research.

Moreover, due to their syntactic independence, they can be moved outside the main clause, as in cleft sentences (20).

(20) Tele es lo que vas a mirar ahora.
TV is it-sing. what go-2p.sing. to watch now
'TV is what you are going to watch now.'

Concerning strong definites, they are syntactically independent, for they do not need to be adjacent to the predicate (21). Likewise, they also appear in cleft sentences (22):

(21) a. Remodelaron ayer Rectorado.
renovated-3p.pl. yesterday rectorate
'Yesterday they renovated the rectorate.'

b. Rectorado ayer estaba cerrado.
rectorate yesterday was closed
'The rectorate was closed yesterday.'

(22) Rectorado es lo que remodelaron el semestre pasado.
rectorate is it-sing. what renovated-3p.pl. the semester last
'The rectorate is what was renovated last semester.'

In contrast, weak indefinites are syntactically dependent from their predicate. As exemplified in (23), they do not admit an adjunct *enseguida* ('right away') between the BN and the verb. In the same way, clefts lead to ill-formed sentences (24).

(23) *Abrimos enseguida cuenta porque nos casamos el año que viene.
open-1p.pl. right-away account because we marry the year that come-3p.sing.

(24) *Espéctáculo es lo que presentaron en el Teatro de Verano.
Show is it-sing what presented-3p.pl. in the Teatro de Verano

In this section, we have therefore offered empirical syntactic evidence in favour of our claim that BNs in RPS fall into three classes. As demonstrated, they accept different modifiers and they also show different levels of adjacency to their predicate. We now turn to a summary of their properties and their different interpretations.

3 SUMMARY OF BNS IN RPS

The data, summarized here in Table 1, show that BNs behave differently.

TABLE 1 — SEMANTIC AND SYNTACTIC PROPERTIES OF BNS IN RPS

	Class 1	Class 2	Class 3
	Weak definites	**Strong definites**	**Weak indefinites**
Scope	narrow-wide	wide	narrow-wide
Number interpretation	neutral	singular	singular
Semantic enrichment	yes	yes	yes
Modification	kind	none	kind (restricted)
Adjacency	not required	not required	required

Source: elaborated by the author.

Class 1 BNs present all the properties typically attributed to weak definites, already attested in the literature (AGUILAR-GUEVARA, 2014; DE SWART, 2015, among others), the only difference being that RPS provides rich empirical evidence in favour of BNs (besides DPs) with a weak definite reading. Then, we confirm that weak definites alternate between the presence and absence of the determiner. We assume that they are weak (as opposed to regular definites) in that they do not pick an individual, but a kind. Assuming that they denote an abstract object, we can easily explain some of the properties listed in Table 1. Namely, they allow for narrow scope; they are number neutral; and they combine with kind level modifiers. Syntactically, we claim that they are DPs —due to their syntactic independence— with a null definite determiner and that they lack NumP projection, which explains their kind denotation (BORIK; ESPINAL, 2012): $[_{DP}$ D ∅ $[_{NP}$ N]].

Class 2 BNs, on the other hand, have a strong definite interpretation and behave like proper names, then they refer to an inherently unique individual (in the sense of LÖBNER, 2011. See also LONGOBARDI, 1997, for a similar insight). That is to say, they exclusively pick an individual object that is well-known to speaker and/or hearer. This is why they accept only wide scope; they denote exclusively in the singular domain; and they reject any kind of modification. On this view, we explain their syntactic independence by arguing that they are DPs with a null definite article. Based on their singular interpretation, they project a NumP above NP: $[_{DP}$ D ∅ $[_{NumP}$ Num sing. $[_{NP}$ N]]].

Class 3 BNs have a weak indefinite interpretation. Their defective behaviour (unlike DPs with an overt indefinite article) suggests that they have an indefinite singular reading, but are defective in that they allow for wide and narrow scope; reject almost all types of modifiers and require strict adjacency. Due to their syntactic dependence from their predicate, they do not reach a DP layer, but they project up to NumP: $[_{NumP}$ Num sing. $[_{NP}$ N]]. We advocate these BNs can be analysed as a clear case of pseudo-incorporation, in line with Dayal (2011).

4. TOWARDS A SEMANTIC PROPOSAL FOR THE THREE CLASSES OF BNS IN RPS

This section presents our main theoretical assumptions which serve as a starting point to construct our model on the nominal domain. Following this, a formal analysis for the three types of BNs in RPS is provided.

4.1. SOME ASSUMPTIONS ON THE NOMINAL DOMAIN

To begin, we assume that firstly, the canonical syntactic structures for nominal expressions in a language like Spanish, with number morphology and determiners is [$_{DP}$ D [$_{NumP}$ Num [$_{NP}$ N]]] (BORIK; ESPINAL, 2012, p. 128). We maintain the assumption that this nominal structure can lack one (or more) of its layers.

Secondly, we consider that there is a direct mapping between the semantic and the syntactic representation for the nominal domain. Namely, that nouns denote properties: they are ambiguous in that they can denote a property of an object or a property of a kind (<$e^{o/k}$,t>). The NumP projection correlates exclusively with the denotation of a property of an object (<e^{o},t>), it being compatible with atomicity.[5] As for D, it correlates with the ι operator, which denotes the only individual that is salient in the context.

Thirdly, and assuming that all nouns denote properties (MATUSHANSKY, 2006), we argue that nouns enter the derivation with an ambiguous feature. This means they can either behave as common nouns or as weak nouns (25a), depending on the denotation of their predicate. We also claim that some nouns enter the derivation with a strong feature, being a combination between proper names and common nouns. They are defined as having the property of being x (just like common nouns), besides being named x (25b) (GOMESHI; MASSAM, 2009).[6]

(25) a. Noun $_{[common/weak]}$: { $x^{o/k}$: property of x}
b. Noun $_{[strong]}$: { $x^{o/k}$: property of x ∧ is-named x}

Bearing these three basic assumptions in mind, in the next subsection we develop our model for BNs in RPS.

4.2. A SEMANTIC ANALYSIS FOR BNS IN RPS

In this section we follow the analysis of Aguilar-Guevara (2014) in that weak definites denote a kind. We also redefine de Swart (2015)'s analysis in terms of the lexical features

5 I follow Borik and Espinal (2012) in that NumP correlates with the denotation of a property of an object, thus leaving aside kinds, which — under this analysis — lack the NumP projection.

6 The semantics for nouns with a [strong] lexical feature is inspired in Ghomeshi and Massam (2009, p. 74), who argue that proper names that enter the derivation with the value [name] pick out sets of individuals bearing the same name.

attributed to the nouns. Example (26) illustrates the logical form for weak definites BNs when combined with a locative preposition.

(26) en consultorio ('in clinic')

a. [[*consultorio*$_{[common/weak]}$]]: λx.consultorio<$e^{k/o}$,t>(x)
b. [*Ø consultorio*$_{[common/weak]}$]: ιx.consultorio<$e^{k/o}$>(x)
c. [[*en*$_2$]]: λzλy.en<e^k,et>(z)(y)
:λzλy∃v [REL(z)(v) ∧ en <e^k,et>(v)(y) ∧ U(y)(z)]
d. [[*en*$_2$ *consultorio*$_{[weak]}$]]: λy∃v[ιx.consultorio<e^k,t>(x) ∧ REL(z)(v) ∧ en<e^k,et>(v)(y) ∧ treat-in(y)(z)]

The lexical entry in (26a) states that nouns enter the derivation being a property of either a kind or an object. In (26b) the noun keeps the ambiguous lexical feature and combines with the ι operator that encodes the covert determiner, thus triggering the denotation of an entity. This leads us to believe that weak definites (either bare or with an overt determiner) constitute canonical arguments, then they project up to a DP (LONGOBARDI, 1994). Regarding the preposition, we contend with de Swart (2015) in that they have two different entries. In the second denotation, *en*$_2$ (26c) establishes a relation between a concrete figure and an abstract ground, namely the kind clinic. Furthermore, the Usage Stereotypical Relation (U) (AGUILAR-GUEVARA, 2014) accounts for semantic enrichment and the Realization Relation (REL) (AGUILAR-GUEVARA, 2014) instantiates a kind. Once it combines with its predicate, the noun specifies its weak feature (26d).

If we look at a regular definite expression with an overt determiner (27), the semantics stays the same as in weak definites ((26) and (26b)), but it differs in that the preposition *en*$_1$ selects for a concrete figure and a concrete ground (27c) (DE SWART, 2015). As such, in (27d) the noun specifies its common feature, lacking an enriched meaning (U) and the REL.

(27) en el consultorio ('in the clinic')

a. [[*consultorio*$_{[common/weak]}$]]: λx.consultorio<$e^{k/o}$,t>(x)
b. [[*el consultorio*$_{[common/weak]}$]]: ιx.consultorio<$e^{k/o}$>(x)
c. [[*en*$_1$]: λzλy.en <e^o,et>(z)(y)]]
d. [[*en*$_1$ el consultorio$_{[common]}$]]: λy[ιx.consultorio <e^o,t>(x) ∧ en <e^o,et>(z)(y)]

As stated in the above, strong definites denote an inherently unique object. In particular, (28) shows a mixed semantics, in which they share the properties of common nouns and proper names.

(28) rectorado ('rectorate')

a. [[*rectorado*$_{[strong]}$]]: λx(rectorado: <$e^{k/o}$,t> (x) ∧ is-named (x))
b. [[*rectorado*$_{[strong]}$ (of speaker/hearer)]]: πx(rectorado: <e^o,t> (x) ∧ is-named (x)) ∧ Rpossession (speaker/hearer, x)
c. [[∅ *rectorado*$_{[strong]}$ (of speaker/hearer)]] ιx(πx rectorado: <e^o,t> (x) ∧ is-named (x)) ∧ Rpossession (speaker/hearer, x)

The semantics in (28a) states that the noun enters the derivation as a predicate of object level individuals and kinds, that has also the property of being named x. In (28b) we take up the π operator and the Relation Possession (BARKER, 2011, p. 1114). The π operator turns the noun into a relational noun, so that it changes its argumental structure. In this way, we can explain why *Rectorado está en primer piso* ('The rectorate is on the first floor') is interpreted as 'The rectorate of my university is in the first floor'. Furthermore, R stands for the Possession Relation as a free pragmatically controlled variable. In our analysis, the π operator and the Possession Relation account for the semantic enrichment of these BNs: the possessor is the speaker (or hearer) and the possessed entity is the object denoted by the BN. Note that at this point of the derivation the noun specifies its denotation as an <e°, t> type and in (28c), through ι operator (here realized as a covert determiner), it specifies its definite reading (e° type).

In contrast, regular definites can potentially behave as common or weak nouns, depending on the predicate selecting them. The logical form in (29) shows that the noun denotes a property (either of an object or kind), and the ι operator gives the definite reading, in this case though, an overt determiner. Depending on its predicate, the noun will specify a common or weak reading in further levels of derivation.

(29) el rectorado ('the rectorate')

a. $[[rectorado_{[common/weak]}]]$: λx.rectorado $e^{k/o}$,t(x)
b. $[[el\ rectorado_{[common/weak]}]]$: ιx.rectorado $e^{k/o}$,t(x)

Turning to weak indefinites, as any noun, they enter the derivation as a property (30a) and in (30b) a NumP operator is introduced, which is required to account for atomicity. In (30c) we provide the semantics for the second entry-denotation of a transitive verb, which has the capacity to pseudo-incorporate a BN (DAYAL, 2011). In this way, the second entry-denotation of *estrenar* ('release') takes an agent as the external argument and a property P as the internal argument, which provides the descriptive content of *obra* ('play'). Finally, in (30d), once the noun combines with its predicate, it specifies its weak feature.

(30) estrenar obra ('release a play')

a. $[[obra_{[common/weak]}]]$: λx.obra<$e^{k/o}$,t>(x
b. $[[NumP\ obra_{[common/weak]}]]$ λx.obra<e°,t>(x)obra
c. $[[estrenar_2]]$: λP λy λe [estrenar-P(e) ∧ Agent(e)= y]
d. $[[estrenar_2\ obra_{[weak]}]]$: λy λe [estrenar-obra <e°,t>(e) ∧ Agent(e)= y]

As for the semantic enrichment, we follow Dayal (2003, p. 16). In (31) the modal operator points to prototypically determined events, that may vary from one culture to another. For RPS, as argued in this paper, these constructions seem to be lexically and contextually restricted.

(31) a. λP <eo,t> λy λe [V-P(e) ∧ Agent(e) = y ∧ Appropriately-Classificatory(e)]
b. An event denoted by a predicate δ that incorporates a property γ is appropriately classificatory iff $\Diamond_{probable}$ (∃e [δ (e) ∧ ∃y [Agent(e) = y] ∧ ∃x [γ (x) & Theme(e) = x]])

In turn, we propose a straightforward semantics for regular indefinites which are preceded by an overt indefinite article. In (32a) the noun denotes a property and in (32b) the indefinite article triggers an existential interpretation. Lastly, the second entry of the transitive verb (32c) takes an agent as the external argument and an object as the internal argument. As expected, in the final derivation (31d) there is no semantic enrichment involved, given the presence of an overt determiner.

(32) estrenar una obra ('release a play')

a. [[*obra* $_{[common/weak]}$]]: λx.obra $e^{k/o}$,t(x)
b. [[*una obra* $_{[common]}$]]: λx∃x(obra $e^{k/o}$,t(x))
c. [[*estrenar*$_1$]]: λx λy λe [estrenar(e) ∧ Agent(e)= y ∧ Theme(e)= x]
d. [[[*estrenar*$_1$ *una obra*$_{[common]}$]]:λxλyλe [estrenar(e) ∧ Agent(e)= y ∧ Theme(e)= λx∃x(obra e^{o},t(x))]

In sum, the semantics above aims to account for the different interpretations of BNs in RP: weak definites, strong definites and weak indefinites. We depart from the assumption that all nouns denote properties (either of a kind or an object) and by assigning them a weak, a common or a strong lexical feature we derive the denotation of BNs and common nouns.

5 CONCLUDING REMARKS

I have examined the behaviour of BNs in RPS by providing a series of semantic and syntactic diagnostics. Based on empirical evidence, I argue that BNs behave as weak definites, strong definites and weak indefinites. Theoretically, I argue that the differences lie in different types of bareness, which are directly captured by their semantics and their functional projections. Even though I have attributed distinct logical forms to three different classes of BNs, I argue that they still constitute a unified phenomenon: they all have no phonological realized determiner, which leads to different semantic behaviours of semantic enrichments, and they are all lexically restricted constructions.

REFERENCES

AGUILAR-GUEVARA, Ana. *Semantics, lexicon and pragmatics*. Utrecht: LOT, 2014.

BARKER, Chris. Possessives and relational nouns. *In*: MAIENBORN, Claudia; VON HEUSINGER, Klaus; PORTNER, Paul (ed.). *Semantics:* An International Handbook of Natural Language Meaning. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2011.

BORIK, Olga; ESPINAL, María Teresa. On definite kinds. *Recherches linguistiques de Vincennes*, França, v. 41, p. 123-146, 2012.

BOSQUE, Ignacio. *El sustantivo sin determinación:* la ausencia del determinante en la lengua española. Madrid: Visor, 1996.

CARLSON, Greg; SUSSMAN, Rachel. Seemingly indefinite definites. *In*: KESPER, Stephan; REIS, Marga (ed.). *Linguistic evidence*: Empirical, theoretical, and computational perspectives, v. 85. Berlin: Walter de Gruyter, 2005. p. 71-86.

CARLSON, Greg; SUSSMAN, Rachel; KLEIN, Natalie; TANENHAUS, Michael. Weak Definite Noun Phrases. *In*: DAVIS, Christopher; ZABBAL, Youri (ed.). *Nels 36*: Proceedings of the 36th Annual Meeting of the North East Linguistic Society. Amherst: GLSA, 2006. p. 179-196.

ESPINAL, María Teresa. Bare nominals in Catalan and Spanish. Their structure and meaning. *Lingua*, v. 120, n. 4, p. 984-1009, 2010.

ESPINAL, María Teresa; MCNALLY, Louise. Bare nominals and incorporating verbs in Spanish and Catalan. *Journal of Linguistics*, v. 47, n. 1, p. 87-128, 2011.

DAYAL, Veneeta. *A semantics for pseudo-incorporation*. New Jersey: Ms. Rutgers University, 2003.

DAYAL, Veneeta. Hindi pseudo-incorporation. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 29, n. 1, p. 123-167, 2011.

DE SWART, Henriëtte. Constructions with and without articles. *In*: BORIK, Olga; GEHRKE, Berit (ed.). *The Syntax and Semantics of Pseudo-Incorporation*. Leiden/Boston: Brill, 2015. p. 126-156.

DOBROVIE-SORIN, Carmen; BLEAM, Tonia; ESPINAL, María Teresa. Bare nouns, number and types of incorporation. *In*: VOGELEER, Svetlana; TASMOVSKI, Liliane (ed.). *Non-definiteness and Plurality*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 51-79.

GHOMESHI, Jila; MASSAM, Diane. The proper D connection. *In*: GHOMESHI, Jila; PAUL, Ileana; WILTSCHKO, Martina (ed.). *Determiners*: Universals and variation, Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 67-96.

LACA, Brenda. Presencia y ausencia de determinante. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (ed.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 891-928.

LONGOBARDI, Giuseppe. Reference and proper names: A theory of n-movement in syntax and logical form. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 25, n. 4, p. 609-665, 1994.

LONGOBARDI, Giuseppe. N-raising and place names. *In*: AMBROSINI, Riccardo; BOLOGNA, Maria Patrizia; MOTTA, Filippo; ORLANDI, Chatia. (ed.). *Scríbthair a ainm n-ogaim. Scritti in memoria di Enrico Campanile*. Pisa: Pacini, 1997.

LÖBNER, Sebastian. Concept types and determination. *Journal of Semantics*, v. 28, n. 3, p. 279-333, 2011.

MASULLO, Pascual. Los sintagmas nominales sin determinante: una propuesta incorporacionista. *In*: BOSQUE, Ignacio (ed.). *El sustantivo sin determinación*: la ausencia del determinante en la lengua española. Madrid: Visor, 1996. p. 169-200.

MATUSHANSKY, Ora. Why rose is the rose: On the use of definite articles in proper names. *Empirical Issues in Syntax and Semantics*, v. 6, p. 285-307, 2006.

STVAN, Laurel. Semantic incorporation as an account for some bare singular count noun uses in English. *Lingua*, v. 119, n. 2, p. 314-333, 2009.

Paper received on October 24, 2022.
Paper accepted on December 7, 2022.